



apoio cultural



realização



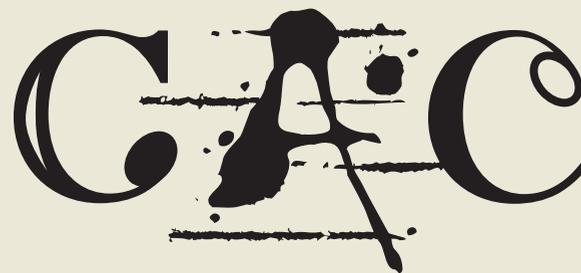
MINISTÉRIO DA CULTURA



CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

TEMPORADA 2017

Ministério da Cultura e Prefeitura de Curitiba *apresentam*



CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA
TEMPORADA 2017





CAMERATA
ANTIQUA
DE CURITIBA
TEMPORADA 2017

APRESENTA PROGRAMAÇÃO **“DIÁLOGOS”**



ÍNDICE

- 4 Rafael Greca de Macedo
– Prefeitura Municipal de Curitiba
- 6 Marcelo Cattani
– Fundação Cultural de Curitiba
- 8 Marino Galvão Jr.
– Instituto Curitiba de Arte e Cultura
- 10 Camerata Antiqua de Curitiba
- 16 Orquestra de Câmara
da Cidade de Curitiba
- 22 Coro da Camerata
Antiqua de Curitiba
- 28 Programação
- 82 Concertos nas Igrejas
- 86 Música pela Vida
- 92 Alimentando com Música
- 96 Biografias dos Compositores
- 122 Biografias dos Artistas
- 141 Ficha Técnica



CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Uma cidade é também a música que consegue produzir. Tanto melhor a orquestra, mais prestígio tem a cidade no concerto das Nações.

Alma musical de Curitiba, herança de nossos avós imigrantes, o Coro e Orquestra deste conjunto singular confunde sua trajetória com a história contemporânea da capital do Paraná.

Nossa Camerata é símbolo de excelência cultural desde o primeiro concerto, em 1974, quando era regida pelo maestro emérito Roberto de Regina, tendo no solo de cravo, a mestra de música Ingrid Müller Seraphim. Suas vozes e virtuosos foram recrutados nas diferentes igrejas de tradição europeia da cidade, em especial nas congregações evangélicas de tradição alemã e austríaca.

Mantida pela Fundação Cultural de Curitiba, administrada pelo Instituto Curitiba de Arte e Cultura, a Camerata tem por sede a esplêndida Capela Santa Maria, ao lado do Teatro Guaíra, relicário de harmonias ali acumuladas na divina liturgia e nos sucessivos concertos.

Tive orgulho de proporcionar a Camerata protagonismo na cena musical brasileira e internacional, promovendo suas apresentações em São Paulo, Rio de Janeiro, Assunção, Washington, Kopenhague, e nos principais teatros do Brasil.

Escolhi a Camerata para entoar o Te Deum de Luís Álvares Pinto, tida como uma das primeiras composições genuinamente brasileira, na Igreja da Nossa Senhora da Pena, no Porto Seguro, nas vésperas dos 500 anos do Brasil, em presença dos presidentes Mário Soares, de Portugal, e Fernando Henrique Cardoso, do Brasil. Também foi a nossa Camerata quem cantou no Arraial da Coroa Vermelha a missa dos 500 anos do Brasil, comemorativa da primeira missa celebrada por frei Henrique de Coimbra a 26 de abril de 1.500.

Ao levar as 10 regionais de Curitiba concertos didáticos, concertos litúrgicos, com um repertório que vai do Barroco ao Contemporâneo, nosso Coro e nossa Orquestra contribuem para a formação de futuras plateias, democratizando o acesso à Cultura e à grande Música.

Honram assim a tradição pitagórica desta cidade simbolista e singular.

Digam às Musas que não se esqueçam da beleza e da harmonia dos músicos e cantores de Curitiba.

RAFAEL GRECA DE MACEDO
Prefeito da Cidade de Curitiba



A Camerata Antiqua escreveu seu nome na história de Curitiba e do País, tornando-se um dos grupos de música erudita de maior destaque no Brasil.

Não foi tarefa fácil. Uma conquista trabalhada dia a dia por músicos abnegados, da Orquestra de Câmara e do Coro da Camerata, que sempre acreditaram no poder transformador da sua arte e da importância do espetáculo e da cultura musical para a apreciação e para a formação das pessoas.

A Camerata Antiqua de Curitiba superou os desafios, consolidou sua marca de qualidade e implantou um calendário de música erudita em nossa cidade que não tem mais volta. Já não há mais como dissociar a Camerata da cidade ou da Fundação Cultural de Curitiba.

Em 2007, quando revitalizamos a Capela Santa Maria e a designamos como sede permanente da Camerata, tínhamos noção da importância desse espaço cultural para o grupo e, mais ainda, para sua plateia, formada ao longo de décadas.

A formação de plateia e, talvez, de futuros novos músicos, é também uma tarefa que a Camerata fez questão de assumir, com programas maravilhosos como o Alimentando com Música, com concertos didáticos para estudantes da rede pública de ensino.

Quarenta e três anos de existência, mais uma temporada, o início de mais uma série exemplar de celebração da música, da cultura e do espetáculo. Bravo, Camerata!

MARCELO CATTANI

Presidente da Fundação Cultural de Curitiba



UM LEGADO CULTURAL DE EXCELÊNCIA E RESPONSABILIDADE!

Sejam bem-vindos e bem-vindas à temporada de concertos da Camerata Antiqua de Curitiba. Um grupo de excelência artística, representação da nossa cultura para o Brasil e o mundo. Fruto do contínuo esforço de seus valorosos instrumentistas atuando em perfeito equilíbrio com o respiro das vibrantes vozes corais.

A temporada 2017 está no ar! Nosso objetivo neste ano é apresentar um repertório baseado em critérios internacionais de excelência, mas destinado ao grande público. Por isso, essa é uma das temporadas com maior número de apresentações já realizadas na história do grupo. Uma programação que inclui concertos na Capela Santa Maria, igrejas, hospitais, asilos, além do programa didático especialmente dedicado às crianças, um dos melhores e mais inovadores do país. Enfim, um calendário que prima por apresentar o trabalho de forma ampla e para públicos diversos.

Convidamos a todos vocês para tomar seus assentos, acompanhar e vibrar com a temporada mais diversificada já realizada pela Camerata Antiqua de Curitiba. Um grupo que chega à sua 43ª temporada com uma qualidade preservada graças ao trabalho paciente e meticuloso realizado pelos nossos virtuosos artistas, mas também resultado do contínuo e responsável investimento feito pela Prefeitura de Curitiba, por meio da Fundação Cultural de Curitiba.

MARINO GALVÃO JR.
*Diretor Executivo do Instituto
Curitiba de Arte e Cultura*

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA



CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

A Camerata Antiqua de Curitiba (CAC) traduz o som que celebra a cidade, tornando-se, ao longo de seus 43 anos de existência, um dos símbolos musicais locais. Constituída por Coro e Orquestra, a Camerata nasceu em 1974, sob a égide do talento de seus fundadores, o regente Roberto de Regina – hoje seu maestro emérito – e a cravista Ingrid Seraphim. A proposta inicial de execução exclusiva de música barroca e renascentista foi enriquecida com o acréscimo de um repertório de compositores contemporâneos nacionais e estrangeiros, abrindo novas vertentes musicais. Mantida pela Fundação Cultural de Curitiba – FCC e administrada pelo Instituto Curitiba de Arte e Cultura – ICAC, a Camerata Antiqua possui uma trajetória de conquistas e sucessos que se explica pelo empenho de seus integrantes no contínuo aperfeiçoamento de conhecimentos e técnicas musicais, levando o grupo a se destacar nacionalmente pela qualidade e excelência de seu trabalho. Além do prestígio conquistado, a CAC é também uma verdadeira escola, pois muitos de seus membros e coralistas realizam carreiras individuais, conquistando prêmios em concursos no Brasil e no exterior. Para alcançar esse patamar, a Camerata contou com o comando seguro de músicos notáveis, como o maestro Gerard Galloway e o violinista Paulo Bosísio, responsáveis por longo período pela orientação técnica do coro e da orquestra, respectivamente, além de Lutero Rodrigues, maestro titular nos anos de 1987 e 1988, e Wagner Polistchuk, diretor artístico de 2009 a 2011. A preocupação com questões sociais também marcou a atuação da Camerata, no decorrer dos anos. Foram criados os programas “Música pela Vida”, em 1990, e “Alimentando com Música”, em 1993, com o propósito de levar a linguagem universal da música para salas de aulas, fábricas, asilos, orfanatos, hospitais



e penitenciárias, transformando concertos didáticos em ingredientes de integração social. Seguindo o caminho de modernização trilhado por orquestras de todo o mundo, a Fundação Cultural de Curitiba implantou diversas ações, entre elas a ampliação do número de integrantes do grupo e a construção de parcerias e, principalmente, investiu na restauração da Capela Santa Maria Espaço Cultural, atual sede oficial da Camerata, que conta com salas de concertos e ensaios. A Camerata Antiqua instituiu, ainda, um Conselho Artístico, formado por músicos representantes do grupo, que atualmente responde pela elaboração da programação oficial das temporadas anuais, na qual estão presentes como convidados importantes regentes e solistas nacionais e internacionais. A maturidade musical conquistada em quatro décadas de atuação está registrada em oito discos (long plays) e seis CDs, com um repertório que abrange composições dos grandes nomes da música erudita universal. Nos últimos anos, a CAC obteve também sucesso e reconhecimento em diversas estreias nacionais e mundiais, incluindo obras encomendadas especialmente para o grupo. A versatilidade na execução da música antiga e contemporânea é elemento fundamental de um trabalho contínuo, verdadeiro legado à cultura brasileira.

CURITIBA

CAMERATA ANTIQUA

The Camerata Antiqua de Curitiba (CAC) translates the sound that celebrates the city and represents the city of Curitiba as well. Over the last 43 years it has become a local symbol of excellence in music. Made up of a Choir and Chamber Orchestra, the Camerata was created in 1974 under the charge of its founders, Roberto de Regina (today its conductor emeritus), and harpsichordist Ingrid Seraphim. The initial proposal was to solely perform music from the Baroque and Renaissance period, however it was enriched by the growth of its repertoire to include contemporary composers from both Brazil and abroad, opening them up to new musical experiences. The Camerata is maintained by the Fundação Cultural de Curitiba – FCC (Curitiba Cultural Foundation) and managed by the Instituto Curitiba de Arte e Cultura – ICAC (the Curitiba Institute of Art and Culture). Its success can be attributed to the dedication of its members to the constant growth of their technical skills, which has in turn lead to its strong reputation for quality and excellence throughout Brazil. As well as its success as a group, the orchestra is also considered to be a true educational institution, as many of its members, both choral and instrumental, have careers as soloists, winning prizes in competitions in both Brazil and abroad. To get to this level, the Camerata has relied upon the solid command of notable musicians such as maestro Gerard Galloway and violinist Paulo Bosisio, who for a long time was responsible for the technical guidance of both the orchestra and choir, respectively, as well as Lutero Rodrigues, resident conductor in 1987/1988, and Wagner Polistchuk, artistic director between 2009 and 2011. Over the years the Camerata has shown a concern for social issues, creating projects such as the Música pela Vida (Music for Life) in 1990 and Alimentando com Música (Feeding with music) in 1993, with the objective of social integration through bringing the universal language of music to classrooms, factories, hospitals, psychiatric institutions, orphanages and prisons, transforming educational concerts ingredients of social integration. Following the modernization of other orchestras throughout the world, the Curitiba Cultural Foundation has also implemented various measures such as the increase in the number of both choir and orchestra members, building relationships with various partners, but principally investing in the restoration of the Capela Santa Maria – Cultural Space, now the Camerata's home, including a concert hall and rehearsal rooms. The Camerata also established an Arts Council, comprised of musicians from the group, who are responsible for the building of the annual concert calendar, which includes national and international conductors and soloists. The musical maturity built over the last four decades has been captured on eight LP's and six CDs including repertoire from the greatest of classical music composers. Over the last few years the Camerata has gained recognition for various national and international premieres, including pieces composed specifically for the group. The Camerata's key element of combining both Early and Contemporary music shows its versatility, leaving a true Brazilian culture legacy.



ORQUESTRA
DE CÂMARA
DA CIDADE DE
CURITIBA



ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

Fundada em 1974, como parte integrante da Camerata Antiqua de Curitiba, a orquestra de cordas teve um período de dedicação exclusiva à música antiga, sob a direção do maestro Roberto de Regina. Posteriormente, incorporou a música contemporânea, estimulada pelo violinista Paulo Bosísio, que respondeu pela orientação técnica e regência do grupo de 1983 a 1985. O trabalho resultou em importante crescimento técnico dos instrumentistas. Em 1989, passou a ser chamada de Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba, dominando um repertório amplo e original, inclusive com audições brasileiras e mundiais inéditas. Em sua programação constam obras para cordas de todos os tempos, com ênfase para a música barroca e brasileira. O grupo atua sob a direção de importantes regentes convidados e tem acompanhado renomados solistas brasileiros e estrangeiros. Aberta a experiências em outras áreas que não apenas a da música erudita, a Orquestra de Câmara tocou na companhia do grupo paulista “Nouvelle Cuisine”, em apresentações pelo Brasil, em 1991. Também foi escolhida para participar do “Projeto Brasil Musical”, em 1994, quando realizou turnês com destacados nomes da música instrumental brasileira, entre eles Egberto Gismonti, Wagner Tiso e Zimbo Trio. Além de ter se apresentado em várias cidades brasileiras, a orquestra tomou parte dos principais festivais de música do país. A Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba exhibe, igualmente, um currículo internacional. Em 1990, foi convidada a integrar o Festival Cultural de Sinaloa, no México, quando fez nove concertos, executando música brasileira e obtendo grande sucesso de público e de crítica. Participou, ainda, em 1997, do Festival Brasileira II, em Copenhague (Dinamarca).



Em setembro de 1999, na comemoração dos seus dez anos de existência, a Orquestra de Câmara apresentou-se na Itália, na abertura das comemorações do V Centenário da República do Brasil, realizando concertos no Instituto Ítalo-latino-americano, Palácio de Santa Croce e na Igreja dos Portugueses, em Roma. Também executou concerto no “51° Prix Itália” da rede de televisão estatal italiana – RAI, no Teatro Verdi de Florença, na cerimônia de entrega do “Prêmio Especial ao Presidente da República do Brasil”, pelos 500 anos de descobrimento do país. Nessa viagem, a orquestra mostrou a música de autores brasileiros e realizou a primeira audição, na Europa, dos compositores paranaenses Brasília Itiberê e Bento Mossurunga. O programa foi transmitido via satélite para todo o mundo, motivando a gravação de um CD. Para aprimorar ainda mais o conhecimento técnico e artístico, hoje a Orquestra de Câmara Cidade de Curitiba realiza seu trabalho sem a presença de um maestro titular, apresentando-se com regentes convidados, vindos dos mais importantes centros culturais do país e do exterior, alçando o grupo à posição de uma das principais orquestras brasileiras de câmara.

CURITIBA CHAMBER ORCHESTRA

Founded in 1974 as part for the Curitiba Camerata Antiqua. Whilst under the baton of Roberto de Regina, it had a period dedicated solely to Early Music. Between 1983 and 1985, more contemporary music was added to their repertoire due to the direction of violinist Paulo Bosísio, who responded by technical guidance and artistic direction of the group from 1983 to 1985. This resulted in an important technical growth of the musicians. In 1989 the orchestra became known as the Curitiba Chamber Orchestra and had an extensive but original repertoire which included both Brazilian and world premieres. Their repertoire spanned many periods, with an emphasis on Baroque period and Brazilian music. Nowadays the orchestra receives important guest conductors and soloists from both Brazil and abroad. Open to other genres other than classical music, the orchestra played with the music group "Nouvelle Cuisine" from São Paulo in 1991 in concerts throughout the country. It was also chosen to take part in the "Projeto Brasil Musical" (The Musical Brazil Project) in 1994, when it toured with renowned Brazilian instrumentalists including Egberto Gismonti, Wagner Tiso and Zimbo Trio. As well as having performed in various Brazilian cities, the orchestra has also taken part in the main music festivals throughout the country. The Curitiba Chamber Orchestra can also boast an international curriculum. In 1990, it was invited to take part in the Festival Cultural de Sinaloa in Mexico, where it performed nine concerts, playing Brazilian repertoire with excellent reviews from the public and critics alike. In 1997, it also participated in the Festival Brasileira II, in Copenhagen, Denmark. In 1999 September, in celebration of its 10 years of existence the orchestra toured around Italy, a tour which included the opening concert of the Comemorações do V Centenário da República do Brasil (The V Centenary Celebrations of the Republic of Brazil) in the Italian-Latin-American Institute in Santa Croce Palace in the Portuguese Church, Rome, and a concert for the state television channel RAI during the Special Award Ceremony the 51st "Prix Italia" in Verdi Theater in Florence, in which an award was presented to the President of Brazil in celebration of 500 years since the Discovery of Brazil. On this same trip, the orchestra presented its public with music by Brazilian composers and performed the European premiere of pieces by composers Brasília Itiberê and Bento Mossurunga, both from the State of Paraná. The concert was transmitted around the world via satellite, and recorded on CD. In order to grow further technically and artistically, today the Curitiba Chamber Orchestra no longer performs under the baton of a principal conductor, but under a number of guests from the most important cultural centres in both Brazil and abroad, giving the orchestra the reputation of being one of the best chamber orchestras in Brazil today.



CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA



CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Fundado em 1974, como parte da Camerata Antiqua, desde o início de suas atividades o Coro da Camerata Antiqua de Curitiba destacou-se pela originalidade e leveza na interpretação da música renascentista e barroca, levando o grupo a desenvolver também programas “a cappella”. Essa proposta intensificou-se a partir de 1982, sob a regência de seu fundador, o maestro Roberto de Regina, e de eminentes convidados brasileiros e estrangeiros, entre eles o maestro Gerard Galloway, que por longo período respondeu pela orientação técnica do Coro. A sólida formação musical de seus componentes transformou o Coro da Camerata Antiqua em uma das referências da música vocal no Brasil, realizando concertos como convidado da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP), sob a regência de Roberto Minczuk, entre outras apresentações pelo país. Ao abordar diferentes vertentes, com a incorporação da música contemporânea e estreias de peças escritas especialmente para o grupo, o Coral adquiriu a marcante característica de transitar com autoridade por um vasto e eclético repertório. O investimento em espetáculos diferenciados e a realização de grandes apresentações renderam ao grupo reconhecimento que extrapolou fronteiras. Entre os concertos internacionais mais significativos destaca-se a turnê por cinco cidades alemãs, cantando “a cappella” e com a Orquestra de Câmara da Philharmonica de Arad (Romênia), em 2006. No ano seguinte, o grupo excursionou por Portugal, acompanhando a Orquestra Sinfônica da Póvoa do Varzim, a convite do 29º Festival Internacional de Música do Algarve. Em 2008, integrou o 8º Simpósio Mundial de Música Coral, realizado em Copenhague (Dinamarca), quando apresentou os espetáculos “Cores do Brasil” e “Lampejos da Música Sacra no Brasil”. A participação no 18º Festival Corale Internazionale – La Fabbrica Del Canto, na Itália, em 2009 – resultado do sucesso alcançado na Dinamarca –, fez com que o Coro levasse quatro programas diferentes para uma série de dez concertos pela região da Lombardia, com início na cidade de Legnano e término em



Milão. A performance obteve críticas favoráveis da imprensa europeia, que elegeu o Coro da Camerata como um dos dez melhores grupos vocais da atualidade. Em 2013, o grupo representou o Brasil na Bienal de Coros de Aachen (3ª Internacional Chorbiennale), na Alemanha, ao lado de diversos grupos internacionais e dos melhores coros profissionais alemães, interpretando programas de música popular e música sacra brasileira. A versatilidade do Coro da Camerata tem se confirmado com a realização, nos últimos anos, de programas cênicos que valorizam a qualidade musical, somada à criatividade no uso da expressão corporal, figurinos, maquiagem, adereços, cenário e luzes. O trabalho vitorioso do grupo tem o respaldo de nomes consagrados na música, como a cantora lírica Neyde Thomas, orientadora de técnica vocal no período de 1992 a 2011; o maestro Wagner Polistchuk, que assumiu a direção artística da Camerata Antiqua de Curitiba (Coro e Orquestra), de 2009 a 2011; e a regente titular do Coro, Helma Haller, de 2009 a 2012. Em 2013 e 2014, a maestrina cubana Maria Antonia Jimenez assumiu a regência. Atualmente, a maestrina Mara Campos está à frente do Coro da CAC como regente titular e diretora musical.

CURITIBA

CAMERATA ANTIQUA CHOIR

Founded in 1974 as part of the Curitiba Camerata Antiqua, the Curitiba Camerata Antiqua Choir has distinguished itself through its originality and ease with which it interprets both the Renaissance and Baroque repertoire, leading them to also develop programmes “a cappella”. This development in repertoire intensified from 1982 onwards under the baton of its founder, conductor Roberto de Regina, and other important musicians from Brazil and abroad, including conductor Gerard Galloway, who for a long time was responsible for the choir’s vocal technique. The solid musical foundation of each of its members has transformed the Camerata Antiqua Choir into a reference for vocal music in Brazil. They have performed numerous concerts throughout Brazil including concerts with the São Paulo State Symphonic Orchestra, under the baton of Roberto Minczuk. The choir has an ability to deliver a varied and eclectic repertoire with authority, incorporating contemporary music and premieres of pieces composed specifically for them. The group has broken barriers which can be seen through the investment in presenting concerts of great originality. International concerts include a tour in 2006 of five German cities performing both a cappella and with the Arad Philharmonic Chamber Orchestra (Romania), followed by a tour of Portugal the following year, performing concerts with the Symphony Orchestra of Póvoa do Varzim, in the 29th Algarve International Festival of Music. In 2008 they participated in concerts at the 8th World Symposium on Choral Music in Copenhagen, Denmark, performing two programmes, “Cores do Brasil” and “Lampejos da Música Sacra no Brasil”. As a result of their success in Denmark, the choir was invited to perform at the 18th Festival Corale Internazionale - La Fabbrica del Canto in Italy in 2009 where they performed four original programmes in a series of ten concerts in the Lombardia region, starting in Legnano and finishing the tour in Milan. The performance received favourable reviews from the European press, which elected the Camerata Choir as one of the ten best vocal groups of today. In 2013 the group represented Brazil in the Bienal Choirs of Aachen (Third International Chorbiennale), in Germany, alongside international choirs, and the best of the professional German choirs, performing both popular and sacred Brazilian music. The Choir’s versatility can be seen through its more recent concerts that are staged to include not only their high standards in music but also much creativity through the use of costumes, scenery, props and lighting. The success of the group has been supported by established names in music, such as opera singer Neyde Thomas, vocal coach between 1992 and 2011; maestro Wagner Polistchuk, artistic director of the Curitiba Camerata Antiqua (both Choir and Orchestra) between 2009 and 2011 and Helma Haller, resident conductor of the Choir between 2009 and 2012. In 2013 and 2014 Cuban conductor María Antonia Jimenez was responsible for the choir’s artistic direction. In nowadays, the conductor Mara Campos is leading the Camerata Antiqua Choir as principal conductor and musical director.





PROGRAMAÇÃO

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Homenagem aos 324 Anos de Curitiba

Regência Mara Campos (SP)

29 de março, 10h30

Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Luz dos Pinhais



PROGRAMA

BENTO MOSSURUNGA (1879-1970)

Letra *Ciro Silva*

Hino de Curitiba

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

Arranjo *Mara Campos*

Melodia Sentimental

EDMUNDO VILLÂNI-CÔRTEZ (1930)

Sina de Cantador (Versos Júlio Bellodi)

Frevo Fugato

MOZART CAMARGO GUARNIERI (1907-1993)

Sanctus (da Missa Dilígite)

GEORG FRIEDRICH HÄNDEL (1685-1759)

Hallelujah (do Messias)

NOTAS DE PROGRAMA

Heitor Villa-Lobos - Melodia Sentimental

Melodia Sentimental se tornou uma das mais conhecidas canções de Villa-Lobos, sendo interpretada por cantoras líricas de renome como as sopranos Kathleen Battle, Renée Fleming, Bidu Sayão e Maria Lúcia Godoy. A canção que faz parte da Suíte Floresta do Amazonas composta em 1958, é uma de suas últimas composições. Neste arranjo criado por Marco Aurélio Koentopp, temos a versão para coro misto e cordas, desta belíssima e envolvente canção.

Edmundo Villâni-Côrtes - Sina de Cantador

Composta em 1998 durante uma série de trabalhos juntamente com o autor da letra, Júlio Bellodi, a primeira versão de Sina de Cantador para voz solo e piano foi uma encomenda do parceiro para participação em um concurso. Neste caso, a música foi composta anteriormente à letra.

Edmundo Villâni-Côrtes - Frevo Fugato

De seu original para coro misto a quatro vozes (1982), esta versão do Frevo Fugato foi elaborada como um estudo durante os trabalhos do compositor, do Mestrado em Composição da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mozart Camargo Guarnieri - Missa Dilígite

A Missa Dilígite de Camargo Guarnieri foi composta originalmente para coro e órgão em 1972, versão apresentada neste programa, tendo sido posteriormente orquestrada para cordas pelo próprio compositor. Claramente baseada em um cantochão, esta obra diferencia-se consideravelmente do todo da obra do compositor. Constituída de Kyrie, Gloria, Sanctus e Agnus Dei, sem o Credo, a obra é uma de suas raras composições religiosas. Um tanto indiferente à estética de sua época, ela reflete o seu espírito reflexivo e intimista na busca da paz interior.

Georg Friedrich Händel - Hallelujah

O Coro Hallelujah faz parte do oratório Messias de George Friedrich Händel. O oratório foi escrito em 1741 e teve sua estreia em 1742, durante a Quaresma em Dublin, na Irlanda. Este coro é certamente um dos mais executados pelos coros e orquestras em todo mundo. É o movimento da obra que tornou-se mais conhecido e aguardado com grande expectativa pela plateia em todos os tempos. O texto é extraído do Apocalipse (19:6; 11:15; 19:16), último livro da Bíblia Sagrada.

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Johann Sebastian Bach Paixão Segundo São Mateus

Regência Abel Rocha (SP)

14 de abril, 19h30 Santuário Nossa Senhora de Guadalupe

15 de abril, 18h30 Comunidade do Redentor

Personagens e Solistas

Jesus (Baixo) Bruno Spadoni (PR)

Evangelista (Ator) Emílio Pitta (PR)

Soprano Rosana Lamosa (RJ)

Contratenor Paulo Mestre (PR)

Contralto Daniele Oliveira (MS/PR)

Tenor Miguel Geraldi (SP)

Baixo Norbert Steidl (Áustria/Brasil)

Participação Especial Papo Coral e Cantateca (infantojuvenil)

Maestrina Cristiane Alexandre (PR)

Regentes Auxiliares Júlia Alexandre Sagin (PR), Paula Harada (PR)



ÚLTIMA CEIA (São Mateus 26: 14-35)

7. Narrador Evangelista
8. Ária soprano: Blute nur, du liebes Herz!
- 9a. Narrador Evangelista
Recitativo Jesus: Vahrlich, ich sage euch:
- 9b. Narrador Evangelista
- 9c. Coro: Herr, bin ichs?
10. Coral: Ich bin´sich sollte büssen
11. Narrador Evangelista
Recitativo Jesus: Trinket alle daraus
12. Recitativo soprano: Wiewohl mein Herz in Tränen schwimmt
13. Ária soprano: Ich will dir mein Herze schenken
14. Coral: Ich will hier bei dir stehen
15. Narrador Evangelista

NO MONTE DAS OLIVEIRA

(São Mateus 26: 36-56)

16. Recitativo Jesus: Setzet euch hie, bis dass ich dort hingehe und bete
Recitativo Jesus: Meine Seele ist betrübt
Narrador Evangelista
17. Recitativo tenor e coro: O Schmerz! Hierzittert das gequälte Herz
18. Ária tenor e coro: Ich will bei meinem Jesu wachen
19. Narrador Evangelista
- 20a. Ária (Dueto) soprano, contratenor e coro:
So ist mein Jesus nun gefangen
- 20b. Coro: Sind Blitze, sind Donner in Wolken verschwunden
21. Coral: O Mench, beweine dein Sünde gross

2ª. Parte

FALSO TESTEMUNHO

(São Mateus 26: 57-63)

JESUS ANTE CAIFÁS E PILATOS

(São Mateus 26: 63-75; 27: 1-14)

- Narrador Evangelista
- 22a. Coro: Wahrlich, du bist auch einer Von denen

- 22b. Narrador Evangelista
23. Ária contrato: Erbarme dich, meine Gott
24. Coral: Befiehl du deine Wege

ENTREGA E FLAGELAÇÃO

(São Mateus 27: 15-30)

- Narrador Evangelista
- 25a. Coro: Lass ihn kreuzigen!
Narrador Evangelista
- 25b. Coro: Sein Blut komme über uns
Narrador Evangelista
- 26a. Coro: Der du den Tempel Gottes zerbrichst
- 26b. Narrador Evangelista
27. Recitativo contratenor: Ach, Golgatha, unselges Golgatha!
28. Ária contratenor e coro: Sehet, Jesus hat die Hand
- 29a. Narrador Evangelista
Recitativo Jesus: Eli, Eli, lama asabthani?
Narrador Evangelista
- 29b. Coro: Der rufet dem Elias!
- 29c. Narrador Evangelista
- 29d. Coro: Halt! Lass sehen, ob Elias komme und ihm helfe?
Narrador Evangelista
30. Coral: Wenn ich einmal soll scheiden
- 31a. Narrador Evangelista
- 31b. Coro: Wahrlich, dieser ist Gottes Sohn gewesen

O ENTERRO (São Mateus 27: 55-66)

- 31c. Narrador Evangelista
32. Recitativo baixo: Am Abend, da es kühle war
33. Ária baixo: Mache dich, mein Herze, rein
- 34a. Narrador Evangelista
- 34b. Coro: Herr, wir haben gedacht, dass dieser Verführer sprach
- 34c. Narrador Evangelista
35. Recitativo baixo, tenor, contratenor, soprano:
Nun ist der Herr zur Ruh gebracht
36. Coro: Wir setzen uns mit Tränen nieder und rufen dir im Grabe zu.

PROGRAMA

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)

Matthäus - Passion BWV 244

Paixão Segundo São Mateus (Versão Reduzida)

(para solistas, coral infantojuvenil, 2 coros e 2 orquestras)

1ª. Parte

JESUS UNGIDO EM BETÂNIA

(São Mateus 26:1-13)

1. Coro: Kommt, ihr Töchter, helft mir klagen
2. Narrador Evangelista
Recitativo Jesus: Ihr wisset, dass nach zweien Tagen
3. Coral: Herzliebster Jesu, was hast du verbrochen
- 4a. Narrador Evangelista

- 4b. Coro: Ja nicht auf das Fest, auf dass nicht ein Aufruhr
- 4c. Narrador Evangelista
- 4d. Coro: Wozu dienet dieser Unrat?
Narrador Evangelista
- 4e. Recitativo Jesus: Was bekümmert ihr das Weib?
5. Recitativo contratenor: Du lieber Heiland du
6. Ária contratenor: Buss und Reu

NOTA DE PROGRAMA

Johann Sebastian Bach - Paixão Segundo São Mateus BWV 244

A Paixão Segundo São Mateus - BWV 244 é um oratório de Johann Sebastian Bach constituído de 68 números em que se alternam coros, corais, recitativos, ariosos e árias. Sua execução conta com vários solistas, 2 coros, 2 orquestras coral infantojuvenil. Nele, Bach explora musicalmente o caráter dramático da história que representa o sofrimento e a morte de Jesus Cristo como relatado no Livro de Mateus capítulos 26 e 27 das Escrituras Sagradas. A composição de Bach apresenta o texto bíblico de um modo relativamente simples, usando prioritariamente os recitativos, enquanto nas árias e ariosos, emprega textos poéticos, que comentam os vários eventos da narrativa bíblica. O libreto é de Picander (Christian Friedrich Henrici). Das quatro Paixões atribuídas a Bach, a Paixão Segundo São Mateus - BWV 244 e a Paixão Segundo São João - BWV 245, são as únicas citadas como autênticas do compositor conservadas em sua totalidade. A de São Mateus é considerada sua obra mais extensa. A execução na íntegra ultrapassa à 2h30 de duração. Esta obra-prima foi estreada na Sexta-feira Santa de 1727, na Igreja luterana de São Tomás, em Leipzig - Alemanha, onde Bach desempenhava a função de Kantor. E para comemorar nesta Sexta-feira Santa os 290 anos desde a sua estreia em 1727, a Camerata Antiqua de Curitiba apresentará uma versão reduzida, tendo um ator como Narrador Evangelista citando em português as passagens bíblicas. É uma versão já apresentada pelo grupo que hoje foi readaptada. De imensurável valor espiritual, esta monumental obra musical de Johann Sebastian Bach é um verdadeiro legado para a humanidade.

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Missa Kewere

Regência Leandro Carvalho (SP)

Solista Marlui Miranda (SP)

28 de abril, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural

29 de abril, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural



PROGRAMA

MARLUI MIRANDA (1949)

Missa 2 Ihu Kewere: Rezar (1997)

1. Canto de Entrada

Adaptado dos cantos dos Aruá de Rondônia

Arranjo adaptado: Lucian Rogulski

Arranjo original: Marlui Miranda e Nelson Ayres

- Primeiro Canto (Aruá)
- Segundo Canto (Aruá)
- Terceiro Canto (Aruá)
- Quarto Canto (Aruá)
- Quinto Canto (Anchieta)

2. Kyrie

Arranjo coral: Marlui Miranda

3. Gloria

Adaptado dos cantos dos índios Tupari de Rondônia

Tupari de Rondônia

Arranjo coral: Marlui Miranda

- Primeiro Canto (Tupari)
- Segundo Canto (Anchieta)

4. Aleluia: Aclamação do Evangelho

Arranjo coral: Marlui Miranda

5. Credo

Adaptado dos cantos dos índios Urubu-Kaapor

Arranjo: Marlui Miranda

6. Ofertório

Adaptado dos cantos dos índios Aruá

Arranjo adaptado: Lucian Rogulski

Arranjo original: Caio Marcondes

- Primeiro canto (Aruá)
- Segundo canto (Aruá)
- Terceiro canto (Aruá)
- Quarto canto

7. Pai Nosso

Arranjo adaptado: Lucian Rogulski

Arranjo original: Mateus Araújo

8. Agnus Dei

Adaptado dos cantos dos índios Aruá de Rondônia

Aruá de Rondônia

Arranjo adaptado: Lucian Rogulski

Arranjo original: Nelson Ayres

Arranjo coral: Marlui Miranda

- Primeiro canto (Aruá)
- Segundo canto (Anchieta)

9. Ação de Graças

Adaptado dos cantos dos índios Urubu-Kaapor

Arranjo coral: Marlui Miranda

10. Canto Final

Adaptado dos cantos dos índios Aruá de Rondônia

Arranjo original: Ruriá Duprat

- Primeiro canto (Anchieta)
- Segundo canto (Aruá)
- Terceiro canto (Tupari)

NOTA DE PROGRAMA

Escrita por **Marlui Miranda**

Muitas missas étnicas foram compostas, tais como a “Missa Creolla”, a “Missa da Terra Sem Males”, “Missa Yoruba”. A “Missa Kewere” assume os ingredientes culturais dos índios amazônicos brasileiros, distantes de uma tradição musical erudita.

Em Kewere, a ideia central da composição é a tensão, a contraposição de crenças: de um lado, fragmentos de cantos de cerimônias indígenas; de outro, versos cristãos do século XVI do jesuíta José de Anchieta e textos da liturgia acomodados dentro da mesma trama composicional. Os cantos indígenas selecionados na pesquisa são oriundos de celebrações solenes, em paralelo com as celebrações do rito católico. Assim, um canto de chegada se aproxima do intróito, sem que seja a mesma forma. A escolha de uma formação orquestral é pertinente à ideia da catequese, da conversão dos indígenas a uma religião europeia. A língua tupi, parte do tronco linguístico da grande maioria dos povos indígenas do Brasil, o Tupi-Guarani, é a língua ancestral que unifica a composição como um todo. Ao mesmo tempo em que a forma de “oratório” nos distancia das origens deles, nos aproxima misteriosamente, porque uma parte da interpretação vocal é feita de maneira étnica, evocando personagens indígenas, vozes que ecoam no passado da catequese. Assim, no Kyrie, a índia canta à sua maneira, misturando duas crenças: “Kyrie Eleison... Tupã oré r-ausubariépé... Tupã Eleison...”, enquanto, paralelamente, acontece um canto “gregoriano” e um canto de “nomação”, este último explicado como uma espécie de “batismo”, inspirado na tradição indígena. Kewere é uma

composição de equilíbrio delicado, em que procurei adequar o sentido musical e poético dos Aruá, dos Tupari, dos Urubu-Kaapor. Todos são povos que falam o tupi na atualidade. Os cantos indígenas são formas musicais raras, ameaçadas pelo esquecimento, portanto, fragilizadas. São em geral transmitidas através do mundo dos sonhos. É na estrutura de fragilidades e questionamentos desta peça musical que pousam os versos de José de Anchieta lado a lado com as vozes indígenas, os sons orquestrais e as vozes da Camerata de Curitiba reverberando, num mesmo tecido sonoro, passado e presente, em pensamentos religiosos tão opostos.

CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Rever

Regente Mara Campos (SP)

Violino Ricardo Molter (PR)

Violoncelo Estela de Castro (PR)

Piano Clénice Ortigara (PR)

Percussão Aglaê Frigeri (PR)

12 de maio, 20h

Capela Santa Maria Espaço Cultural

13 de maio, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural



PROGRAMA

FRANZ LISZT (1811-1886)

Ave Maria

ANTON BRUCKNER (1824-1896)

Virga Jesse floruit

BENJAMIN BRITTEN (1913-1976)

Hymn to the Virgin

OLA GJEILO (1978)

O magnum mysterium (Serenity)

HENRIQUE DE CURITIBA (1934-2008)

Nossa Senhora da Glória

GILBERTO MENDES (1922-2016)

Trova XV

Hilda Hilst, poema

ERIC WHITACRE (1970)

Five Hebrew Love Songs

Hila Plitmann, poemas

CHICO BUARQUE (1944)

Você vai me seguir

Ruy Guerra, poema

TRADITIONAL SPIRITUALS

Lord, if I got my ticket, can I ride

Elijah Rock

Deep river

Soon ah will be done

Ride the chariot

NOTA DE PROGRAMA

Escrita por **Mara Campos**

Neste mês de maio, o Coro da Camerata Antiqua de Curitiba dedica o programa REVER às mães e, num sentido ainda mais amplo, às mulheres que, num espectro de funções várias e responsabilidades multiplicadas, alinham-se em natureza e essência – para além da etnia, da disponibilidade do ventre ou da busca por um projeto de vida.

Elencada desde sempre por compositores, poetas, pintores, como presença mediadora e símbolo de maternidade, Maria – mãe do Salvador - é homenageada neste programa através de cinco preces, hinos devocionais, de autorias diversas e estéticas contrastantes. F. Liszt, A. Bruckner, B. Britten, O. Gjeilo e Henrique de Curitiba tecem um cenário de louvor e reverência à mulher e mãe espiritual, cuja tarefa de gerar e criar seu Filho permanece como referência de amor e desprendimento no cristianismo até nossos dias. O repertório segue, apontando para outras dimensões do afeto – cíclicas e naturais – espelhadas na condição humana, como o reconhecimento da capacidade para amar, a necessidade do encontro, a emancipação para fazer escolhas e o sofrimento pela perda. Dimensões essas inerentes ao ser humano, mas aqui sob um olhar feminino, através do discurso amoroso das canções de E. Whitacre, Gilberto Mendes e Chico Buarque. 13 de maio nos leva histórica e compulsoriamente à data comemorativa (129) dos quase 130 anos da abolição da escravidão no país. Manifestamos de forma singela pelas canções espirituais – negro spirituals - o respeito, a gratidão e nosso débito eterno para com as mulheres que, mesmo submetidas à força para

que desistissem de si mesmas, reviram seus filhos em outros filhos para que leite e sangue se misturassem a amor e desprendimento. REVER significa ver (-se) outra vez, examinar cuidadosamente com a intenção de melhorar. Este poema de Augusto de Campos, no contexto do programa, pode nos convidar a uma revisão de valores no reconhecimento do espaço a ser ocupado pela presença da mulher. Seja mãe, filha, companheira, Seja. Representatividade em trajetórias tão diversas.

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

Britten

Direção Musical e violino solo **Winston Ramalho (PR)**

Soprano solo **Kalinka Damiani (SC)**

19 de maio, 20h
20 de maio, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural
Capela Santa Maria Espaço Cultural



PROGRAMA

BENJAMIN BRITTEN (1913-1976)

Variações sobre um tema de Frank Bridge, Op. 10

- Introdução e Tema
- Variação 1: Adagio
- Variação 2: March
- Variação 3: Romance
- Variação 4: Aria Italiana
- Variação 5: Bourrée classique
- Variação 6: Wiener Waltzer
- Variação 7: Moto perpetuo
- Variação 8: Funeral March
- Variação 9: Chant
- Variação 10: Fugue and Finale

Simple Symphony, Op. 4 (1934)

- Boisterous Bourrée
- Playful Pizzicato
- Sentimental Sarabande
- Frolicsome Finale

Les Illuminations, Op.18 (para soprano e orquestra de cordas)

- Fanfarre
- Villes
- Phrase
- Antique
- Royauté
- Marine
- Interlude
- Being beauteous
- Parade
- Départ

NOTAS DE PROGRAMA

Variações sobre um tema de Frank Bridge, Op. 10

As Variações sobre um tema de Frank Bridge, do compositor inglês Benjamin Britten, foram escritas em 1937 a pedido de Boyd Neel, que regeu a estreia no Festival de Salzburgo, o que trouxe a atenção do mundo para Britten. Ele já havia iniciado a compor a obra em 1932, a partir de um tema de Frank Bridge, com quem estudara – era um tributo ao seu professor. Por diversos motivos, a obra não tinha ido adiante, até o convite de Boyd Neel e o comissionamento da obra, por parte do festival austríaco. À apresentação inicial do tema seguem-se dez variações, cada uma procurando refletir uma traço da personalidade do homenageado, Frank Bridge.

Simple Symphony, Op. 4 (1934)

A *Simple Symphony*, ou “Sinfonia Simples”, foi originalmente escrita para uma orquestra de estudantes, mas ela é também passível de ser executada por quarteto de cordas. Sua estreia se deu em 1934, em Norwich, com o próprio compositor conduzindo uma orquestra amadora. A obra, como consta na partitura, é dedicada à Audrey Alston (Sra. Lincolne Sutton), que foi sua professora de viola durante a infância e apresentou-o à música do compositor Frank Bridge, que também viria a ser seu professor. Ela é baseada em oito temas, dois por movimento, que Britten escreveu durante sua juventude e pelos quais ele tinha certa predileção. A obra foi composta quando o compositor tinha vinte anos, tendo sido iniciada em 23 de dezembro de 1933 e finalizada em 10 de fevereiro do ano seguinte.

Les Illuminations, Op.18 (para soprano e orquestra de cordas)

O gênero Ciclo Canção Orquestral é uma forma de composição que muito atraía Britten. Seu conceito de trabalhar com uma antologia, composições com diversos textos, tema literário ou poético, era uma possibilidade comum e favorita, à qual retornou diversas vezes. Embora tenham existido diversos precedentes no gênero, como Berlioz, Ravel e Elgar, entre outros, vemos que, provavelmente, a influência principal de Britten era Mahler. Os quatro ciclos de canções com orquestra *Our Hunting Fathers*, *Les Illuminations*, *Serenade* e *Nocturne* – deveriam juntar-se a um quinto ciclo – *Quatre Chansons Françaises* – que não foi publicado nem executado durante a vida de Britten. Sobre a obra *Les Illuminations*, no verão de 1939, Britten deixou para trás o que vivenciava na agradável atmosfera artística da Inglaterra e foi em busca de oportunidades e de uma nova vida na América. O extraordinário efeito de liberação que este movimento teve em seu trabalho é testemunhado pela contagem do número substancial de composições que ele escreveu ou terminou no período de um ano após sua chegada: o Concerto de Violino, O Jovem Apollo, o Carnaval Canadense, a Sinfonia do Réquiem, Divertimentos, os Sonetos de Michelângelo, e seu terceiro ciclo orquestral de canções, *Les Illuminations*, para tenor ou soprano e cordas. Para este trabalho, Britten voltou-se para a poesia francesa do poeta simbolista Arthur Rimbaud. O trabalho foi terminado em outubro de 1939 e sua primeira execução aconteceu em janeiro de 1940, no Aeolian Hall, em Londres, novamente executado por Sophie Wyss, a quem a obra foi dedicada, com a *The Boyd Neel Orchestra*. Dois anos antes havia sido encomendada e executada a primeira apresentação das *Variações sobre um tema de Frank Bridge*, na

qual Britten havia mostrado sua obra-prima na técnica da orquestração. Talvez a grande relevância da obra *Les Illuminations* seja a *Fanfare*, originalmente concebida para piano e cordas, que Britten havia escrito anteriormente, naquele mesmo ano. O movimento da abertura do *Les Illuminations* justapõe a *Fanfare* com arpejos nos primeiros violinos e violas em Si bemol e Mi maior, alcançando um clímax na entrada do solista com o refrão recorrente: “J’ai seul la clef de cette parade sauvage”. Villes emprega encadeamento de tríades que evocam a excitante vida noturna de uma metrópole. Os harmônicos de *Phrase* culminam com um acorde luminoso de Si bemol maior em preparação para a próxima canção, *Antique*, uma dança lenta com um acompanhamento dedilhado das violas e violoncelos tocando como violões (este movimento em particular é dedicado a Wulff Scherchen, com quem Britten compartilhava de uma amizade mais próxima nos meses que se aproximavam de sua partida para os Estados Unidos). O momento brilhante de *Royauté*, e a energética paisagem marítima de *Marine*, são seguidos de um Interlúdio central, pelos movimentos mais longos do ciclo, *Being Beauteous*, o qual novamente utiliza-se de tríades para simbolizar um estado de perfeição e beleza naturais (significativamente, esta canção é dedicada a Peter Neville Luard Pears). A *Parade* é um marco espiritual, porém uma marcha incisiva culmina com a declamação final do tema pelo solista. Entretanto, o final *Départ* retorna a um mundo mais confidencial, mais intimista, que, após a atualidade da obra *Our Hunting Fathers*, viria a se caracterizar como um dos melhores e mais distintos trabalhos de Britten, incluindo seus dois últimos trabalhos orquestrais dos ciclos de canções, *Serenade* e *Nocturne*.

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA ENSEMBLE DE CORDAS

Brahms e Schumann

Direção Musical e piano solo Simone Leitão (MG)

27 de maio, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural



NOTAS DE PROGRAMA

Johannes Brahms - Quarteto para piano e cordas nº 1 em sol menor, Op. 25

É interessante notar que, dos três quartetos com piano que compôs, Brahms produziu os dois primeiros quase simultaneamente, na sua juventude, e o terceiro quase vinte anos mais tarde. É também de se notar, que naquela época, com raras exceções, não era comum escrever-se para a formação piano, violino, viola e violoncelo. O Quarteto Op. 25 foi longamente trabalhado no decurso do ano de 1861 (talvez 1860) em Hamm, perto de Hamburgo, e concluído no fim de setembro, quando Brahms enviou uma cópia a Joachim, seu grande amigo violinista e voluntarioso censor das obras do compositor. Assinale-se que o Quarteto Op. 25 foi transcrito para piano a quatro mãos pelo próprio compositor, e que Arnold Schönberg realizou uma versão orquestral dele, em 1932. O primeiro movimento, Allegro, tem forma muito livre (o que, aliás, provocou a ira de Joachim), é amplo e de escrita temática bastante complexa. Segue-se a ele o Intermezzo em modo menor, em três partes: a primeira construída sobre dois temas que conservam o mesmo clima de poesia íntima e mistério, a segunda, um trio, com dois temas líricos, e a terceira, uma repetição simétrica da primeira, com um final em pianíssimo. Já o Andante con moto é, na verdade, um grande Lied em três partes, de caráter robusto, heróico, quase orquestral. O quarteto é encerrado com o Rondo alla zingarese, um final de longa duração, no qual o compositor soube evocar a música cigana com grande liberdade. Liberdade esta também notada na forma, de caráter quase improvisado. A alternância de humores,

ora melancólico, ora exuberante, aliada a uma profusão de cinco diferentes temas e à despreocupação em justificar uma organização formal não impedirão, com certeza, de levar o público à mesma reação entusiasmada, quando da estreia em Hamburgo, em novembro de 1861.

Robert Schumann - Quinteto para piano em Mi bemol Maior, Op.44

O Quinteto para Piano em Mi bemol Maior, Op. 44, de Robert Schumann, foi composto em 1842 e executado no ano seguinte. Famoso pelo seu caráter “extrovertido e exuberante”, o Quinteto para piano de Schumann é considerado uma de suas melhores composições e uma grande obra de música de câmara do século XIX. Composto para piano e quarteto de cordas, o trabalho revolucionou a instrumentação e o caráter musical do quinteto de piano e estabeleceu-o como um gênero essencialmente romântico. Uma vez terminados os quartetos, em agosto de 1842, Schumann tirou algum tempo de férias na Boêmia; de regresso a Leipzig, esboçou com entusiasmo o quinteto. A 3 de outubro Mendelssohn voltava a partir para Berlim, e Schumann, fortalecido pelos seus encorajamentos, concluiu então o quinteto. Após uma breve interrupção, compôs o seu Quarteto com piano Op. 47, alguns dias antes do regresso de Mendelssohn. Aliás, se bem que tenha sido Clara quem leu o quinteto (escrito e dedicado a ela), foi Mendelssohn quem o interpretou pela primeira vez em casa de amigos. A estreia pública teve lugar no decurso de uma matinê a 8 de janeiro de 1843. Clara, no piano, encontrava-se acompanhada por diferentes músicos do Gewandhaus. Em fevereiro de 1843 partiu

PROGRAMA

JOHANNES BRAHMS (1833-1897)

Quarteto para piano e cordas nº 1 em Sol menor, Op. 25

Allegro

Intermezzo (Allegro ma non troppo)

Andante con moto

Rondo alla zingarese (Presto)

ROBERT SCHUMANN (1810-1856)

Quinteto para piano e cordas em Mi bemol maior, Op. 44

Allegro brillante

In modo d'una marcia. Um poço largamente

Scherzo: molto vivace

Finale: Allegro ma non troppo

para Dresden, onde se reconciliou com seu pai, que organizou um sarau para dar a ouvir aos seus amigos o quinteto. Em 1848 o quinteto esteve na origem de uma triste confusão entre Schumann e Liszt; a 9 de junho, quando de um sarau organizado em sua honra, Liszt chegou atrasado e brincou a respeito do quinteto, julgando demasiadamente “leipzigiana” (entenda-se “mendelssohniana”) a escrita contrapontística do Finale. A seguir, ainda que estivesse ciente de que Schumann tinha sido muito afetado pela morte de Mendelssohn, Liszt referiu-se a este de forma injuriosa, o que ocasionou uma cena lamentável, e partiu, rindo-se da aventura na companhia de Wagner, pelas ruas de Dresden. No entanto o Quinteto para piano de Schumann, carta de fora do Romantismo musical, é a primeira grande obra-prima concebida para piano e quarteto de cordas. Concertante, portanto, mas também solidamente trabalhada, a obra permanece um modelo de dinamismo e de frescura – ela alia o estilo de quarteto à fantasia imaginativa, à riqueza e liberdade concertante da escrita pianística de Schumann. Enfim, este marco luminoso na história da música de câmara está pensado, nos seus quatro andamentos, como uma marcha em frente, seguindo uma linha de força que conduz ao Finale, considerado como a meta essencial a atingir, e no qual a longa elaboração do microcosmos temático chega à maturidade. Solução formal tão feliz e de tal forma adaptada à estética romântica, que será universalmente adaptada no final do século – por Liszt, Brahms, Dvorák, Tchaikovsky ou César Franck.

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Música Brasileira

Regência Mara Campos (SP)

2 de junho, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural

3 de junho, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural



PROGRAMA

HENRIQUE DE CURITIBA (1934-2008)

Poema Sonoro: *Evocação das Montanhas* (1978)
(para coro e orquestra de cordas)

DANILO GUANAIS (1965)

Missa de *Alcaçuz* (1996)
(para soprano e barítono solo, coro, violão, orquestra de cordas e percussão)

1. Kyrie
2. Gloria
3. Laudamus Te
4. Gratias Agimus
5. Domine Deus
6. Qui Tollis
7. Quoniam
8. Cum Sancto Spiritu
9. Credo
10. Deum de Deo
11. Qui Propter
12. Et Incarnatus
13. Crucifixus
14. Et Ressurrexit
15. Et in Spiritum Sanctum
16. Confiteor
17. Et Vitam Venturi
18. Sanctus
19. Hosanna
20. Benedictus
21. Hosanna
22. Agnus Dei

OSVALDO LACERDA (1927-2011)

Provérbios (1970)
(para coro, soprano e baixo solo, orquestra de cordas, piano e percussão)

1. Quem com ferro fere, com ferro será ferido.
2. Negro, quando furta, é ladrão; branco, quando furta, é barão.
3. O espinho, que há de furar, de pequeno traz a ponta.
4. Quando o dinheiro falta, tudo cala.
5. Quem tudo quer saber, mexerico quer fazer.
6. Quem quiser ser bem querido, não se mostre afeiçoado.
7. Quem vive de esperança, morrerá desesperado.
8. Quem dá e torna a tomar, no inferno vai parar.
9. Quem tem janela de vidro, não deve atirar pedrada.

DAVI SARTORI (1982)

Obra comissionada para a Camerata Antiqua de Curitiba

NOTAS DE PROGRAMA

Henrique de Curitiba - Poema Sonoro: Evocação das Montanhas (1978)

Obra consagrada, Evocação das Montanhas versão original para cordas, foi gravada em 1982 por Milton Nascimento, que projetou Henrique de Curitiba para conquistar um público diverso fora das salas de concerto. O Poema Sonoro (1978) foi inspirado na audição de "Yravi" do equatoriano Gerardo Guevara, a quem é dedicada a composição. Nela, Henrique de Curitiba descreve em grandes e harmoniosos blocos de acordes a beleza das montanhas, daí o seu subtítulo Evocação das Montanhas. O compositor usa uma linguagem hindemitheana, dentro de uma concepção muito própria.

Danilo Guanais - Missa de Alcaçuz (1996)

O título da missa, Alcaçuz, veio da pequena localidade litorânea, a 40 quilômetros de Natal, onde os romances foram coletados pelo folclorista Deífilo Gurgel, autor de um pequeno volume chamado "Romanceiro de Alcaçuz", que traz toda a história musical dos romances da comunidade e do cancionero popular. A Missa de Alcaçuz é uma sequência de movimentos baseados no texto litúrgico tradicional da missa, segundo o que preconiza a igreja. O compositor revela que optou por adotar uma estética mais armorial em alguns movimentos. A estética armorial pode ser explicada a partir do nascimento do chamado Movimento Armorial lançado oficialmente em Recife no ano de 1970. O objetivo é mostrar o quanto é possível criar uma arte erudita a partir de elementos da cultura popular, passeando pelas mais diversas manifestações artísticas como pintura, música, literatura, cerâmica, dança, escultura, tapeçaria, arquitetura, teatro, gravura e cinema. Em Natal, um desses influenciados pelo Movimento Armorial é Danilo Guanais. Ele revela que sua musicalidade contém influências eruditas de Bach e Mozart, atrelados aos elementos oriundos da tradição cultural popular,

como os cantadores, romanceiras, vaqueiros, rabequeiros e repentistas. Para Danilo, a Missa não chama atenção por um contraponto renascentista, nem por uma fraseologia medieval. Chama a atenção por um ritmo de baião que está em baixo, por uma percussão que soa com sotaque mais da cultura popular. A composição foi criada para celebrar os 30 anos de atividades do Madrigal da UFRN.

Oswaldo Lacerda - Provérbios (1970)

Provérbios de Oswaldo Lacerda teve sua estreia em meados de maio de 1970, durante o II Festival de Música da Guanabara, no Rio de Janeiro - RJ. Com uma duração aproximada de 15 minutos, em 1989, a obra para coro, solo de soprano e baixo, orquestra de cordas, piano e percussão passou por uma revisão. O texto está firmado em nove provérbios tradicionais. Nos seus movimentos temos o nº 3 que é para soprano solo, enquanto que o nº 5 se destina a coro falado. Já o nº 6 apresenta um solo para a voz do baixo. Os demais movimentos são executados pelo coro e orquestra de cordas com a participação de dois percussionistas que utilizam: agogô, bombo, caixa-clara, caixa de madeira, chicote, claves, pandeiro, pratos (um par), tam-tam e tom-tom. É importante citarmos que existe na obra de Oswaldo Lacerda uma preocupação com o canto, e, sobretudo, com o canto de caráter nacional. O compositor sempre buscou inspiração no folclore e na religiosidade popular. Aprimorou seus estudos de composição nos Estados Unidos com Vittorio Giannini e Aaron Copland. Sua produção musical é bastante numerosa e revela personalidade, preparo técnico e vigor. Oswaldo Lacerda foi um importante compositor de obras para música de câmara vocal e instrumental.

Davi Sartori (1982)

Obra comissionada para a Camerata Antiqua de Curitiba

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA ENSEMBLE DE CORDAS

Octetos Russos

Direção Musical Winston Ramalho (PR)

10 de junho, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

REINHOLD GLIÈRE (1875-1956)

Octeto para cordas em Ré maior, Op. 5

Allegro moderato
Allegro
Andante
Allegro assai

DMITRY SCHOSTAKOVICH (1906 -1975)

Duas peças para Octeto de Cordas, Op. 11

I. Prelude - Adagio
II. Scherzo - Allegro Molto



NOTAS DE PROGRAMA

Reinhold Glière - Octeto para cordas em Ré maior, Op. 5.

Do Octeto de Glière, o respeitado estudioso e crítico Sabaneiev escreveu: "O Octeto, uma fina obra, prova que Glière estava extremamente qualificado para lidar com conjuntos de câmara maiores. O Octeto surpreende pela plenitude da ressonância e pelo tratamento magistral dos instrumentos. As melodias de Glière estão cheias de sentimentos e emoções, a sonoridade é fina e a harmonia, nobre." O Octeto data de 1900 e foi dedicado a Jan Hrimaly, professor de violino de Glière no Conservatório de Moscou. O Octeto obteve bastante sucesso na sua estreia, e desde então tem sido reconhecido como um dos melhores octetos já escritos. Ele inicia com um Allegro moderato. Tanto o tema principal, enérgico e otimista, quanto o segundo, calmo, mas muito melodioso, soam inequivocamente russos. O segundo movimento, também um Allegro, é um elegante intermezzo com uma melodia russa com muita alma na parte central. O movimento lento, Andante, vem em terceiro lugar e apresenta um tema muito melodioso, que aparece inicialmente de forma suave e calma. Durante o resto do movimento, Glière lentamente constrói uma tensão juntamente com a dinâmica, até atingir um poderoso clímax antes do fim do movimento. O final, novamente um Allegro, apresenta dois temas principais tonalmente ricos, cada um deles distinto por uma colorida paleta de sons. Não há argumentos de que este não seja um dos mais, senão o mais fino e romântico octeto já composto – uma obra que merece ser ouvida tanto quanto o Octeto de Mendelssohn, e que não apresentará dificuldades para músicos amadores experientes.

Dmitry Shostakovich - Duas peças para Octeto de Cordas, Op. 11

As duas peças para Octeto de cordas (1924-5), com subtítulo 'Prelude' e 'Scherzo', foram escritas enquanto Shostakovich ainda estudava no Conservatório de Leningrado - quase ao mesmo tempo em que o compositor trabalhava em sua primeira Sinfonia. Na época, Shostakovich disse a um amigo que as Duas Peças, e particularmente o "Scherzo", eram um sinal de que ele estava "se tornando mais modernista" - uma observação que pode ter sido planejada. As peças certamente mostram que ele estava se tornando muito mais confiante, e no brilhante 'Scherzo' pode-se ouvir os pré-ecos de coisas maiores que viriam em suas composições, incluindo o segundo movimento 'Allegro molto' do Oitavo Quarteto.

CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

II Semana de Canto Coral Henrique de Curitiba (1934-2008)

Homenagem aos 90 Anos de Roberto de Regina

Direção Artística Mara Campos (SP)

20 a 25 de junho Capela Santa Maria Espaço Cultural

30 Coros convidados nas modalidades infantil, juvenil e adulto.

CONCERTO DE ABERTURA

Coro da Camerata Antiqua de Curitiba
Regência Mara Campos (SP)

20 de junho, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural

OFICINAS

Técnica Vocal para Coros Lúcia Passos (RS) | Regência de Coros Mistos Mara Campos (SP)
Voz em Movimento Reynaldo Puebla (SP) e Ana Abe (SP)

LANÇAMENTO DO LIVRO | 24 de junho, 17h30

Roberto de Regina Vida e Obra ou Memórias de um Sargento de Malícias.
Editora Artes e Textos. Curitiba, 2016

CONCERTO ESPECIAL

Coro da Camerata Antiqua de Curitiba e Coros do Projeto Nosso Canto
Regência Roberto de Regina (RJ) | Regência Mara Campos (SP)

24 de junho, 19h Capela Santa Maria Espaço Cultural

CONCERTO DE ENCERRAMENTO

Coro da Camerata Antiqua de Curitiba e Coros participantes
Regência Mara Campos (SP) | Piano Clénice Ortigara (PR) | Percussão Aglaê Frigeri (PR)

25 de junho, 19h Capela Santa Maria Espaço Cultural



PROGRAMA
(Concerto de Abertura)

TOM JOBIM (1927-1994)

Arranjo Mara Campos

Canta mais

CLAUDIO MONTEVERDI (1567-1643)

Cantate Domino a 6
(Selva morale e spirituale)

ERIC WHITACRE (1970)

Alleluia

PROGRAMA
(Concerto Especial)

TOM JOBIM (1927-1994)

Arranjo Mara Campos

Canta mais

CLÉMENT JANEQUIN (1485-1558)

Le chant des oiseaux
La guerre

JOÃO BOSCO (1946)

Arranjo Mônica Thiele

Caça à raposa

PROGRAMA
(Concerto de Encerramento)

EDWARD BENJAMIN BRITTEN (1913-1976)

Hymn to the Virgin

HENRIQUE DE CURITIBA (1934-2008)

Nossa Senhora da Glória

TRADITIONAL SPIRITUALS

Lord, if I got my ticket, can I ride

Ride the chariot

ERIC WHITACRE (1970)

Kalá, Kallá (Five hebrew love songs)

ANTONIO VAZ (1884-1972)

Mulungu fuloriô

ANTONIO RIBEIRO (1971)

Textos de Carlos Drummond

Oficina irritada

OSVALDO LACERDA (1927-2011)

Textos de Carlos Drummond

Romaria

Narrador Ademir Maurício

MOZART CAMARGO GUARNIERI
(1907-1993)

Sanctus (da Missa Dilígite)

OBRA DE ENCERRAMENTO COM
PARTICIPAÇÃO DE TODOS OS COROS

MOZART CAMARGO GUARNIERI
(1907-1993)

Agnus Dei (da Missa Dilígite)

ORQUESTRA DE
CÂMARA DA CIDADE
DE CURITIBA

Florilegium Musicum

Regência Luís Otávio Santos (MG/SP)

30 de junho, 20h

Capela Santa Maria Espaço Cultural

1º de julho, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

GEORG MUFFAT (1653-1704)

Florilegium Musicum "Gratitudo"

GEORG MUFFAT (1653-1704)

Armonico Tributo - Sonata nº 2 em Sol menor

I. Grave - Allegro

II. Grave - Forte e allegro - Grave

III. Ária

IV. Grave

V. Sarabanda: Grave

VI. Grave

VII. Borea: Alla breve

FRANCESCO GEMINIANI (1687-1762)

Concerto Grosso "La Follia" (original Arcangelo Corelli)

JEAN-MARIE LECLAIR (1697-1764)

Suíte "Scylla et Glaucus"



NOTAS DE PROGRAMA

Georg Muffat - *Florilegium Musicum* “Gratitudo” e *Armonico Tributo - Sonata nº 2 em Sol menor*

Em 1669 Muffat regressou à Alsácia como estudante de Direito no Ginásio dos Jesuítas em Sélestat, e depois de dois anos, foi para um colégio semelhante em Molsheim, perto de Strasbourg. Durante 1671 foi apontado como organista da catedral de Strasbourg. Muffat finalmente fugiu da Alsácia no início da guerra, primeiro para Ingolstadt na Baviera (1674), depois para Viena (onde conheceu o organista Johann Kaspar Kerll e encontrou um patrono no Imperador Leopoldo I), depois foi para Praga (1677), onde compôs a Sonata de Violino em Ré maior. No ano seguinte, mudou-se para Salzburgo e entrou para o serviço do Arcebispo (Maximillian Gandolf, Conde de Kuenberg) como organista e músico de câmara. Lá, conheceu Heinrich Biber (1644-1704), que tinha sido empregado pelo arcebispo desde 1670 e já tinha dedicado seu conjunto de doze Sonatae tam aris quam aulis servientes para seu empregador. Em 1676, Muffat recebeu permissão para visitar a Itália (1681/2), para estudar em Roma com o “Signor Bernardo Pasquini”, mundialmente famoso. Enquanto em Roma, Muffat ouviu alguns concerti grossi de Arcangelo Corelli (1653-1713), que ele mais tarde relatou terem sido “belamente realizados com a maior precisão por um grande número de músicos instrumentais”. Além disso, encontrou neles uma fusão do “sentimento italiano profundo” com o estilo mais claro dos balés franceses. Esta mostra é de particular interesse, uma vez que prova que pelo menos alguns dos Opus 6 de Corelli (possivelmente os quatro últimos, que são “da camera”) foram compostos

muito antes de sua publicação em 1713. Muffat descreveu sua visita à Itália e seu primeiro encontro com Corelli no prefácio de seu próprio conjunto de doze concerti grossi (Passau, 1701). De fato, suas cinco sonatas, Armonico Tributo, foram compostas na Itália e, como resultado de performances experimentais na própria casa de Corelli, Muffat estava profundamente em dívida com o mestre italiano por “muitas observações úteis sobre esse estilo, que lhe foram gentilmente comunicadas”.

O arcebispo de Salzburgo morreu em 8 maio 1687, e embora Biber e Muffat continuassem a servir seu sucessor (Johann Ernst de Thun), Muffat ficou insatisfeito e deixou esse trabalho. Em 1690 foi para Augsburgo para a coroação do Rei José (o filho mais velho do Imperador Leopoldo I), onde realizou o Concerto VIII (“Coronatio Augusta”, composto em Salzburgo no ano anterior), fez também uma apresentação pessoal de doze toccatas e outras obras para órgão (*Apparatus musico-organisticus*) ao Imperador. Mais tarde, naquele ano, assumiu a sua última nomeação como Kapellmeister na corte do Bispo de Passau (Johann Philipp de Lamberg), onde permaneceu até a sua morte, em 23 de Fevereiro de 1704. Durante esses anos em Passau, Muffat publicou quinze suítes orquestrais - *Florilegium I* (sete suítes, 1695) e *Florilegium II* (oito suítes, 1698) - e um tratado de prática de contínuo (*Regulae concentuum partiturae*, 1699), além de seus doze concerti grossi (*Ausserlesene Instrumental-Musik*, 1701). O prefácio a essa última publicação concluiu com a notícia de um conjunto proposto de suítes orquestrais (*Florilegium III*) - uma obra que infelizmente nunca se materializou.

As cinco sonatas de Armonico Tributo

foram publicadas em Salzburgo em 1682, e são escritas para dois violinos, duas violas e baixo contínuo. Muffat, na sua maneira prática usual, definiu-os como “obras de câmara adequadas para poucos ou muitos instrumentos”, e, embora a partitura seja apresentada com as letras “T” e “S”, indicando tutti e passagens solo, isso parece ser algo de uma reflexão tardia e a música parece bem adaptada para os músicos individuais. Nas atuais performances, portanto, há um aparente ‘solo’ para grupo de dois violinos, violoncelo e contínuo, ao que se adiciona um ‘tutti’ de duas violas, baixo e contínuo.

Francesco Geminiani - *Concerto grosso para dois violinos, cordas e baixo contínuo La Folia em Ré menor nº 12*

Francesco Geminiani possuía duas qualidades importantes, a imaginação e a arte da interpretação. Foi assim que ele se tornou um dos primeiros virtuosos do violino, transformando-se num dos compositores mais discutidos do seu tempo. Aluno de Carl Ambrogio Lonati, em Milão, e depois do grande Arcangelo Corelli, em Roma, Geminiani, nas suas composições, foi bastante influenciado por seu professor Corelli. Evidência da ligação entre os dois são os arranjos feitos por Geminiani das sonatas para violino, Op.5 de Corelli, transformando-as em concertos grossos para orquestra de cordas, assim publicados em 1726-1727. Geminiani teve que esperar até 1716 para publicar em Londres, sua cidade adotiva, seu Opus 1, doze sonatas para violino, as quais tiveram tanto sucesso que alguns musicólogos chegam a considerar Geminiani superior a Corelli. Passou-se uma década até que ele publicasse (1726-1727) as Sonatas Opus 5 de Corelli, em arranjo para concerto grosso – com uma orquestração que iria tornar-se

típica do estilo de Geminiani: o concertino ampliado para quatro vezes instrumentais solistas, sendo uma delas uma viola – um novo acréscimo – e tendo o tutti reduzido a dois violinos e a um contrabaixo. A própria forma de concerto grosso pode ser considerada uma extensão do gênero mais em voga na época, a do trio sonata. As partes em piano eram tocadas pelos concertini (solistas) e as fortes pelos tutti (todos). Em 1732, Geminiani publicou os dois conjuntos de concertos grossos, Op.2 e Op.3. Em 1746 foi publicado o Op.7, outro conjunto de concertos grossos. No mesmo ano saiu o Op.5, sonatas para violoncelo que mais tarde ganharam uma adaptação para violino.

Jean-Marie Leclair - *Suíte “Scylla et Glaucus”*

Scylla et Glaucus é a única obra teatral de Jean-Marie Leclair, o violinista mais importante de sua geração e um compositor cuja ópera tardia mostra a clareza de sua orquestração e coloca seu ponto focal nas cordas, como seria de esperar. *Scylla et Glaucus*, tragédia com música de Jean-Marie Leclair, foi representada pela primeira vez pela Royal Academy of Music em 4 de outubro de 1746 “[ca 1747]. A segunda parte da suíte possui 12 partes instrumentais e termina com a sinfonia final da ópera.

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

Música Brasileira

130 anos de Heitor Villa-Lobos e 90 anos de Osvaldo Lacerda

Direção Musical e violino solo Winston Ramalho (PR)

11 de agosto, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural

12 de agosto, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural



NOTAS DE PROGRAMA

Heitor Villa-Lobos - Quarteto nº 1 Op. 50
(Adaptação para orquestra de cordas de Cláudio Cruz)

Constituindo uma parte considerável da produção de Villa-Lobos, os dezessete quartetos – um décimo oitavo foi esboçado pouco antes de sua morte – só serão ultrapassados em número pelos de Milhaud, que superará o número do total beethoveniano. Enquanto gênero privilegiado da música europeia, os quartetos de Villa-Lobos, na sua maioria, permanecem fiéis ao quadro geral em quatro andamentos, herdados de Haydn. De proporções iguais às do seu ilustre modelo, as formas utilizadas respeitam em geral os arquétipos, por vezes, com uma certa liberdade de tratamento do pormenor. São, portanto, a expressão e a escrita instrumental que caracterizam o estilo de Villa-Lobos neste domínio: para além da predileção manifesta e confessada do autor pelo quarteto, é evidente que a sua extraordinária facilidade de escrita não chega a renovar o gênero (o que, de resto, nunca foi o seu propósito), nem a manter a mesma qualidade ao longo das dezessete partituras. Divididos em dois grupos distando quatorze anos entre si – os quatro primeiros até 1917, e os treze seguintes depois de 1931 -, os quartetos permitem-nos traçar a evolução estilística de Villa-Lobos, mesmo que não constituam, necessariamente, o domínio mais característico de sua música de câmara. Escritos no Brasil entre 1915 e 1917, os Quartetos nº 1 a nº 4 revelam uma qualidade de textura quase sinfônica, atestando o perfeito domínio da escrita para os quatro instrumentos. O primeiro quarteto é considerado obra de um compositor em pleno processo de amadurecimento.

Em sua estrutura melódica, recheada de referências à música erudita francesa e italiana, entremeadas com transposições de elementos da música popular, já se encontra o embrião de uma linguagem musical de veio nacionalista, tão característica de Villa-Lobos. Esse intermitente jogo entre as tradições musicais europeias e brasileiras, diluindo as fronteiras entre o erudito e o popular, cristaliza-se no título dos movimentos da peça, que vão do “Canto Lírico”, do terceiro movimento, ao “Saltando como um Saci”, do sexto.

Marlos Nobre - Desafio para violino e orquestra de cordas

O Desafio para violino e orquestra de cordas (originalmente escrito para violino e piano) do compositor nascido no Recife, é o terceiro de uma série de 16 obras com este título, todas compostas em 1968 e destinadas a diversas combinações instrumentais.

Comentários sobre “Quatro Peças Modais” e demais obras do programa por Osvaldo Lacerda

A existência dos modos gregorianos na música brasileira se deve, segundo os musicólogos, aos jesuítas e franciscanos que vieram ao Brasil no afã de catequisar os índios. Para tanto, ensinaram os silvícolas a entoar melodias religiosas modais, e o costume perdurou, até hoje, em nosso folclore musical, principalmente no do Nordeste. Quanto à origem das demais obras do programa, a minha informação é bem simplista. Me limito a dizer que, às tantas, “me deu vontade de compor para conjunto de cordas”, cujo som é muito lindo, maleável e gratificante.

PROGRAMA

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

Quarteto de cordas nº 1 Op. 50
(adaptação para orquestra de cordas de Cláudio Cruz)

- I - Cantilena (Andante)
- II - Brincadeira (Allegretto Scherzando)
- III - Canto Lírico (Moderato)
- IV - Cançoneta (Andantino Quasi Allegretto)
- V - Melancolia (Lento)
- VI - Saltando como um Saci (Allegro)

MARLOS NOBRE (1939)

Desafio para violino e orquestra de cordas
Cadenza e Vivo

OSVALDO LACERDA (1927-2011)

Quarteto nº 1
Prelúdio e Fuga
Ária
Dança

OSVALDO LACERDA (1927-2011)

Quatro peças modais para orquestra de cordas

- Dórica
- Pentatônica
- Lídio
- Mixolídio

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA ENSEMBLE DE CORDAS

Quintetos de Brahms

Direção musical Winston Ramalho (PR)

Piano Luiz Guilherme Pozzi (PR)

19 de agosto, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural



NOTAS DE PROGRAMA

Quinteto para piano e cordas em Fá menor, Op. 34.

A gênese desta obra – uma das partituras de música de câmara mais apreciadas de Brahms – não foi tão simples: ela conheceu várias metamorfoses antes de ser publicada, em 1865, na forma definitiva. A versão original tinha sido um quinteto de cordas (sem piano) em 1861-1862. Após algumas críticas feitas pelo amigo e violinista Joachim, e sugestões de Clara Schumann sobre passagens que soariam melhor ao piano, Brahms destrói o manuscrito. Em 1863 decide reescrever a obra para dois pianos – seria chamada Sonata para dois pianos. Essa formação intermediária, contudo, também não obteve aprovação unânime. Com pedido especial de Clara Schumann, no verão de 1864, ele reescreve a partitura para um quinteto com piano, e sua primeira audição privada obtém, agora sim, êxito considerável. As cordas desta versão encontram uma base arquitetônica firme e homogênea graças a um teclado mais “analítico” – realizando-se assim um milagre de equilíbrio de que se beneficiam tanto as cores sonoras quanto as linhas melódicas. Os quatro andamentos, os quais não se encaixam em nenhum enquadramento “clássico”, são: Allegro non troppo, numa tradicional forma sonata, é construída amplamente sobre três temas principais; Andante, un poco Adagio, contrastantemente lento, nos leva a um universo sombrio, estranho e povoado de sonhos; Scherzo, no mesmo clima “nórdico” do segundo movimento, em três partes com um trio central; e o Finale, subdividido em três andamentos: Poco sostenuto, que desempenha um papel de

introdução; Allegro non troppo, centro vital do movimento; e Presto non troppo, um vasto coroamento desta obra muito rica e original.

Quinteto de cordas nº 2 em Sol maior Op. 111.

Escrito para dois violinos, duas violas e violoncelo, foi composto durante o verão de 1890 em Bad Ischl. Era intenção do compositor, à época com cinquenta e sete anos, que fosse esta a sua última obra. Isso não se concretizou, felizmente, pelo seu encontro com um clarinetista virtuose. Embora pouco acolhida por seu amigo Joachim (julgando a escrita complicada e, talvez, pela grande importância dada à primeira viola), a obra foi muito bem recebida por Hanslick, que lhe teceu elogiosos comentários. Como já de hábito, Brahms também realizou para esta obra um arranjo para piano a quatro mãos. O primeiro movimento, Allegro non troppo, ma con brio, é em ritmo composto, construído na forma sonata (exposição-desenvolvimento-recapitulação), o primeiro tema é poderoso (Brahms originalmente o tinha previsto para uma Quinta Sinfonia), e um segundo, serenamente expressivo. Na sequência, um Adagio composto de um tema, uma espécie de canto nostálgico, com suas variações. O terceiro andamento, Un poco allegretto, apresenta os caracteres e o ambiente de um intermezzo, na forma de um scherzo. A primeira parte em sol menor evoca as cores eslavas, mediante uma rítmica imutável, um pouco mecânica. O trio central, contrastante, em sol maior, é de uma simplicidade terna e graciosa. A terceira parte – reprise da primeira – termina com uma bela coda.

PROGRAMA

JOHANNES BRAHMS (1833-1897)

Quinteto para piano e cordas em Fá menor, Op. 34

Allegro non troppo

Andante un poco Adagio

Scherzo-Allegro

Finale- Poco sostenuto

Quinteto de cordas nº 2 em Sol maior Op. 111

Allegro non troppo, ma con brio

Adagio

Un poco Allegretto

Vivace, ma non troppo presto

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

IV Bienal Música Hoje

Regência Márcio Steuernagel (RS/PR)

Direção Musical Ensemble entreCompositores (PR)

25 de agosto, 20h

Capela Santa Maria Espaço Cultural

26 de agosto, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural



CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Homenagem aos 500 anos da Reforma Protestante (1517-2017)

“A paz, se possível, mas a verdade, a qualquer preço.”

Martinho Lutero

Direção musical e regência Mara Campos (SP)

Orgão Clenice Ortigara (PR)

1º de setembro, 20h

Capela Santa Maria Espaço Cultural

2 de setembro, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural



PROGRAMA

Obras finalistas do IV Concurso Nacional de Composição Música Hoje.

NOTA DE PROGRAMA

Sobre a IV Bienal Música Hoje

Em 2017 o Ensemble entreCompositores volta a apresentar, com apoio institucional da Universidade Federal do Paraná, a Bienal Música Hoje, um festival dedicado à mais nova produção musical nacional e internacional, buscando promover um maior intercâmbio cultural entre intérpretes, compositores e o público. Tendo em vista que a principal marca da Bienal Música Hoje é o espírito colaborativo, a Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba, a Fundação Cultural de Curitiba e o Instituto Curitiba de Arte e Cultura entram como parceiros fundamentais, apresentando um concerto que tem como eixo central as

obras finalistas do IV Concurso Nacional de Composição Música Hoje, trazendo uma pequena amostragem da diversidade e riqueza da atual produção nacional, com direito a votação do público nesta etapa final do concurso.

PROGRAMA

MARTIN LUTHER (1483-1546)

Castelo forte é nosso Deus

MARTIN LUTHER (1483-1546)

E JOHANN WALTHER (1496-1570)

Nun bitte wir den heiligen Geist

BALTHASAR RESINARIUS (1485-1544)

Verleih uns Frieden gnädiglich

JOSQUIN DES PREZ (1450-1521)

Tu solus qui facis mirabilia

MARTIN LUTHER (1483-1546)

Non moriar sed vivam

HANS LEO HASSLER (1564-1612)

Cantate Domino

Allelujah, laudem dicite

MICHAEL PRAETORIUS (1571-1621)

Es ist ein Ros entsprungen

MELCHIOR FRANCK (1579-1639)

Du bist aller Dinge schön

HEINRICH SCHÜTZ (1585-1672)

Selig sind die Toten

SAMUEL SCHEIDT (1587-1654)

Ich bin die Auferstehung

THOMAS SELLE (1599-1663)

Veni Sancte Spiritus

JOHANN SEBASTIAN BACH
(1685-1750)

Jesu, meine Freude (BWV 227)

Ein feste Burg ist unser Gott (BWV 80)

NOTA DE PROGRAMA

Escrita por Mara Campos

“Ensinamos melhor aquilo que precisamos aprender.”

“Com efeito, a diferença entre inferno, purgatório e céu parece a mesma que há entre desespero, quase desespero e confiança.”

“É certo que quando uma moeda soa, cresce a ganância e a avareza (...) ninguém está seguro na verdade de sua contrição, muito menos de que se seguirá a remissão plenária.”

“Os que se amam profundamente, jamais envelhecem...”

Imaginemos estas falas na boca de um monge agostiniano, com formação em direito e teologia, em pleno alvorecer do renascimento humanista e na contramão do alto clero romano, diante de nobres, de classes emergentes, de senhores de terras e diante do cidadão comum, sem distinção.

Martinho Lutero olhou para fora dos muros do Vaticano e contemplou seu interior, examinou sua consciência, reviu valores e parâmetros em busca de um espaço – infinito particular de matriz iluminista – a ser preenchido por uma igreja possível, mais justa porque acessível pela fé independente dos tráficos de indulgência, entre outros modus operandi, vigentes e impostos no período pela Igreja Católica Romana. Seus atos reformistas e de proporções revolucionárias, como, por exemplo, a elaboração e defesa das 95 Teses, que abordaram as questões referentes às penitências e absolvições, entre outras, tiveram repercussões e desdobramentos históricos em patamares religiosos, sociais e políticos e o levaram à excomunhão. Mesmo as reações contrarreformistas católicas não puderam conter a adesão crescente ao pensamento luterano e nem ao fortalecimento de sua igreja, assim chamada protestante. Compreender e participar.

A música exerceu um papel fundamental na proposta reformista. Lutero, ele mesmo compositor e admirador da obra de Josquin des Prez, uniu-se a colaboradores - intelectuais, músicos e escritores - com o intuito de tornar acessível à congregação, tanto a leitura das escrituras, como a celebração dos ritos litúrgicos em língua alemã, antes praticadas apenas em latim. Por meio de versões, traduções e composições, foram elaborados inúmeros hinos para que fossem cantados pela comunidade e de forma participativa, inclusiva e consciente. Realizados em uníssono e com linha melódica singela, os textos musicados seriam melhor compreendidos em seu significado e plenitude, num momento de contraponto com a polifonia requintada e praticada nas celebrações católicas, mas distanciada do despojamento das ideias reformistas. Começava naquele século XVI, a enorme e excelente contribuição à arte musical sacra, por meio da produção de compositores, germânicos em sua gênese e maioria, identificados com o movimento da Reforma Luterana e também apreciadores das técnicas e práticas musicais de seu tempo. Neste programa, o Coro da Camerata Antiqua de Curitiba presta homenagem aos cinco séculos da Reforma. Tendo como ponto de partida os primeiros hinos protestantes, optamos por desenvolver uma mostra expressiva de obras corais, motetos em sua maior parte, composta por uma linhagem de compositores que reverberaram os ideais reformistas e aprimoraram seu hinário emblemático. Hoje, na superação desse conflito histórico e em meio a tantos outros embates carentes de tolerância e entendimento, lembramos neste programa alguns compositores desconhecidos do grande público - como Balthasar Resinarius, outros raramente realizados por grupos corais – como Melchior Franck e Thomas Selle, e ainda autores consagrados – como Heinrich Schütz e Johann Sebastian Bach, para que, por meio de sua obra, revalidem o diálogo com a comunidade. Paz.

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

Viva Vivaldi!

Direção Musical e cravo Fernando Cordella (RS)

Soprano solo Marília Vargas (PR)

Violinos solo Winston Ramalho (PR) e Francisco de Freitas Jr. (PR)

15 de setembro, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural

16 de setembro, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

ANTONIO LUCIO VIVALDI (1678-1741)

Alma opressa (La fida ninfa RV 714)

Sposa son disprezzata (Bajazet RV 703)

CONCERTO PARA DOIS VIOLINOS EM LÁ MENOR RV 522

Allegro

Larghetto e spiritoso

Allegro

ANTONIO LUCIO VIVALDI (1678-1741)

Ombre vane, ingiusti orrori (Griselda RV 718)

Agitata da due venti (Griselda RV 718)

Sinfonia da ópera L'Olimpiade RV 725)

Gelido in ogni vena (Farnace RV 711)

Armatae face et anguibus (Juditha Triumphans RV 644)



NOTA DE PROGRAMA

Em maio de 1713, na cidade de Vicenza, a ópera *Ottone in Villa* foi produzida pela primeira vez. Foi o trabalho de um compositor veneziano de 35 anos, que já havia ganhado reputação com suas coleções de sonatas e concertos instrumentais, e que ocupou o posto de maestro di violino, no Ospedale della Pietá, em Veneza. A partir de então, a vida de Vivaldi estaria intimamente ligada ao teatro, tanto como compositor como empresário, não só de suas próprias óperas, mas também de obras de palco, em parte ou inteiramente compostas por outros músicos. Em uma carta de 1737, ele se descreveria como um empreendedor freelance. Poucas óperas de Vivaldi foram encenadas sem sua supervisão, pois ele se esforçava muito em suas produções e tratava-as como sua propriedade pessoal para garantir o seu sucesso, e também para garantir que as performances fossem fiéis à partitura. O interesse em suas composições é mostrado pelas muitas árias que apareceram, em sua forma original ou arranjadas para voz e contínuo, em várias coleções em toda a Europa. As árias deste programa foram tiradas de várias óperas e oratórios de Vivaldi e cobrem a maior parte da atividade de Vivaldi como compositor de ópera, especialmente para teatros em Roma, Mântua, Verona e Veneza. Importante lembrar que Veneza tinha sido a primeira cidade do mundo a construir uma ópera aberta ao público pagante.

A soprano Marília Vargas neste concerto será acompanhada pela Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba. Ainda menos conhecidas do que a música vocal sacra são as óperas e oratórios

magnificamente melódicos e dramáticos de Vivaldi. O concerto inclui árias e peças instrumentais do oratório *Juditha Triumphans* e as óperas *L'Olimpiade*, *La Fida Ninfa*, *Bajazet*, *Griselda*, entre outras, e uma performance arrepiante e apaixonada de *Farnace*. A orquestra também executará o *Concerto para Dois Violinos em Lá menor RV 522*. A parte predominante da música deste concerto era desconhecida e foi especialmente transcrita dos manuscritos originais de Vivaldi pelo musicólogo Claudio Osele.

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Misericordium

Regência Tobias Volkmann (RJ)

22 de setembro, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural

23 de setembro, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural



PROGRAMA

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)
(130 Anos de Nascimento)

Bachianas Brasileiras nº 9

Prelúdio - Vagaroso e místico

Fuga - pouco apressado

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)

Cantata BWV 77 - Du sollt Gott, deinen Herren, lieben

EDWARD BENJAMIN BRITTEN (1913-1976)

Prelúdio e Fuga para 18 cordas, Op. 29

EDWARD BENJAMIN BRITTEN (1913-1976)

Cantata *Misericordium* Op. 69

NOTA DE PROGRAMA

A Cantata BWV 77 - Du sollt Gott, deinen Herren, lieben de Johann Sebastian Bach foi escrita para o 13º domingo após Trindade, com texto baseado na parábola de "O bom Samaritano", a mesma que serve de base para a Cantata *Misericordium* Op. 69 de Benjamin Britten. Esta é a principal relação entre as obras que fecham as duas partes do programa. As obras instrumentais possuem a mesma estrutura de prelúdio e fuga e são escritas para orquestra de cordas. A obra *Prelúdio e Fuga para 18 cordas, Op. 29*, de Britten, é uma boa

abertura para a segunda parte do programa enquanto que Villa-Lobos, além da comemoração em 2017 de seus 130 anos de nascimento, tem a relação formal com a obra de Britten. Nas *Bachianas* temos a óbvia relação com a obra de Bach.

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

III Encontro de Violas (Abertura)

Regência Osvaldo Colarusso (SP/PR)

Viola solo Alexandre Razera (SP/PR)

24 de outubro, 20h

Capela Santa Maria Espaço Cultural



PROGRAMA

PAUL HINDEMITH (1895-1963)

Trauer Musik

Langsam

Ruhig bewegt

Lebhaft

Satz: Choral "Für deinen Thron tret ich hiermit"

RICHARD STRAUSS (1864-1949)

Metamorfoses

ARNOLD SCHOENBERG (1874-1951)

Noite transfigurada, Op. 4

NOTAS DE PROGRAMA

Paul Hindemith - Trauer Musik

Trauermusik é uma suíte para viola e orquestra de cordas, escrita em 21 de janeiro de 1936 por Paul Hindemith, em muito pouco tempo, em memória do rei George V do Reino Unido, que havia falecido na noite anterior. Em 19 de janeiro de 1936, Paul Hindemith viajou para Londres, com a intenção de tocar seu concerto para viola Der Schwanendreher, com Adrian Boult e a Orquestra Sinfônica da BBC, no Queen's Hall, em 22 de janeiro. Esta seria a estreia britânica do trabalho.

No entanto, pouco antes da meia-noite de 20 de janeiro, o rei George V morreu. O concerto foi cancelado, mas Boult e o produtor de música da BBC, Edward Clark, ainda queriam o envolvimento de Hindemith em qualquer música que fosse transmitida em seu lugar. Eles debateram por horas o que poderia ser uma peça adequada, mas nada foi encontrado, então foi decidido que Hindemith deveria escrever algo novo. No dia seguinte, das 11h às 17h, Hindemith sentou-se num escritório disponibilizado pela BBC e escreveu Trauermusik em homenagem ao falecido rei. Foi escrita para viola e orquestra de cordas (Der Schwanendreher emprega um complemento maior que inclui sopros). Trauermusik foi executada naquela noite em uma transmissão ao vivo de um estúdio de rádio da BBC, com Boult dirigindo e o compositor como solista.

A música

Trauermusik consiste em quatro movimentos muito curtos. O primeiro movimento é marcado (Langsam). O segundo movimento (Ruhig bewegt) tem menos de um minuto de duração e o

terceiro é apenas um pouco mais longo. O último movimento é o coração da obra e, nele, Hindemith cita o coral "Vor deinen Thron tret ich hiermit" ("Aqui estou diante de teu trono"), bem conhecido na Alemanha através da harmonização de Johann Sebastian Bach. Hindemith o desconhecia na época, mas a melodia era muito familiar na Inglaterra como o "Old 100", para as palavras "Todas as criaturas que moram na terra".

A peça também contém citações da Sinfonia: Mathis der Maler e Der Schwanendreher. Trauermusik imediatamente entrou no repertório de violistas, bem como violoncelistas e até violinistas.

O filantropo e cantor suíço, Werner Reinhart, a quem Hindemith dedicou seu Quinteto de Clarinete, em 1923, disse mais tarde a Gertrud Hindemith que "havia algo mozartiano" sobre a obra Trauermusik de seu marido, uma vez que escreveu em tão curto espaço de tempo. "Hoje eu não conheço mais ninguém que pudesse fazer isso", disse ele.

Richard Strauss - Metamorfoses

Apesar de ter exercido o cargo de diretor do Reichsmusikkammer (Gabinete de Música do Reich), entre 1933 e 1935, nomeado por Joseph Goebbels, o comportamento de Richard Strauss durante o regime nazista e, sobretudo, durante a Segunda Guerra Mundial, foi o de um "completo espectador", de acordo com um oficial do Reichskulturkammer (Gabinete de Cultura do Reich). Mas quando, em outubro de 1943, um bombardeamento aliado destruiu completamente a ópera de Munique, Strauss, de 79 anos de idade, mergulhou

numa profunda tristeza e indignação. “O incêndio do Teatro da Corte de Munique, onde Tristão e Isolda e Os Mestres Cantores de Nüremberg foram estreados, onde ouvi pela primeira vez o Freischütz há 73 anos, onde o meu pai se sentou na estante da primeira trompa durante 49 anos – foi a maior catástrofe da minha vida; não há consolação possível e, na minha idade, não há esperança”, escreveu. Não espanta, portanto, que no verão de 1944, Richard Strauss tenha começado a planejar a composição de uma obra para orquestra de cordas na forma de uma oração fúnebre, de uma lamentação. A peça, intitulada *Metamorfoses*, foi efetivamente escrita na primavera do ano seguinte, entre 13 de março e 12 de abril, um mês depois da cidade de Dresden ter sido alvo da força aérea da RAF e da USAAF. Para além da clara influência da obra homônima do poeta latino Ovídio, o musicólogo Timothy L. Jackson aponta a obra poética de Goethe, em especial o poema *Niemand wird sich selber kennen* (Ninguém se pode conhecer a si mesmo), como a principal fonte de inspiração para a concepção de *Metamorfoses*. Imerso numa profunda reflexão e introspecção, Strauss leu toda a obra de Goethe nos últimos anos da sua vida. O compositor esboçou uma peça coral baseada naquele poema e usou algum desse material em *Metamorfoses*. Escrita inicialmente para um septeto de cordas (dois violinos, duas violas, dois violoncelos e um contrabaixo) e mais tarde expandida para 23 instrumentos (dez violinos, cinco violas, cinco violoncelos e três contrabaixos), a obra é dedicada a Paul Sacher e ao *Colegium Musicum* de Zurique, que a tocaram em primeira audição mundial naquela cidade suíça a 25 de Janeiro de 1946. *Metamorfoses* é uma obra contínua,

uma espécie de *perpetuum mobile*, na qual não se vislumbra qualquer momento de paragem. De caráter sombrio e triste, este longo *Adagio* apresenta uma textura densa e uma escrita contrapontística intrincada, na qual abundam os cromatismos – em apenas dois compassos, a harmonia percorre onze das doze notas da escala cromática. À medida que a obra decorre, a tristeza parece dar lugar à esperança e ao lirismo; mas é uma esperança fugaz, pois logo a seguir regressa o desespero e o desânimo. Nos compassos finais, Strauss utiliza três violoncelos e três contrabaixos para citar o início da marcha fúnebre da *Sinfonia Heróica* de Beethoven; por baixo da citação musical escreve: *In Memoriam!* A 12 de abril de 1945, dia em que Richard Strauss concluiu *Metamorfoses*, morria Franklin Roosevelt; dois dias depois, os Aliados tomaram Nüremberg; duas semanas mais tarde, Adolf Hitler suicidou-se.

Texto de Ana Maria Liberal

Arnold Schoenberg - Noite transfigurada, Op. 4

“Minha obra não ilustra nem ação nem drama, mas se limita a exprimir sentimentos humanos.” Ainda que o compositor tenha se referido, dessa forma, à *Noite Transfigurada*, é possível pensar na obra como uma espécie de drama sem palavras, perfeitamente articulado às cinco estrofes do poema de Richard Dehmel, que lhe serve de inspiração. *Zwei Mensch* apresenta o diálogo de dois amantes, durante uma caminhada à luz da lua. A mulher, com passos incertos, sob o peso da culpa, confessa uma gravidez, fruto de relacionamento anterior. Diante de seu “olhar sombrio”, que interroga “mergulhado na claridade”, o homem

oferece mais que um consentimento. Assume a criança como filha, fruto “dos milagres da natureza, que transformaram essa noite trágica em noite transfigurada”. Aqui é o próprio compositor que se refere à obra, ao observar ainda que são retomados “temas das partes precedentes, a fim de glorificar esse momento de transcendência”. Entre os temas que circulam pela partitura como *Leitmotiven*, o primeiro é enunciado, logo de início, dobrado em oitavas pelas violas e violoncelos. A reminiscência da melodia de *Gute Nacht*, o *Lied* que abre a longa caminhada da “Viagem de Inverno” de Franz Schubert, aponta para o diálogo que o compositor empreende com a tradição. É o diálogo que, em artigo de 1931, Schoenberg ilustra, ao enumerar um longo aprendizado com diversos compositores. Dentre eles, dois estão muito presentes em *Noite Transfigurada*: Wagner e Brahms. Do primeiro, entre outras lições, o autor faz referência ao “emprego que se pode fazer dos temas, segundo sua expressão” e às possibilidades de “conceber temas e motivos enquanto entidades autônomas, o que permite sua superposição dissonante a certas harmonias”. Na *Noite transfigurada*, mesmo com a ambiência dissonante e a intrincada trama polifônica, a expressão exacerbada de sentimentos arrebatada o ouvinte. Além de Wagner, a presença brahmsiana é forte, em aspectos como a estruturação melódica e harmônica, e se faz notar também pela observação schoenberguiana de “não economizar, não regatear quando a clareza exige mais espaço; levar cada figura às suas últimas consequências”. Esse princípio está associado principalmente à recorrência de materiais rítmico-melódicos. Por outro lado, a repetição, mesmo submetida a transformações

que acompanham de perto a própria evolução do drama, contribui para a compreensibilidade da obra. Exemplo disso é a volta, em diversos momentos, do tema que anunciava o início da caminhada dos amantes, e que, ao final, é revisitado. Trata-se de uma seção conclusiva, de rara leveza e transparência, em que a tonalidade mesma – agora Ré maior – participa da transformação de que fala o poema. *Noite Transfigurada* (*Verklärte Nacht*) é uma das obras emblemáticas do expressionismo em música. Obra-prima, inesgotável, que ainda tem muito a dizer, assim como as lições da trajetória de seu jovem criador. Precoce, aos 25 anos, com uma segurança de ofício admirável para um autodidata – que, vale dizer, ensinou e ensina, direta ou indiretamente, a ilustres compositores, do século XX aos nossos dias –, Schoenberg deixou-nos um exemplo de trabalho, em meio a lutas e dificuldades de toda ordem. Legado de um espírito inquieto e combativo que, a exemplo do argumento dessa *Noite Transfigurada*, era dotado de uma capacidade singular de superação.

Texto de Oiliam Lanna

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

III Encontro de Violas (Encerramento)

Direção Musical Fernando Cordella (RS)

28 de outubro, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural



PROGRAMA

HARRY CROWL (1958)

Paisagem Meridional nº 4 (2017)

(para viola, orquestra de cordas e piano)

estrea mundial

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)

Concerto de Brandemburgo nº 3 em Sol maior (BWV 1048)

Allegro

Adagio

Allegro assai

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)

Concerto de Brandemburgo nº 6 em Si bemol maior (BWV 1051)

Allegro

Adagio ma non tanto

Allegro

NOTAS DE PROGRAMA

Harry Crowl - Paisagem Meridional nº 4 (2017), para viola, orquestra de cordas e piano (estrea mundial)

A quarta obra do ciclo é uma recriação de Solilóquio VII, para viola. As Paisagens Meridionais derivam sempre de composições originais para instrumentos solistas e não seguem um padrão formal preestabelecido. Na quarta peça do ciclo, a textura da orquestra criada em torno da voz solista da viola dialoga, enriquece, opõe-se, e, às vezes, até mesmo sufoca esta voz. Ao ir além de um concerto solista, mergulha numa aventura sonora semelhante a um labirinto sem volta. O ciclo das “Paisagens Meridionais” é formado por: Nº. 1 - flauta contralto e acordeão (Solilóquio IV para flauta contralto), Nº. 2 - violino e cordas em surdina (Reflexões Austrais nº. 1 para violino), Nº. 3 - três saxofones e piano (Flanagem nº.1, para sax soprano). *Harry Crowl*

Johann Sebastian Bach - Concerto de Brandemburgo nº 3 em Sol maior (BWV 1048)

Os três coros instrumentais, que pertencem à mesma família, opõem-se, respondem-se e mesclam-se num equilíbrio perfeito, transmitindo uma sensação de pujança e plenitude. As nove partes de cordas se reúnem para formar um tutti; ou se dividem em grupos de violinos, de violas, de violoncelos ou deixam aparecer um solista. O primeiro movimento adota o corte tripartido e a estrutura tonal da ária da capo (A-B-A, as duas seções A terminando na tônica e a seção B em Si menor). Mas a segunda seção (A) não é a repetição exata da primeira; ela é mais longa, mais audaciosa tonalmente, e até introduz para acompanhar o tema principal, uma nova contramelodia. Bach voltou à utilização desse movimento como sinfonia de abertura da Cantata Ich Liebe den Höchsten BWV 174 (1729). O final Allegro é marcado pelo ritmo da dança, como confirma sua forma binária em duas repetições de características da Suíte, mas

a segunda seção é três vezes mais longa do que a primeira. Entre esses dois movimentos rápidos, Bach só assinalou os dois acordes de uma cadência frígia – tal como se poderia encontrar no final de um movimento lento, perdido hoje em dia; mas ignora-se o que Bach pedia à orquestra de Coethen para tocar nessa passagem. Na nossa época se ouve antes, frequentemente, dois acordes, uma cadência improvisada pelo primeiro violino.

Johann Sebastian Bach - Concerto de Brandemburgo nº 6 em Si bemol maior (BWV 1051)

Muitos pensam que se trata do mais antigo dos seis Concertos. Sua instrumentação, combinação de timbres antigos e modernos, pode realmente parecer arcaica, mas corresponde ao que Bach dispunha em Coethen. Uma das partes de viola da gamba – e isso é percebido por sua facilidade – deveria ser destinada ao príncipe Leopold d’Anhalt – Coethen, e a outra, um pouco mais difícil, ao gambista Christian Ferdinand Abel, que mais tarde viria a organizar concertos em Londres com o último filho de Bach, Johann Christian. No que diz respeito a Bach, este deveria deleitar-se tocando viola. O Concerto nº 6 é um estudo de matizes mais graves – mas não sombrios, com sonoridades enfeitiçantes. A viola da gamba e o contrabaixo (assim como o cravo) formam o grupo de acompanhamento; os instrumentos “modernos” (violas e violoncelos), o grupo dos solistas. No primeiro movimento, as duas violas se perseguem em canône em todos os ritornelos. O Adágio começa, excepcionalmente, em Mi bemol maior, mas termina em Sol menor. As violas da gamba se calam, os três solistas são apenas acompanhados pelo contínuo com o contrabaixo à sombra do violoncelo. Temos aqui uma das mais sublimes meditações de Bach. A Giga final (Allegro) é italiana; não é em fugato, mas muito mais arrebatada graças principalmente às síncopes dos ritornelos.

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

A Obra de Radamés Gnattali

Regência Norton Morozowicz (PR)

Viola solo Alexandre Razera (SP/PR)

Bandolim solo Daniel Migliavaca (SP/PR)

10 de novembro, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural

11 de novembro, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

RADAMÉS GNATTALI (1906-1988)

Suíte antiga

Abertura
Gavota
Aria
Minueto
Giga

Concerto para bandolim e cordas

Allegro moderato
Lento espressivo
Con spirito

Concerto para orquestra de cordas

I Allegro
II Tema com variações
III Allegro

NOTAS DE PROGRAMA

Radamés Gnattali - Suíte Antiga

Pouco se sabe sobre a Suíte Antiga de Radamés Gnattali, apenas que foi dedicada à Orquestra de Câmara de Blumenau.

Radamés Gnattali - Concerto para bandolim e cordas

Um dos reflexos da longa experiência como compositor e arranjador na Rádio Nacional na obra de Gnattali é a inusitada instrumentação de suas peças. Cercado de bons solistas, o compositor procura escrever para eles. É assim que surgem: seu Concerto para Harmônica de Boca e Orquestra (1958), escrito para Edu da Gaita; Concerto para Acordeão e Orquestra (1958), para Chiquinho do Acordeão; Retratos, Concerto para Bandolim e orquestra, para Jacob Bittencourt; Suíte Popular Brasileira para Violão e Piano (1956), com Laurindo de Almeida. Sua Brasileira nº 2 é escrita para piano, orquestra de cordas e bateria de escola de samba; já a nº 9 exige violoncelo, pequena orquestra e dois atabaques. Também é famoso seu arranjo para dez caixas de fósforos e orquestra, inspirado no desempenho do compositor Elton Medeiros no "instrumento", que tem o cantor Jorge Goulart como solista. O manejo com diversos timbres revela a audição aberta do compositor, bem como seu constante experimentalismo em um universo musical ainda fortemente marcado pelo ranço escolástico.

Radamés Gnattali - Concerto para orquestra de cordas

A música de Radamés Gnattali, constitui-se de grande brasilidade, irresistível por sua força comunicativa, sedutora pelo seu melodismo, e atraente pela sua inconfundível originalidade!

O Concerto para Orquestra de Cordas foi escrito em 1971, fazendo parte de uma preciosa coleção de obras escritas para vários instrumentos solistas acompanhados por cordas. Radamés escreveu 42 peças para cordas entre Concertos, Divertimentos e Suítes nas mais diversas formações. Em 1985, o compositor entregou os manuscritos do Concerto, ainda escritos a lápis, ao Maestro Morozowicz para que fizesse a estreia desta obra.

Gnattali também dedicou ao Maestro e à sua Orquestra de Câmara de Blumenau, a Suíte Antiga que foi gravada, no mesmo LP juntamente com o Concerto para Bandolim e Cordas, dedicado à Joel Nascimento.

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA ENSEMBLE DE CORDAS

Quintetos de Mozart e Jean Françaix

Clarinete solo Jairo Wilkens (PA/PR)

18 de novembro, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural



NOTAS DE PROGRAMA

Wolfgang Amadeus Mozart - Quinteto para clarinete e cordas em Lá maior, K. 581

Quando se fala no clarinete, associa-se a ele o nome de Mozart, que, embora não fosse o primeiro a dar-lhe um papel de solista, foi o que conferiu-lhe a verdadeira carta de nobreza. Alguns dos mais belos temas de Mozart foram reservados a este instrumento, como no Trio para clarinete, viola e piano, no Concerto para clarinete e orquestra e no Quinteto para clarinete e cordas – três obras-primas. E isso numa época em que o uso deste instrumento, último adventício da orquestra clássica, não era ainda muito comum. O clarinete para Mozart assume, a partir de 1784, um papel extramusical muito importante, pois se torna o instrumento por excelência da maçonaria, da qual fazia parte. O Quinteto K. 581 foi oferecido a seu irmão maçônico Anton Stadler, amigo íntimo e maior clarinetista do seu tempo, em 1789, ano difícil para Mozart – ele enfrentava uma solidão artística e humana crescente, além de angústias financeiras, agravadas por constantes doenças de sua mulher. Este quinteto, o primeiro da história a associar o clarinete a um quarteto de cordas, não relega os arcos a meros acompanhadores do sopro, mas integra-os de forma quase milagrosa. E são justamente as cordas que expõem o tema lírico do Allegro, que será respondido de forma contrastada pela palheta. O Larghetto, sublime efusão de essência puramente melódica, tem uma atmosfera de noturno refinado, sublinhado pelo véu das surdinas imposto às cordas durante todo o seu desenrolar. A esse vértice expressivo da obra sucede um Menuett de encanto ao mesmo tempo bucólico e popular, e de desenvolvimento

pouco comum, com seus dois trios. O Finale vem coroar a obra com seu tema variado, no qual Mozart se excede ao extrair as consequências mais saborosas e mais imprevisíveis de um tema de simplicidade quase ingênua.

Jean Françaix - Quinteto para clarinete e cordas

O Quinteto para Clarinete e quarteto de cordas foi escrito em 1977, quando o compositor tinha 65 anos, e foi dedicado ao clarinetista belga Eduard Brunner. A música de Françaix é clara e fácil de ouvir, mas desafiadora para os intérpretes. Ele usou elementos que admirava na música de Stravinsky, Ravel e Poulenc, criando seu próprio estilo, que é muito francês: elegante, espirituoso, leve e transparente. Ravel certa vez escreveu sobre o jovem Françaix: “Entre os diversos talentos desta criança, noto sobretudo o dom mais criativo que um artista pode possuir - a curiosidade.” O estilo de Françaix é marcado pela leveza e inteligência, colocados num estilo no qual as linhas musicais conversam e interagem entre si. Ele reconheceu a influência de compositores que admirava como Chabrier, Stravinsky, Ravel e Poulenc; entretanto, integrou essas influências em sua própria estética.

PROGRAMA

WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756-1791)

Quinteto para clarinete e cordas em Lá maior, k. 581

Allegro
Larghetto
Menuet
Finale (Allegretto)

JEAN FRANÇAIX (1912-1997)

Quinteto para clarinete e cordas

Adagio - Allegro
Scherzando
Grave
Rondó

CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Semana de Música de Câmara Coral
"Da mesma matéria que os sonhos"

Regência Mara Campos (SP)

22, 23 e 24 de novembro, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural

25 de novembro, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural



ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

Compositores Nórdicos

Direção Musical Winston Ramalho (PR)

1º de dezembro, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural

2 de dezembro, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural



PROGRAMA

Dia 22 de novembro

A canção inglesa de John Dowland (quarteto e alaúde)

O madrigal italiano de Claudio Monteverdi (quinteto e contínuo)

Dia 23 de novembro

O lied alemão de Johannes Brahms (quarteto e piano)

A canção francesa de Gabriel Fauré (quarteto e piano)

Dia 24 de novembro

Three Shakespeare songs - Ralph Vaughn Williams (coro a cappella)

A canção inglesa de John Dowland

O madrigal italiano de Claudio Monteverdi

Gloria a 7 (Selva morale e spirituale) - Claudio Monteverdi (coro, 2 violinos e contínuo)

Dia 25 de novembro

Three Shakespeare songs - Ralph Vaughn Williams (coro a cappella)

O lied alemão de Johannes Brahms

A canção francesa de Gabriel Fauré

Gloria a 7 (Selva morale e spirituale) - Claudio Monteverdi (coro, 2 violinos e contínuo)

PROGRAMA

JEAN SIBELIUS (1856-1957)

Rakastava, Op. 14 (O amante) (1911-12)

1. Rakastava (O amante) - Andante con moto

2. Rakastetun (O caminho dos amantes) - Allegretto

3. Hyvää iltaa...Jää hivästi (Boa noite...Adeus!) - Andantino

EDVARD GRIEG (1843-1907)

Melodias Norueguesas Op.63

Im Volkston

Khreigen und Bauerntanz

MELODIAS ELEGÍACAS

Entardecer nas montanhas

Feridas do Coração

HOLBERG SUÍTE, OP. 40

Prelúdio

Sarabande

Gavotte

Air

Rigaudon

NOTAS DE PROGRAMA

Jean Sibelius - Rakastava, Op. 14 (O amante) (1911-12)

A Suíte de La Rakastava (O Amante) é uma composição musical de Jean Sibelius, composta, primeiramente, em 1893 (op. 14), como uma suíte para coral 'a cappella' para vozes masculinas, mas arranjada, em 1911, como um poema sinfônico para orquestra de cordas (com partes para tímpanos e triângulo), vindo a estender seus temas em movimentos separados, e, nesta versão, ele desfrutou de um certo êxito. No álbum 'Landscape and Time', o grupo 'King's Singers' a interpretam em sua versão original.

Edvard Grieg - Melodias Norueguesas Op.63, Melodias Elegíacas e Holberg Suíte

Estes três trabalhos de Grieg fazem parte da coleção de obras para Orquestra de Cordas, iniciando por duas melodias nórdicas, Op. 63, e, em seguida, com duas peças líricas, Op.68, e finalizando com a Suíte Holberg Op. 40. Em 1890 Grieg compõe duas pequenas obras, as quais chama de Duas Melodias, transcrições de antigas composições do próprio Grieg. A primeira se chama Noruegueses e se baseia na última das canções do Op.33. Uma exortação à defesa do dialeto norueguês "landsmal", língua na qual o poema Vinje havia sido escrito. É um tema marcial, que contrasta com a Segunda Melodia, e encontra inspiração na primeira das quatro canções escritas por Grieg em homenagem ao poema "O pequeno pescador" de Bjornson. Aqui Grieg é capaz de misturar as emoções do amor à primeira vista, com a grandiosa descrição da paisagem norueguesa. Uma bela obra para sentir o espírito nacionalista, amante da natureza de sua pátria, que surge tão fortemente nas criações de Grieg. Em 1898, compõe suas Peças Líricas, duas peças

para piano que foram orquestradas para Orquestra de cordas no ano seguinte, levando o Op.68. A primeira se chama Melodias Elegíacas ou Entardecer nas montanhas. A segunda leva o título Na Cuna Feridas no Coração, uma canção suave, quase mágica.

A Suíte Holberg foi composta por Grieg para celebrar o bicentenário de nascimento do dramaturgo Ludvig Holberg, que mesmo nascido na Noruega, escrevia em dinamarquês. Grieg colocou este título dos tempos de Holberg, sendo escrita inicialmente para piano. A obra no estilo dos tempos de Holberg é uma recriação ligeiramente arcaica, ao que Grieg dizia que havia composto no estilo dos cravistas franceses. A influência da época assinala que a Suíte é mais marcada no segundo e terceiro movimentos, uma Sarabande e uma Gavotte, que incluem uma Musette no trio encerrando novamente com uma Gavotte. Grieg comenta que a obra se ambienta musicalmente nos tempos de Holberg, no barroco norueguês, porém parecia que o compositor havia se concentrado melhor em Domenico Scarlatti na figura semi-tocatta do Prelúdio, como em Bach na Ária e em Haendel para o Rigaudon final. Para muitos críticos, a verdadeira qualidade de Grieg está no desenvolvimento de suas peças mais breves, mais que em seus concertos e outras obras de grande extensão. É um detalhista profundo, um artesão da pequena melodia, na qual as raízes nórdicas surgem espontaneamente, livremente trazidas com a mão firme do compositor. No último movimento da Suíte Holberg, destacam-se os solos de viola na tonalidade menor e sua seção intermediária, o uso generalizado da forma de dança e as fórmulas de cadência barroca; é no uso das cordas que Grieg imprime nas suas harmonias o seu estilo melódico de composição.

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Música do Advento Natalino Encerramento da Temporada

Homenagem aos 500 anos da Reforma Protestante (1517-2017)

Regência Luís Otávio Santos (MG/SP)

Soprano Marília Vargas (PR/SP)

Contratenor Paulo Mestre (PR)

Tenor Miguel Geraldi (SP)

Baixo Norbert Steidl (Áustria/Brasil)

15 de dezembro, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural

16 de dezembro, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)

Nun komm, der Heiden Heiland - BWV 61
Agora venha, Salvador dos gentios
Ocasão – 1º Domingo do advento

1. Overture: Nun komm, der Heiden Heiland
2. Recitativo tenor: Der Heiland ist gekommen
3. Ária tenor: Komm, Jesu, komm zu deiner Kirche
4. Recitativo baixo: Siehe, ich stehe vor der Tur
5. Ária soprano: Offne dich, mein ganzes Herze
6. Choral: Amen, Amen

Nun komm, der Heiden Heiland - BWV 62
Agora venha, Salvador dos gentios
Ocasão – 1º Domingo do advento

1. Choral: Nun komm, der Heiden Heiland
2. Ária tenor: Bewundert, o Menschen, dies grosse Geheimnis
3. Recitativo baixo: So geht aus Gottes Herrlichkeit und Thron
4. Ária baixo: Streite, siege, starker Held!
5. Recitativo soprano, contratenor: Wir ehren diese Herrlichkeit
6. Choral: Lob sei Gott, dem Vater, ton

Wachet! betet! betet! wachet! - BWV 70
Vigiai, orai, estejais sempre prontos!
Ocasão – 2º Domingo do advento

1ª Parte

1. Coro: Wachet! betet! betet! wachet!
2. Recitativo baixo: Erschrecket, ihr verstockten Sünder!
3. Ária contratenor: Wenn kömmt der Tag, an dem wir ziehen
4. Recitativo tenor: Auch bei dem himmlischen Verlangen
5. Ária soprano: Laßt der Spötter Zungen schmähen

NOTAS DE PROGRAMA

Nun komm, der Heiden Heiland - BWV 61

A ordem cronológica exata das cantatas de Bach permanece incerta. Apenas quatro são autografadas. BWV 61 é datada de 1714, ano em que foi realizada sua primeira performance, e tem a designação litúrgica Advent amers, o primeiro domingo de Advento. As leituras prescritas para o domingo foram da epístola aos romanos, “Agora nossa salvação está mais próxima” Romanos 13: 11-14, e do Evangelho de Mateus 21: 1-9, sobre a entrada de Jesus em Jerusalém. O texto da cantata foi fornecido por Erdmann Neumeister, que citou ainda o livro do Apocalipse 3:20, no quarto movimento: “Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo”, e emoldurou a obra por duas estrofes do hino principal, “Nun komm, der Heiden Heiland” de Martinho Lutero, para o Advento com uma melodia baseada no canto medieval, e o fim de Philipp Nicolai “Wie schön leuchtet der Morgenstern”. O

6. Recitativo tenor: Jedoch bei dem unartigen Geschlechte
7. Choral: Freu dich sehr, o meine Seele

2ª Parte

8. Ária tenor: Hebt euer Haupt empor
9. Recitativo baixo: Ach, soll nicht dieser große Tag
10. Ária baixo: Seligster Erquickungstag
11. Choral: Nicht nach Welt, nach Himmel nicht

poeta combinou as ideias da entrada de Jesus em Jerusalém e sua promessa de retornar, com um convite para entrar no coração de cada cristão. Lutero desenvolveu seus pensamentos como um sermão, como observa o estudioso de Bach, Alfred Dürr, mencionando que a chegada de Jesus traz bênçãos todos os dias. Bach estruturou a cantata em seis movimentos, começando com uma fantasia coral, seguida por uma série de recitativos alternados e árias, e concluída por um coral em quatro partes. A cantata contempla três solistas vocais (soprano, tenor e baixo), cordas e contínuo.

Nun komm, der Heiden Heiland - BWV 62

É uma cantata para o primeiro domingo de Advento. Foi executada pela primeira vez em Leipzig, no dia 03 de dezembro de 1724, e, posteriormente, em 1736, foi adicionada uma parte para violone em todos os movimentos, após a Escola de St. Thomas ter comprado o instrumento em um leilão em 1735. O sucessor de Bach, Johann Friedrich Doles, executou a cantata após a morte de Bach. Escrita para soprano, contralto, tenor

e baixo solistas, coro e orquestra, é uma cantata coral baseada no hino Nun komm, der Heiden Heiland, escrito por Martinho Lutero. No primeiro coro: Nun komm, der Heiden Heiland, considerado o movimento mais esplêndido da cantata, é um cenário de coral típico de Bach, deste ciclo. A melodia é cantada lisa pelos sopranos, enquanto o restante das vozes e instrumentos toca imitando um motivo relacionado. No segundo movimento, ária de tenor: Bewundert, Menschen, dies grosse Geheimnis, surge outro uso do coral numa expressão de pura alegria. Segue então um recitativo de baixo: So geht aus Gottes Herrlichkeit und Thron, e na ária: Streite, cerco, starker, temos uma textura muito esparsa de contínuo com cordas. O recitativo para soprano e contratenor, Wir ehren diese Herrlichkeit, vem acompanhado pelas cordas. O coro final, Lob sei Gott, dem Vater, tem uma configuração de corais simples.

Wachet! betet! betet! wachet! - BWV 70

Bach registrou um mesmo título para duas de suas cantatas. Wachet! betet! betet! wachet! foi composta originalmente como BWV 70a, em Weimar, para o segundo domingo de Advento de 1716 e chegou a uma nova versão em 1723, em Leipzig, como: BWV 70. A cantata inspirada para atender ao 26º domingo após a Trindade, é dividida em duas partes e tem uma configuração de onze movimentos. Sua estrutura passou por uma revisão em 1731. A duração aproximada é de 26 minutos, apresentada pelas vozes solistas de soprano, contratenor, tenor e baixo, coro e orquestra. O coro de abertura usa o final do Evangelho de Lucas 21: 25-36 para o segundo Domingo de Advento. Dirigindo-se diretamente aos pecadores teimosos e àqueles escolhidos por Deus, a primeira

dramatização recitativa é um relato de Mateus sobre o último julgamento e a divisão da humanidade em ovelhas, os salvos, e os condenados. A ária para contratenor usa as imagens de Israel cativo no Egito e a destruição de Sodoma e Gomorra, para retratar a verdadeira natureza do mundo que deveria nos fazer ansiar pelo último dia. Outros relatos bíblicos são expostos na obra e tratam de aspectos relacionados ao homem e ao mundo, que impedem o seu anseio pelo céu. As palavras de Cristo sobre seus discípulos no jardim de Getsêmani – “o espírito está preparado, mas a carne é fraca” – também são usadas. A ária de soprano contrasta a certeza da vinda de Cristo, Lucas 21:27, com o que dizem os hipócritas. O terceiro recitativo garante que Deus pensa naqueles que O servem. A primeira parte conclui com uma expressão mais pessoal da mesma ideia usando a quinta estrofe do hino anônimo “Freu dich sehr, o meine Seele”.

A ária de tenor que abre a segunda parte ecoa em Lucas 21:28, como um comando para os fiéis levantarem suas cabeças. Tanto o último recitativo, quanto a ária são inesperadamente dramáticos com suas referências ao último julgamento, com o recitativo usando imagens da epístola para o 26º domingo após a Trindade, 2 Pedro 3: 3-13. Dürr comenta que o texto expandido da cantata carece da exposição consistente de uma única ideia e vacila constantemente entre o medo de estar inadequadamente preparado para o fim do mundo e a esperança de um dia estar entre os eleitos. Alguns podem achar que isso é uma fraqueza, outros podem talvez concordar que a reelaboração de Bach de material anterior levou a um texto mais rico e mais complexo, ao qual Bach faz justiça plena.



CONCERTOS
NAS IGREJAS

CONCERTOS NAS IGREJAS *(desde 2012)*

O projeto Concertos nas Igrejas é uma ação que visa descentralizar as atividades artísticas da Camerata Antiqua de Curitiba, promovendo, dessa forma, uma aproximação mais efetiva com a comunidade. Por meio do projeto, criado em 2012, diversos concertos vêm sendo realizados nas regiões periféricas da cidade de Curitiba. Com isso, milhares de pessoas têm tido acesso ao repertório da música erudita realizado pelo grupo, com apresentação das grandes obras clássicas de compositores brasileiros e estrangeiros representativos da sua época. Essa ação é um resgate do formato antigo de realização dos concertos quando a Camerata Antiqua de Curitiba ainda não dispunha de sede própria. Sendo assim, nada mais justo do que retomar a antiga parceria com as diversas denominações religiosas e compartilhar com elas essa expressão nobre de fazer arte através da música.

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Concertos nas igrejas *(desde 2012)*

Regência Mara Campos (SP)

4 de abril, 20h	Igreja São José de Vilas Oficinas
3 de agosto, 20h	Santuário N. S. do Carmo (Boqueirão)
30 de novembro, 20h	Santuário Sta. Rita de Cássia (Vila Hauer)
7 de dezembro, 20h	Paróquia N. S. Aparecida (Seminário)

PROGRAMA

HEITOR VILLA- LOBOS (1887-1959)

Bachianas Brasileiras nº 1
Bachianas Brasileiras nº 5
Melodia Sentimental

EDMUNDO VILLÂNI-CÔRTEZ (1930)

Sina de Cantador
Frevo Fugato

MOZART CAMARGO GUARNIERI (1907-1993)

(Dois movimentos da Missa Dilígite)

Sanctus
Agnus Dei

GEORG FRIEDRICH HÄNDEL ((1685-1759)

(Dois coros do oratório Messias)

Surely He hath borne our griefs
Hallelujah



ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

Concertos nas igrejas *(desde 2012)*

Direção Musical Winston Ramalho (PR)

11 de maio, 20h	Paróquia Bom Pastor (Vista Alegre)
5 de julho, 20h	Igreja Batista do Bacacheri
31 de agosto, 20h	Paróquia São Francisco de Paula (Centro)



CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Concertos nas igrejas *(desde 2012)*

Regência Mara Campos (SP)

Piano/Órgão Clenice Ortigara (PR)

29 de junho, 20h	Paróquia São José de Santa Felicidade
14 de setembro, 19h30	Paróquia São Marcos (Pilarzinho)
26 de outubro, 20h	Paróquia N. S. Auxiliadora (Sítio Cercado)



PROGRAMA

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

Bachianas Brasileiras nº 5
Trenzinho do Caipira

PIXINGUINHA (1897-1973)

Rosa

ANTONIO VIVALDI (1678 -1741)

A Primavera (1º movimento)

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)

Brandenburgo Nº 3

CARLOS GARDEL (1890-1935)

Por una cabeza

ASTOR PIAZZOLA (1921-1992)

Libertango

PROGRAMA

OLA GJEILO (1978)

Ubi caritas

LEONARD BERNSTEIN (1918-1990)

Gloria "Mass"

GILBERTO GIL (1942)

Se eu quiser falar com Deus

OSVALDO LACERDA (1927-2011)

Textos de Carlos Drummond

Narrador Ademir Maurício

Romaria

MOZART CAMARGO GUARNIERI (1907-1993)

Sanctus (da Missa Dilígite)

JORGE DREXLER (1964)

Al otro lado del rio

TRADITIONAL SPIRITUALS

Deep river

Ride the chariot

GEORG FRIEDRICH HÄNDEL (1685-1759)

Amen (do Messias)



MÚSICA
PELA VIDA



MÚSICA PELA VIDA *(Projeto Sociocultural - desde 1990)*



Estudos comprovam que a música é um excelente 'remédio' para a nossa saúde. E os benefícios de ouvir a música clássica vão muito além do prazer que podemos sentir em ouvi-la. Inúmeras e intensas sensações são transmitidas por ela, além de promover relaxamento e fazer bem à alma. A música tem o poder de atuar e auxiliar no tratamento de determinadas doenças e ajuda o cérebro a manter-se mais ativo. É o que afirmam as pesquisas. Por esses e tantos outros motivos, a Camerata Antiqua de Curitiba (coro e orquestra), através de uma ação social voluntária, tem visitado, desde 1990, inúmeras instituições públicas e privadas, que têm trabalhos assistenciais de acolhimento e proteção de pessoas em situação de risco e vulnerabilidade social, e realizam o trabalho de ressocialização do indivíduo que é mantido em confinamento, como os asilos, hospitais, orfanatos, presídios e educandários. Nessas ocasiões, a Camerata realiza concertos didáticos com o objetivo de promover o bem estar físico, mental e espiritual dos pacientes, favorecendo ainda os familiares e amigos que os acompanham, além dos funcionários e do corpo clínico. O projeto Música pela Vida é um programa de entretenimento diferenciado com propósitos verdadeiramente terapêuticos.

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

Música pela Vida *(desde 1990)*

Direção Musical Winston Ramalho (PR)

25 de maio, 10h

Hospital Erasto Gaertner

26 de maio, 10h30

Hospital de Clínicas

PROGRAMA

ERNANI AGUIAR (1950)

Quatro momentos nº 3, para orquestra de cordas

CÉSAR GUERRA PEIXE (1914-1993)

Mourão, para orquestra de cordas

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

Prelúdio da Bachiana nº 4

ANTÔNIO CARLOS GOMES (1836-1896)

Burraco de Pau (da Sonata para cordas)



CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Música pela Vida *(desde 1990)*

Regência Mara Campos (SP)

Piano Clenice Ortigara (PR)



26 de outubro, 10h30 Hospital Pequeno Príncipe

CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Música pela Vida *(desde 1990)*

Regência Mara Campos (SP)

Piano Clenice Ortigara (PR)



27 de outubro, 10h30 Hospital Zilda Arns

PROGRAMA *(Para público infantojuvenil)*

PALAVRA CANTADA (1994)

Arranjo de *Christina Bottura*

Uma estória

DORI CAYMMI (1943)

Arranjo de *Christina Bottura e adaptação de Mara Campos*

Pedrinho

WILSON SIMONAL (1938-2000)

Arranjo de *Marco Aurélio Koentopp*

Mamãe passou açúcar em mim

EU LOBO (1943)

E CHICO BUARQUE DE HOLLANDA (1944)

Arranjo de *Marco Aurélio Koentopp*

Ciranda da Bailarina

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

Na corda da viola

PALAVRA CANTADA (1994)

Arranjo de *Mara Campos*

Trilhares

PROGRAMA *(Para público adulto)*

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)

Jesus bleibet meine Freude

JORGE DREXLER (1964)

Arranjo de *Mara Campos*

Al otro lado del rio

EDMUNDO VILLÂNI-CÔRTES (1930)

Frevo Fugato

TRADITIONAL SPIRITUALS

Lord, if I got my ticket, can I ride

Ride the chariot

GEORG FRIEDRICH HÄNDEL (1685-1759)

Hallelujah (do Messias)



ALIMENTANDO
COM MÚSICA

ALIMENTANDO COM MÚSICA

(Projeto Sociocultural e Educativo para Escolas - desde 1993)

O programa Alimentando com Música é desenvolvido por meio de uma parceria entre o Instituto Curitiba de Arte e Cultura e o Departamento de Ensino Fundamental da Secretaria Municipal da Educação, através do programa Comunidade Escola, e da Fundação de Ação Social de Curitiba. Na edição 2017, o tema a ser apresentado é "O DIÁRIO DE UMA BAILARINA", tendo como base obras consagradas de compositores nacionais renomados da MPB, bem como de compositores universais que fazem parte do repertório da Camerata Antiqua de Curitiba. O Alimentando com Música, idealizado, em 1993, pela musicista e servidora pública do município, Darci Almeida, inicialmente levava a música às escolas da rede pública e particular. Cada aluno contribuía com o projeto doando 1kg de alimento não perecível, num ato solidário, e toda a arrecadação era repassada às famílias e instituições carentes do município. E assim, a Camerata Antiqua de Curitiba, durante alguns anos, percorreu inúmeras unidades escolares com uma proposta didática socioeducativa, visando despertar neste público infantojuvenil possíveis dons artísticos, quer seja pela escolha de um dos instrumentos de cordas ou pela prática do canto-corál, que é a identidade e formação deste grupo, ou simplesmente para tornar-se público apreciador de um trabalho artístico musical de qualidade. Todavia, com o passar dos anos, o Conselho Artístico inverteu estrategicamente os encontros musicais que eram realizados nas escolas mensalmente. Assim, as turmas de alunos começaram a frequentar, na época, o Teatro Sesc da Esquina, um dos parceiros do programa que, além de abrigar os concertos executados pelo grupo, passou a doar toneladas de alimentos às instituições de caridade através do Mesa Brasil Sesc, que é uma rede nacional de bancos de alimentos contra a fome, e que contribui para a cidadania e a qualidade de vida de pessoas em situação de pobreza, promovendo uma perspectiva de inclusão social. Já a partir de 2004 com a Camerata fixada em sua nova sede, os concertos passaram a ser realizados e apreciados pelos alunos na Capela Santa Maria – Espaço Cultural, com conteúdos pedagógicos apresentados cenicamente e sobre um tema específico, elaborado criteriosamente dentro de um conceito e estética aplicados à cada edição, de forma a atender as necessidades desse público especial.

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Alimentando com Música (desde 1993) Apresenta "O Diário de uma bailarina"

Regência Mara Campos (SP)
Arranjos Marco Aurélio Koentopp (PR)
Direção Cênica Maurício Vogue (PR)
Atores Giovana de Liz (PR), Renet Lyon (PR)
Dramaturgia, Figurino e Cenografia Rhenan Queiroz (PR)
Assistente de Direção Ana Marta (PR)
Iluminação Luiz Nobre (PR)

Concertos para as escolas da rede pública de ensino

2, 4 e 6 de outubro, 9h30 e 10h30	Capela Santa Maria Espaço Cultural
3 e 5 de outubro, 14h30 e 15h30	Capela Santa Maria Espaço Cultural

Concertos abertos ao público geral

7 e 8 de outubro, 18h30	Capela Santa Maria Espaço Cultural
--------------------------------	------------------------------------

PROGRAMA

MARCO AURÉLIO KOENTOPP (1968)
Abertura Instrumental

TOQUINHO (1946)
Caderno

ANTÔNIO ADOLFO (1947)
TIBÉRIO GASPAS (1943)
Sá Marina

WILSON SIMONAL (1938-2000)
Mamãe passou açúcar em mim

EDU LOBO (1943)
CHICO BUARQUE DE HOLLANDA (1944)
Ciranda da Bailarina

PALAVRA CANTADA
Paulo Tatit / Sandra Peres
Fome-Come

CLEMENT JANEQUIN (1485-1558)
Les chant des Oiseaux

VINÍCIUS DE MORAIS (1913-1980)
Galinha D'Angola

CLAUDINHO E BOCHECHA
Fico assim sem você

FOLCLORE BRASILEIRO
Alecirim Dourado

EDU LOBO (1943)
CHICO BUARQUE DE HOLLANDA (1944)
Na carreira





BIOGRAFIAS DOS COMPOSITORES

Andrzej Koszewski *(Polônia, 1922-2015)*

Andrzej Koszewski foi musicólogo integrado na Academia de Música de Poznan. Ele era membro da Catedral Coro Poznan sob a direção de Vaclav Gieburowski. Desde 1948, trabalhou como professor em escolas de música. Inicialmente, ensinou na Escola Estadual Secundária de Música (1948-1961) e na Escola Superior de Música em Pozna (1950-1963). Desde 1957, lecionou na Escola Estadual Superior de Música (agora Academy of Music) em Pozna. Entre seus principais interesses de pesquisa estão a obra de Frederic Chopin, compositores poloneses do século XIX, a música contemporânea e improvisação para piano. Ele foi o autor do livro “Ciência dos materiais da improvisação de piano” (1968). Ele também era conhecido como o criador de muitas canções conhecidas de obras corais, executadas por coros no país e no exterior.

Anton Bruckner *(Áustria, 1824-1896)*

É um compositor conhecido por suas sinfonias, missas e motetos. As composições de Bruckner ajudam a definir o radicalismo musical contemporâneo, devido às suas dissonâncias, despreparadas modulações e itinerantes harmonias. Bruckner mostrou extrema humildade diante de outros músicos, Wagner, em particular. Esta aparente dicotomia entre Bruckner, o homem, e Bruckner, o compositor, dificulta os esforços para descrever a sua vida de uma forma que confira um contexto simples para a sua música. Suas obras, as sinfonias em particular, tiveram detratores, mais notavelmente o crítico austríaco influente Eduard Hanslick, e outros defensores de Johannes Brahms, que apontavam para a longa duração e uso da repetição. Bruckner

foi muito admirado pelos compositores posteriores, incluindo seu amigo Gustav Mahler.

Antonio Lucio Vivaldi *(Itália, 1678 - Áustria, 1741)*

Apelidado de Il Prete Rosso (O Padre Vermelho) por causa de seu cabelo ruivo, foi compositor, sacerdote e violinista virtuoso. Celebrado como um dos maiores virtuosos de sua época, contribuiu para o desenvolvimento, tanto da técnica de execução do instrumento, quanto da fixação do modelo formal do concerto com solista. O violino esteve presente em sua vida desde que nasceu: seu pai, Giovanni Battista, barbeiro de profissão e violinista de coração, tornou-se músico da orquestra da Basílica de São Marcos, tendo sido o primeiro professor do filho – que cresceu nessa atmosfera eclesial, o que explica a escolha de Vivaldi pela carreira sacerdotal numa época em que, na Itália, era bastante comum associar a atividade musical ao sacerdócio. Foi ordenado padre aos 25 anos, mas um ano depois, em 1704, foi dispensado por sofrer de asma. Pôde, então, dedicar-se à música, tendo permanecido, entre 1703 e 1720, como professor de violino do Pio Ospedale Della Pietà em Veneza, local que inicialmente funcionava como um albergue para cruzados. Porém com o término das Cruzadas, ele mudou gradualmente sua função para uma instituição de caridade para órfãos e crianças abandonadas, originalmente, meninas. Grande parte da música sacra de Vivaldi, vocal e instrumental, foi escrita para o desempenho no Ospedale Della Pietà. Além de 50 óperas, três oratórios, 49 cantatas profanas e 21 sinfonias, Vivaldi compôs cerca de 500 concertos, dos quais 230 destinam-se para violino solista.

Antonio Ribeiro

(*Minas Gerais, 1971*)

Compositor brasileiro, foi o último aluno de Camargo Guarnieri. Estudou música eletroacústica com Flô Menezes. É autor de cerca de 100 composições, tanto para orquestra sinfônica quanto para piano solo e diversas formações, além de música eletroacústica. Participou do Festival Música Nova, da Bienal de Música Eletroacústica de São Paulo e da Bienal de Música Contemporânea Brasileira do Rio de Janeiro. Recebeu o prêmio de Melhor Obra Vocal na Bienal de Música Contemporânea Brasileira da Funarte, em 2007. Entre suas principais obras se encontram a canção Retrato (1994, sobre poema de Cecília Meireles), as Quatro Miniaturas para Flauta e Cordas, a canção Cidadezinha Qualquer, o moteto policoral A Flor Nasceu (2008) e o Concertino para Fagote e Orquestra (2007)

Antônio Vaz

(*Brasil, 1884 - Portugal, 1972*)

Oficial músico militar e influente compositor de música para banda militar e banda filarmônica. Depois de estudar no Colégio dos Salesianos, ingressou no Exército Português como músico militar. Foi regente da banda do Corpo Expedicionário Português enviado para França no contexto da Primeira Guerra Mundial. Regressado a Portugal, em 1919, foi colocado como regente da banda do regimento aquartelado no Castelo de São João Baptista do Monte Brasil, em Angra do Heroísmo (Açores). Casou na cidade de Angra do Heroísmo e manteve-se naquela unidade militar até se reformar no posto de capitão músico. É autor de mais de meia centena de composições para banda, sendo a sua obra mais

conhecida a marcha Cavaleiros do Rei, que integra o repertório de numerosas bandas militares e filarmônicas. Entre as suas obras com maior expansão entre as filarmônicas contam-se as marchas Prelúdios, Hirta, Arabescos, Antonieta, Suspiro, Serrana, Campônia e Rústica. Em 1968 foi homenageado com o título de cidadão honorário daquela cidade e ainda condecorado com o grau de oficial da Ordem Militar de Avis.

Balthasar Resinarius

(*Alemanha, 1485-1544*)

Compositor alemão, um dos primeiros luteranos da Bohemia. Balthasar Resinarius foi inicialmente corista na capela da corte de Maximiliano I. Estudou na Universidade de Leipzig e mais tarde tornou-se sacerdote católico. Um dos primeiros convertidos à fé luterana e depois foi nomeado Bispo de Lipa. Tornou-se um dos principais representantes da primeira geração de compositores protestantes. Suas composições cobriam as necessidades imediatas da igreja luterana na liturgia, ressaltando a importância da palavra na criação musical.

Caetano Veloso

(*Bahia, 1942*)

Caetano Veloso já sabia desde pequeno o que queria ser na vida. Com pouco mais de quatro anos de idade, o irmão de Maria Bethânia já compunha. A trajetória musical começou em Salvador no início dos anos 60. A capital baiana vivia um momento de efervescência cultural e Caetano aproveitou sua paixão pela música e pela bossa nova de João Gilberto e começou a tocar em barzinhos da cidade. Foi em Salvador que conheceu o parceiro Gilberto Gil. Do fruto dessa amizade surgiram inúmeras composições. Nesse período, também, conheceu Gal Costa e

Tom Zé, futuros componentes da Tropicália. Seu primeiro trabalho musical foi uma trilha sonora para a peça 'O Boca de Ouro', de Nelson Rodrigues. O mesmo diretor, Álvaro Guimarães, também o convidou para compor a trilha de 'A exceção e a regra', de Bertolt Brecht. Esses trabalhos influenciaram definitivamente o seu futuro, fazendo-o decidir pela vida de cantor-compositor, o que faz brilhantemente com toda propriedade e requinte que se possa imaginar.

Charles Villiers Stanford

(*Irlanda, 1852 - Reino Unido, 1924*)

Stanford foi educado na Universidade de Cambridge antes de estudar música em Leipzig e Berlim. Sua presença foi fundamental para elevar o status da Cambridge University Musical Society, atraindo estrelas internacionais para o local. Enquanto fazia a graduação, Stanford foi nomeado organista da Trinity College, em Cambridge. Foi um dos professores fundadores da Royal College of Music, onde ensinou composição para o resto de sua vida. Também foi professor de música na Universidade de Cambridge. Como professor, Stanford era cético em relação ao modernismo, e baseou sua instrução principalmente em princípios clássicos, como os exemplificados na música de Brahms. Entre seus alunos estavam compositores cuja fama superaram a sua própria, como Gustav Holst e Ralph Vaughan Williams. Stanford dedicou-se ainda aos trabalhos como maestro. Compôs um número substancial de obras de concerto, incluindo sete sinfonias e obras corais para o desempenho na igreja. Ele foi um dedicado compositor de ópera, mas nenhuma de suas nove óperas completas resistiu no repertório geral.

Chico Buarque de Holanda

(*Rio de Janeiro, 1944*)

Músico, dramaturgo e escritor brasileiro. É conhecido por ser um dos maiores nomes da música popular brasileira. Sua discografia conta com aproximadamente oitenta discos, entre eles discos-solo, em parceria com outros músicos e compactos. Filho do historiador Sérgio Buarque de Holanda e de Maria Amélia Cesário Alvim, escreveu seu primeiro conto aos 18 anos, ganhando destaque como cantor a partir de 1966, quando lançou seu primeiro álbum, Chico Buarque de Hollanda. Venceu o Festival de Música Popular Brasileira com a música A Banda. Socialista declarado autoexilou-se na Itália em 1969, devido à crescente repressão do regime militar do Brasil nos chamados "anos de chumbo", tornando-se, ao retornar, em 1970, um dos artistas mais ativos na crítica política e na luta pela democratização no país. Na carreira literária, foi vencedor de três Prêmios Jabuti: o de melhor romance em 1992 com Estorvo e o de Livro do Ano, tanto pelo livro Budapeste, lançado em 2004, como por Leite Derramado, em 2010. Foi casado por 33 anos (de 1966 a 1999) com a atriz Marieta Severo, com quem teve três filhas, Sílvia Buarque, Helena e Luísa. Chico é irmão das cantoras Miúcha, Ana de Hollanda e Cristina. Musicou as peças Morte e vida Severina e o infantil Os Saltimbancos. Escreveu também várias peças de teatro, entre elas Roda Viva (proibida), Gota d'Água, Calabar (proibida), Ópera do malandro. Ao longo da carreira foi parceiro como compositor e intérprete de vários dos maiores artistas da MPB como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Toquinho, Milton Nascimento, Ruy Guerra

e Caetano Veloso. Os parceiros mais constantes são Francis Hime e Edu Lobo. Em 17 de março de 1983 estreou o balé O Grande Circo Místico, encomendado pelo Teatro Guaíra, em Curitiba. Inspirado no poema do modernista Jorge de Lima, Chico e Edu Lobo compuseram a canção homônima para esse espetáculo. Durante os dois anos seguintes, viajaram o país apresentando esse que foi um dos maiores e mais completos espetáculos já realizados.

Chico César (Paraíba, 1964)

Nascido no município de Catolé do Rocha, interior da Paraíba, aos dezesseis anos foi para João Pessoa, onde se formou em jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba. Nessa época, entrou para o grupo Jaguaribe Carne, o qual fazia poesia de vanguarda. Pouco depois se mudou para São Paulo. Trabalhando como jornalista e revisor de textos da Editora Abril, aperfeiçoou-se em violão, multiplicou as composições e formou seu público. Sua carreira artística tem repercussão internacional. A maioria de suas canções são poesias de alto poder de encanto linguístico. Em 1991, foi convidado para fazer uma turnê pela Alemanha, e o sucesso o animou a deixar o jornalismo para dedicar-se somente à música. Formou a banda Cuscuz Clã e passou a apresentar-se na casa noturna paulistana Blen Blen Club. Em 1995 lançou seu primeiro disco AOs Vivos e seu primeiro livro Cantáteis, cantos elegíacos de amizade (ed. Garamond). Em 2007 participou do filme Paraíba, Meu Amor, do cineasta suíço Jean Robert-Charreau, cuja música tema é de sua autoria. Chico César tornou-se presidente da Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope) em maio de 2009. De janeiro de 2011 a dezembro de 2014 foi Secretário de Cultura do estado da Paraíba.

Claudio Monteverdi (Itália, 1567-1643)

Compositor, maestro, cantor e gambista italiano, desenvolveu sua carreira trabalhando como músico da corte do duque Vincenzo I Gonzaga em Mântua, e depois assumindo a direção musical da Basílica de São Marcos em Veneza, destacando-se como compositor de madrigais e óperas. Foi um dos responsáveis pela passagem da tradição polifônica do Renascimento para um estilo mais livre, dramático e dissonante, baseado na monodia e nas convenções do baixo contínuo e da harmonia vertical, que se tornaram as características centrais da música dos períodos seguintes, o Maneirismo e o Barroco. Monteverdi é considerado o último grande madrigalista, certamente o maior compositor italiano de sua geração, um dos grandes operistas de todos os tempos e uma das personalidades mais influentes de toda a história da música do ocidente. Não inventou nada novo, mas sua elevada estatura musical deriva de ter empregado recursos existentes com uma força e eficiência sem paralelos em sua geração, e integrado diferentes práticas e estilos em uma obra pessoal rica, variada e muito expressiva, que continua a ter um apelo direto para o mundo contemporâneo.

Clément Janequin (França, 1485-1558)

Compositor e sacerdote francês, foi mestre da canção polifônica do século XVI e um dos mais famosos compositores de chansons de toda a Renascença. Pouco se pode dizer sobre detalhes da sua infância e adolescência, mas sabe-se que trabalhou (1505-1523) como secretário de Lancelot du Faue, pároco em Bordeaux. Depois da morte de du Faue, foi para Anjou, onde se ordenou padre. Em Anjou

ocupou uma série de postos eclesiásticos secundários, enquanto estudava canto na catedral de Auch. Em 1534, foi mestre de capela da catedral de Angers, mas sempre ambicionava ocupar posições mais lucrativas. Em Paris (1549), atendendo a um convite de Jean de Guise, patrono de Erasmus, Clement Marot e Rabelais, passou a trabalhar como capelão e músico. Em meados da década seguinte passou a servir Henrique II como compositor ordinário da corte. Considerado o mais original no domínio da música profana que no da música sacra, compôs cerca de três centenas de peças, na sua grande maioria canções descritivas e de grande gosto popular, entre elas: La Bataille de Marignan, Les Cris de Paris, Le Chant des oiseaux e La Chasse. Apesar de menos significativa, sua obra religiosa compreendeu duas missas a quatro vozes, Missa super e La Bataille, um moteto e coleções de salmos e canções espirituais.

Danilo Guanais (São Paulo, 1965)

Compositor, violonista e vocalista. Iniciou carreira artística participando de festivais como compositor, tendo sido premiado no V Festival de Teatro de Pelotas, no Rio Grande do Sul e no II Festival Internacional de Artes Cênicas de Resende, no Rio de Janeiro. Em 1989 gravou como corista no LP “Corais dos empregados da Petrobras”. Em 1996 compôs as músicas para o CD “Missa”, no qual combinou elementos do latim tradicional com elementos da cultura popular, gravado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Em 1999 participou do CD “Nação Potiguar”, gravado em homenagem aos 400 anos da cidade de Natal. No mesmo, participou do Projeto Seis e Meia, da Fundação José Augusto, no Teatro Maranhão. Faz parte do duo de violões Álvaro e Danilo. É professor da Escola de Música da UFRN.

Davi Sartori (São Paulo/Paraná, 1982)

Pianista, arranjador e compositor, Davi Sartori é um músico que transita por áreas e gêneros musicais diversificados. Natural da pequena cidade de Terra Roxa, em São Paulo. Radicado em Curitiba desde 2000, quando passou a integrar a classe da respeitada pianista russa Olga Kiun, na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Durante seus estudos frequentou assiduamente as Oficinas de Música de Curitiba, recebendo orientação de importantes professores. Interessado em outros gêneros musicais, especialmente arranjo e composição, Davi Sartori estudou, durante três anos, Harmonia e Análise Musical com o Maestro Osvaldo Colarusso. Após se graduar em piano, ingressou na Orquestra À Base de Sopro, do Conservatório de MPB, em Curitiba. Ao lado da Orquestra, apresentou-se com os mais importantes músicos brasileiros. Além de vários arranjos dedicados a OABS, no repertório constam também duas composições originais suas para o grupo. Recebeu uma encomenda do grupo italiano de música contemporânea “Sonata Islands” para compor a obra “Luanda - Fantasia sobre o Maracatu”, que foi estreada em Trento e Milano, tendo como solista o clarinetista italiano Gabrieli Mirabassi. No ano seguinte, estreou sua obra camerística “Miniaturas do Imaginário Infantil” na Capela Santa Maria. Também teve suas composições premiadas no “Cascavel Jazz Festival” 2004. Atuou como solista interpretando o “Concerto para piano e instrumentos de Sopros” de Igor Stravinsky no encerramento da 32ª Oficina de Música de Curitiba realizado no Teatro Guaíra. Tem em sua discografia cerca de 40 CDs e 20 DVDs gravados, incluindo participações, arranjos e produções.

Dorival Caymmi

(Salvador, 1914 - Rio de Janeiro, 2008)

Cantor, compositor, violonista, pintor e ator brasileiro. Compôs inspirado pelos hábitos, costumes e as tradições do povo baiano. Tendo como forte influência a música negra, desenvolveu um estilo pessoal de compor e cantar, demonstrando espontaneidade nos versos, sensualidade e riqueza melódica. Poeta popular, compôs obras como Saudade da Bahia, Samba da minha Terra, Doralice, Marina, Modinha para Gabriela, Maracangalha, Saudade de Itapuã, O Dengo que a Nega Tem, Rosa Morena. Filho de Durival Henrique Caymmi e Aurelina Soares Caymmi, era casado com Adelaide Tostes, a cantora Stella Maris. Todos os seus três filhos (Nana Caymmi, Dori Caymmi e Danilo Caymmi) também são cantores, assim como sua neta Alice Caymmi.

Edward Benjamin Britten

(Inglaterra, 1913-1976)

Compositor, pianista e maestro britânico. As suas óperas são conhecidas como as mais requintadas, desde as de Henry Purcell, no século XVII. Começou a compor com doze anos e, alguns anos depois, estudou no Royal College of Music, em Londres, com John Ireland e com Arthur Benjamin. Nessa altura escreveu a série de variações corais A Boy Was Born (1933). Depois compôs várias peças para a rádio, para o teatro e para o cinema. Em 1927, foi aclamado internacionalmente com a peça Variations on a Theme of Frank Bridge, para orquestra de cordas. A prontidão que Britten sempre revelou em experimentar novos estilos, formas e sonoridades, mostrou ser bastante fértil. No entanto, dentro dos vários trabalhos que criou, destacou-se pelas óperas, que são admiradas pela forma hábil e engenhosa de

utilizar as palavras no fundo musical. As mais conhecidas são: The Rape of Lucretia (1946), Albert Herring (1947), Billy Budd (1951), Gloriana (1953), The Turn of the Screw (1954), A Midsummer Night's Dream (1960), Owen Wingrave (1971) e Death in Venice (1973). Também compôs várias peças corais, entre as quais se destaca War Requiem (1962), baseada nos poemas de Wilfred Owen, e parábolas religiosas, como The Burning Fiery Furnace (1966) e The Prodigal Son (1968).

Eric Whitacre

(Estados Unidos, 1970)

O compositor e maestro Eric Whitacre é um dos músicos mais populares de sua geração. Sua música de concerto foi executada em todo o mundo por milhões de músicos amadores e profissionais, enquanto seus coros virtuais inovadores uniram cantores de mais de 110 países diferentes. Como maestro lançou vários álbuns ao topo das paradas, incluindo o best-seller de 2011. Eric tem realizado concertos corais e instrumentais ao redor do mundo, incluindo disputados concertos com a Orquestra Sinfônica de Londres, a Royal Philharmonic Orchestra e a Orquestra de Minnesota. Além de várias colaborações com o lendário compositor Hans Zimmer Hollywood, tem trabalhado com ícones do pop como a britânica Laura Mvula, Imogen Heap e Annie Lennox. Orador carismático, Eric deu palestras para inúmeras empresas Fortune 500 e instituições globais, incluindo Apple, Google, e o Fórum Econômico Mundial, em Davos. Graduado da prestigiosa Juilliard School of Music, tem mais cinco anos como Visiting Fellow e Compositor em Residência na Universidade de Cambridge, Reino Unido.

Ernst Widmer

(Suíça, 1927-1990)

Foi compositor, regente, pianista, professor e pedagogo musical suíço-brasileiro, formado no Conservatório de Zurique. Ali, sob a orientação de Willy Burkhard (composição), Walter Frey (piano) e Paul Müller (instrumentação), graduou-se em piano, composição e em pedagogia de disciplinas teóricas e contraponto. Veio para o Brasil, em 1956, a convite de Hans-Joachim Koellreutter - fundador dos Seminários de Música da Bahia - atualmente Escola de Música da Universidade Federal da Bahia. Em Salvador, onde passaria a metade da sua vida, Widmer foi professor titular da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia. Lecionou composição, orquestração, improvisação, teoria, percepção e educação musical. Regente do Madrigal da Universidade Federal da Bahia e professor, Widmer idealizou os Cursos de Música Nova e as Apresentações de Compositores da Bahia. Foi mestre de três gerações de regentes e compositores de distintas tendências, dentre os quais se incluem Benito Juarez, Lindemberg Cardoso, Fernando Cerqueira, Jamary Oliveira, Carlos Veiga, Tom Zé, Marco Antônio Guimarães, Agnaldo Ribeiro, Paulo Costa Lima e muitos outros. Foi também o mentor de um importante movimento musical que, em 1966, deu origem ao Grupo de Compositores da Bahia. Ainda nos anos 1960, naturalizou-se brasileiro. Autor de uma vasta obra, Widmer interessou-se pelo folclore musical baiano, compreendendo-o de uma forma muito peculiar. Sua produção artística chega ao opus 173 e abrange vários gêneros musicais (peças didáticas, religiosas, de concerto, ópera, balé, música para cinema e teatro) e enorme variedade de formações vocais e instrumentais. Foi membro da Academia Brasileira de Música, tendo ocupado a cadeira 31.

Francesco Geminiani

(Itália, 1687 - Inglaterra, 1762)

Fez sua carreira como compositor, maestro, violinista virtuoso e teórico musical da Itália. Foi aluno de Alessandro Scarlatti, Carlo Ambrogio Lonati e Arcangelo Corelli. A partir de 1711 foi maestro em Nápoles. Em 1714 foi a Londres para realizar concertos como violinista, onde recebeu a proteção de William Capel, conde de Essex. Em 1715 se apresentou em duo com Haendel diante do rei Jorge I. Nesse país estabeleceu residência, compôs e deu aulas, além de reunir uma coleção de obras de arte. Em sua obra de composição se destacam suas sonatas para violino e baixo contínuo e seus concerti grossi, nos quais introduziu a viola como parte do concertino. Para este estilo, também adaptou algumas sonatas para violino e baixo de seu mestre Corelli. Escreveu um tratado sobre a arte do violino em 1751, *Art of Playing the Violin*, que resume a prática do instrumento no século XVIII, sendo uma referência até os dias de hoje. Seu *Guida harmonica* (c. 1752) é um dos mais originais tratados de harmonia, dando instruções detalhadas para a realização do baixo contínuo. Outras de suas obras teóricas são *Art of Accompaniment on the Harpsichord, Organ* (1754), *Lessons for the Harpsichord*, e *Art of Playing the Guitar* (1760).

Franz Liszt

(Hungria, 1811 - Alemanha, 1886)

Iniciou-se no piano com o pai. Apresentou-se ao público pela primeira vez aos nove anos de idade e, encantados com o menino prodígio, vários nobres decidiram contribuir com fundos para a continuação dos seus estudos. Em 1822 partiu para Viena, onde deu vários concertos, sendo aplaudido inclusive por Beethoven em 1823. Teve aulas com Salieri (composição) e Czerny (piano). Em seguida

radicou-se na França, onde foi impedido de ingressar no Conservatório de Paris, por ser estrangeiro. Liszt completou seus estudos com aulas particulares, com Reicha e Paer. Aos 14 anos de idade, compôs sua primeira ópera, em um ato, "Don Sancho". Conheceu Chopin, Berlioz, Lamartine, Victor Hugo, George Sand e Heinrich Heine, e se familiarizou com o romantismo. Em 1842 mudou-se para Weimar, abandonando a carreira de solista para assumir o cargo de diretor musical da Ópera. Foi lá que nasceu seu interesse pela música orquestral e que conheceu o compositor Richard Wagner, futuro marido de sua filha Cosima. Em Weimar ele viveu, em 1848, um romance com a princesa Caroline Sayn-Wittgenstein. Em 1858, aborrecido com suas funções em Weimar e separado da princesa, Liszt foi para a Itália e se tornou membro da terceira ordem dos franciscanos em 1865. Nesse período dedicou-se a obras sacras. Compôs as famosas "Rapsódias Húngaras", os "Estudos Transcendentais", além de transcrever inúmeras peças para piano, das quais se destacam as coletâneas "Anos de Peregrinação" e "Harmonias Poéticas e Religiosas". Liszt escreveu duas sinfonias, a "Sinfonia Dante", inspirada na "Divina Comédia" de Dante Alighieri, e a "Sinfonia Fausto", composta por diferentes quadros que caracterizam as personagens de "Fausto", do escritor alemão Goethe. O músico também possui inúmeros lieder e peças para música de câmara, das quais se destacam aquelas para violino e piano. Sua "Sonata em Si Menor", apesar de não ter agradado a Johannes Brahms, que diz ter adormecido durante a execução, é provavelmente a maior obra. Em Budapeste foi festejado como compositor nacional da Hungria. Liszt morreu na casa de Wagner em 1886, sendo considerado o maior pianista do século 19.

Gabriel Urbain Fauré

(França, 1845-1924)

Compositor, organista, pianista e professor, foi um dos principais compositores franceses de sua geração, e seu estilo musical influenciou muitos compositores do século XX. Entre seus trabalhos mais conhecidos estão os seus Pavane, Requiem, nocturnes para piano e as canções "Après un rêve" e "Clair de lune". Fauré compôs muitas das suas obras mais conceituadas em seus últimos anos, de uma forma mais harmônica e num estilo melódico mais complexo. A música de Fauré foi descrita como ligando o fim do Romantismo com o Modernismo do século 20. Quando ele nasceu, Chopin ainda estava compondo, e pelo tempo da morte de Fauré, o jazz e a atonal música da Segunda Escola de Viena estavam sendo ouvidas. O Grove Dictionary of Music and Musicians, que o descreve como o compositor mais avançado da sua geração na França, observa que suas inovações harmônicas e melódicas influenciaram o ensino de harmonia para as gerações posteriores. Durante os últimos vinte anos de sua vida, sofreu de surdez crescente.

Georg Muffat

(França, 1653 - Alemanha, 1704)

Georg Muffat nasceu em Megève, Saboia, hoje território francês. É um compositor do período barroco e pai do também compositor de sucesso Gottlieb Muffat. Como organista serviu ao arcebispo de Salzburg. Em 1681 foi para a Itália e em Roma estudou com Arcangelo Corelli e Bernardo Pasquini. Passou cerca de seis anos em Paris, onde se familiarizou completamente com a música de Jean-Baptiste Lully. Suspeita-se que tenha sido aluno deste compositor. A obra mais famosa de Muffat, 12 suítes orquestrais, *Florelegia* (dois conjuntos, 1695 e 1698), foi

uma das primeiras coleções alemãs de suítes à maneira francesa, usando movimentos de dança influenciados por aqueles de trabalhos da fase de Lully. O *Florelegia* também contém informações valiosas sobre o desempenho dos franceses no final do século XVII. Sua *Ausserlesene-Instrumental-Music* (1701) foi uma coleção inicial de concerti grossi no estilo desenvolvido por Corelli. Entre suas outras obras estão o tributo Armonico, um conjunto de sonatas trio de cinco peças.

George Friederich Händel

(Alemanha, 1685 - Inglaterra, 1759)

Compositor alemão, inglês de adoção. É considerado um dos maiores músicos do Barroco. Filho de um barbeiro que não concordava com a vocação de seu filho para a música, por isso, ele tocava cravo às escondidas. Numa visita à corte de Saxe-Weissenfels, o duque gostou da apresentação de Händel no órgão e pediu a seu pai para colocá-lo sob tutela de F.W. Zachau, organista da igreja de Nossa Senhora de Halle. Händel já era um virtuose no cravo e órgão com apenas 11 anos. Compôs a primeira ópera, "Almira", apresentada em Hamburgo em 1705. Passou a maior parte de sua vida em Londres, onde, superando todas as dificuldades, realizou o supremo ideal do Barroco. Naturalizou-se inglês em 1726, quando já era compositor oficial da corte inglesa. Foi um exímio compositor de óperas, cantatas e oratórios, obras-primas da polifonia vocal. Escrevia para grandes orquestras e grandes corais. Sua característica era o drama especial que podemos ouvir em alguns coros de seus oratórios. A sua obra sacra é riquíssima. Dos oratórios, destacam-se "Messiah" (1741), "Israel in Egypt" (1738), "Judas Maccabaeus" (1746), "Joshua" (1747), "Jephtha" (1751);

Das óperas, “Agrippina” (1709) “Rinaldo” (1711), “Tamerlano” (1724) “Rodelinda” (1725), “Ariodante” (1735) “Alcina” (1735), “Berenice” (1737). Já das cantatas temos, “La Lucrezia - O Numi Eterni” (1710) “Ode for St. Cecilia’s Day” (1739). Das obras instrumentais, destacam-se os concertos para órgão, “Música para os Reais Fogos de Artifício” e “Música Aquática”. No fim da vida, estava praticamente cego. Morreu pouco tempo depois de uma apresentação do “Messias”, seu oratório mais conhecido. Händel faleceu em Londres em 1759. Seu corpo foi sepultado na Abadia de Westminster, numa cerimônia assistida por milhares de pessoas.

Gilberto Mendes (São Paulo, 1922-2016)

Iniciou seus estudos de música aos 18 anos, no Conservatório Musical de Santos. Praticamente autodidata em composição, compôs sob orientação de Cláudio Santoro e Olivier Toni, e frequentou o Ferienkurse fuer Neue Musik de Darmstadt, Alemanha. Em 1997, musicou o poema “O anjo esquerdo da História”, de Haroldo de Campos, que fala sobre os 19 sem-terra assassinados em Eldorado dos Carajás, no Pará, no dia 17 de abril de 1996. Já em Vila Socó, Meu Amor, Gilberto Mendes homenageia os 93 mortos no incêndio da favela Vila Socó, de Cubatão, em 1984. Um dos pioneiros da música concreta no Brasil, foi um dos signatários do Manifesto Música Nova, publicado pela revista de arte de vanguarda Invenção, de 1963. Foi porta-voz da poesia concreta paulista, do grupo Noigandres. Como consequência dessa tomada de posição, tornou-se um dos pioneiros no Brasil no campo da música concreta, da música aleatória, da música serial integral, mixed média,

experimentando ainda novos grafismos, novos materiais sonoros e a incorporação da ação musical à composição, com a criação do teatro musical, do happening. Professor universitário, conferencista, colaborador das principais revistas e jornais brasileiros, Gilberto Mendes foi fundador (1962), diretor artístico e programador do Festival Música Nova de Santos, o mais antigo em seu gênero em toda a América. Como professor convidado e composer in residence, deu aulas Universidade de Wisconsin-Milwaukee (Estados Unidos) na qualidade de University Artist 78/79 e Tinker Visiting Professor. Gilberto Mendes era doutor pela Universidade de São Paulo, onde deu aulas no Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes até se aposentar.

Giles Swayne (Reino Unido, 1946)

Swayne passou grande parte de sua infância em Liverpool, onde se dedicou ao piano e começou a compor em uma idade jovem. Ele foi educado na faculdade de Ampleforth e na Universidade de Cambridge, onde estudou com Raymond Leppard e Nicholas Maw. Ganhou uma bolsa de estudos para cursar composição na Academia Real de Música de Londres, em 1968, onde estudou com Harrison Birtwistle, Alan Bush, e, mais uma vez, Maw. Durante os anos de 1976 a 1977, estudou com Olivier Messiaen no Conservatório de Paris. De 1981 a 1982 fez uma visita de estudo à Gâmbia e ao sul do Senegal, para gravar a música da comunidade de Jola de Casamance. Essas gravações estão no Arquivo Sonoro da Biblioteca Britânica e são disponibilizadas pela internet. O seu interesse pela África e pela música

africana marcaram grandemente sua vida e trabalho. Juntamente com sua segunda esposa, Naaotwa Codjoe, viveu em uma vila perto de Accra, Gana. Anos depois se estabeleceu em Londres. Hoje Swayne é aclamado como um dos grandes compositores do Reino Unido.

Hans Leo Hassler (Alemanha, 1564-1612)

Compositor e organista da alta Renascença e início do Barroco, era conhecido, sobretudo, como organista e projetista de órgãos, mas também escreveu diversas e belas obras corais como Sacrae Cantiones e Sacri Concentus. Hassler é considerado um dos mais importantes compositores alemães de todos os tempos. O uso que fazia de técnicas italianas inovadoras, associadas às técnicas tradicionais e conservadoras alemãs, permitiu que suas composições fossem atuais sem a afetação do tom moderno. Suas canções apresentam uma combinação de literatura vocal e instrumental sem o uso do baixo-contínuo, e quando existente, é apenas indicado como opcional. A sua música sacra introduziu as estruturas policorais italianas que influenciariam mais tarde muitos compositores, conduzindo-os ao período barroco.

Harry Crowl (Minas Gerais, 1958)

Compositor e musicólogo, com um catálogo até o momento de 120 obras, sua música tem sido executada e transmitida frequentemente no Brasil e em vários países por grupos e orquestras, dos quais se destacam: o Trio Fibonacci (Canadá), o Ensemble Recherche (Alemanha), Orchestre de Flutes Français e Ensemble 2E2M (França), Moyzes Quartet (Eslováquia), The George Crumb Trio (Áustria), Orquestras

de Câmara da Rádio Romena e da Cidade de Curitiba, Orquestras Sinfônicas do Paraná, de Minas Gerais e a Orquestra Municipal de Campinas. Foi delegado brasileiro junto à Sociedade Internacional de Música Contemporânea – SIMC, entre 2002 e 2006. Tem participado dos principais festivais dedicados à música contemporânea no Brasil, como a Bienal de Música Brasileira Contemporânea (Rio de Janeiro), Festivais Música Nova (São Paulo/Santos), ENCOMPOR (Porto Alegre), Festival Latino-americano de Música Contemporânea (Santiago, Chile), entre vários outros. Atualmente, é Professor da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Diretor Artístico da Orquestra Filarmônica da Universidade Federal do Paraná e produtor de programas de rádio da Paraná Educativa FM.

Heitor Villa-Lobos (Rio de Janeiro, 1887-1959)

Compositor e maestro brasileiro, nasceu no Rio de Janeiro, filho de um músico amador, funcionário da Biblioteca Nacional. Desde cedo aprendeu piano e clarineta e, aos 12 anos, começou a tocar violoncelo em teatros, cafés e bailes. Também aprendeu violão e conviveu com os chorões (músicos populares que tocavam choros), que com suas canções de rua foram seus primeiros professores. Sua formação de autodidata foi completada lendo e estudando as obras dos grandes mestres. Mas foram o seu instinto e gênio, peculiares aos grandes mestres, e sua grande admiração por Johann Sebastian Bach (1685-1750), as forças que o impulsionaram a compor. O conhecimento do folclore nacional viria também a ser de vital importância para a criação de sua monumental obra nacionalista. Heitor viajou muito pelo interior do Brasil, fugindo de casa e de sua mãe, que queria que ele estudasse medicina. Nessas viagens,



coletou vasto material folclórico que viria a ser uma rica fonte para o amadurecimento do seu estilo nacionalista, apesar das suas primeiras composições serem influenciadas por Richard Wagner, Giacomo Puccini e C. Franck, compositores da virada do século, do alto romantismo e do impressionismo francês.

Henrique de Curitiba

(Paraná, 1934-2008)

Compositor descendente de poloneses, conhecido como Henrique de Curitiba. Graduou-se em 1953, na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Aperfeiçoou-se em piano com Henry Jolles e em composição com H.J. Koellreuter na Escola Livre de Música de São Paulo. Em 1960, na Polônia, cursou interpretação pianística com Margherita Trombini-Kazuro na Escola Superior de Música de Varsóvia. Fez mestrado em Composição Musical nos Estados Unidos, onde estudou com o compositor Karel Husa. Possuidor de numerosa obra como compositor neoclássico e tendo mais de 150 composições no gênero instrumental, vocal e de câmara, destaca-se como um dos principais compositores brasileiros de sua geração. Entre suas obras de maior destaque estão, “Evocação das Montanhas”, gravada por Milton Nascimento; “Serenata Noturna”, com a Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba; “Missa Breve”, com o Coro de Câmara da UFG; “Já Vem Primavera”, madrigal gravado pelo coral da Universidade de São Francisco, na Califórnia, USA, entre outras. Além de outras obras editadas no Brasil e no Exterior.

Heinrich Schütz

(Alemanha, 1585-1672)

Considerado o mais importante compositor alemão antes de Johann Sebastian Bach, também é visto como um dos mais

importantes compositores do século XVII junto a Claudio Monteverdi. Foi um dos primeiros grandes compositores alemães a se dedicar ao oratório, destacando-se História da Ressurreição, Sete Palavras de Jesus na Cruz, e História do nascimento de Jesus Cristo Nosso Senhor (oratório de Natal). Os Salmos de David, as Symphoniae Sacrae e as Cantiones Sacrae também são obras-primas do gênero. Embora sua imensa produção, a maioria sacra, fosse fortemente influenciada pelos estilos italianos, suas obras dramáticas corais, inspiradas pelos ideais de Lutero, puseram a música alemã no mapa.

Jacobus Gallus

(Eslovênia, 1550-1591)

Conhecido como um compositor tardio renascentista de origem eslovena, fez parte do Sacro Império Romano dos Habsburgo, da Áustria. Jacobus Gallus foi educado no mosteiro cisterciense em Sti na. Deixou a Áustria entre 1564 e 1566, e posteriormente, a Boêmia, Morávia e Silésia. Durante algum tempo viveu na abadia beneditina Melk na Baixa Áustria. Foi Kapellmeister do bispo de Olmütz, Morávia, entre 1579 e 1585. Após 1585, trabalhou como organista em Praga para a igreja de Santo Jan na Zábradlí. Gallus representou a Contrarreforma na Boêmia, misturando o estilo polifônico da Alta Renascença, Escola franco-flamenga com o estilo do Venetian School. Sua produção foi extremamente prolífica: mais de quinhentas obras têm-lhe sido atribuídas. Seu trabalho mais notável é Opus musicum, 1577, uma coleção de 374 motetos que acabaria por cobrir as necessidades de toda a liturgia eclesiástica. O moteto O Magnum Mysterium, desde o primeiro volume, impresso em 1586, abrange o período compreendido entre o primeiro domingo do Advento à Septuagésima. Este moteto para oito vozes mostra a influência do estilo policoral veneziano.

Jean-Marie Leclair

(França, 1697-1764)

Conhecido como um compositor e violinista francês da era barroca, Jean-Marie Leclair é considerado o fundador da escola de violino francesa. Estudou violino em Turim, Itália. A partir de 1723, ele tocou no Concert Spirituel em Paris, a principal série de música semipública. Foi nomeado “ordinaire de la musique” por Louis XV, mas renunciou após um choque com Guidon sobre o controle da musique du Roy. Leclair foi então contratado pela Princesa de Orange onde a serviu em sua corte em Haia. Retornou a Paris em 1743, onde sua única ópera “Scylla et Glaucus” foi executada primeiramente em 1746. A partir de 1740 até a sua morte, serviu ao duque de Gramont. Em 1764, ele foi encontrado apunhalado perto de sua pequena casa em um perigoso bairro parisiense. Leclair foi renomado como violinista e como compositor, deixou muitas suítes, sonatas e concertos que sobreviveram junto com sua ópera, enquanto que algumas obras vocais, balés e outras músicas de palco se perderam.

João Bosco

(Minas Gerais, 1946)

Cantor, violonista e compositor brasileiro, João Bosco começou a tocar violão aos doze anos, incentivado por uma família repleta de músicos. Suas primeiras influências foram Ângela Maria, Cauby Peixoto, Elvis Presley e Little Richard. Alguns anos depois, começou os estudos na Escola de Minas em Ouro Preto, cursando Engenharia Civil. Apesar de não deixar de lado os estudos, dedicava-se sobremaneira à carreira musical, influenciado principalmente por gêneros como jazz e bossa nova e pelo tropicalismo. Foi, em Ouro Preto, em 1967, na casa do pintor Carlos

Scliar, que conheceu Vinícius de Moraes, com o qual compôs as canções: Rosa-dos-ventos, Samba do Pouso e O mergulhador - dentre outras. Em 1970 conheceu aquele que viria a ser o mais frequente parceiro, com quem compôs mais de uma centena de canções: Aldir Blanc, O mestre sala dos mares, O bêbado e a equilibrista, Bala com bala, Kid cavaquinho, Caça à raposa, Falso brilhante, O rancho da goiabada, De frente pro crime, Fantasia, Bodas de prata, Latin Lover, O ronco da cuíca, Corsário, dentre muitas outras. A primeira gravação saiu no disco de bolso do jornal O Pasquim: Agnus Sei (1972). No ano seguinte, assinou contrato com a gravadora RCA, lançando o primeiro disco, que levava apenas seu nome. Em 1972 conheceu Elis Regina, que gravou uma parceria sua com Blanc: Bala com Bala. Sua carreira deslançou quando da interpretação da cantora para o bolero Dois pra lá, dois pra cá.

Johann Sebastian Bach *(Alemanha, 1685-1750)*

Nascido em uma família de longa tradição musical, cedo mostrou possuir talento e logo se tornou um músico completo. Adquiriu um vasto conhecimento da música europeia de sua época e das gerações anteriores. Ocupou vários cargos em cortes e igrejas alemãs. Suas funções mais destacadas foram a de Kantor da Igreja de São Tomás e Diretor Musical da cidade de Leipzig, onde desenvolveu a parte final e mais importante de sua carreira. Absorvendo inicialmente o grande repertório de música contrapontística germânica como base de seu estilo, sua obra recebeu, mais tarde, influências italiana e francesa, proporcionando-lhe uma multiplicidade de tendências. Praticou quase todos os gêneros musicais conhecidos em seu tempo, com a notável exceção da ópera,

embora suas cantatas maduras revelem bastante influência desse gênero. Sua habilidade ao órgão e ao cravo foi bastante reconhecida e se tornou lendária, sendo considerado o maior virtuose de sua geração e um especialista na construção de órgãos. Tinha grandes qualidades como maestro, cantor, professor e violinista, mas como compositor seu mérito só recebeu aprovação limitada e nunca foi exatamente popular, ainda que vários críticos que o conheceram o louvassem como grande. A maior parte de sua música caiu no esquecimento após sua morte, mas sua recuperação volta à cena com grande força no século XIX e desde então seu prestígio não parou de crescer. Na apreciação contemporânea, Bach é tido como o maior nome da música barroca, e muitos o veem como o maior compositor de todos os tempos. Entre suas peças mais conhecidas estão os “Concertos de Brandeburgo”, o “Cravo Bem-Temperado”, as Sonatas e Partitas para violino solo, a “Missa em Si Menor”, a “Tocata e Fuga em Ré Menor”, a “Paixão Segundo São Mateus”, “Paixão Segundo São João”, a “Oferenda Musical”, a “Arte da Fuga” e várias de suas cantatas.

Johannes Brahms *(Alemanha, 1833 - Áustria, 1897)*

Nasceu em 1833, na cidade de Hamburgo (Alemanha). Depois de estudar violino e violoncelo com seu pai, o baixista do teatro da cidade, Brahms se formou em piano e começou a compor sob a tutela do mestre alemão Eduard Marxsen, que o influenciou muito. Em 1853, começou uma turnê de concertos como acompanhante para o violinista húngaro Eduard Reményi. Durante essa turnê, conheceu o violinista Joseph Joachim, que o apresentou ao compositor alemão Robert Schumann. Este ficou tão

surpreso com as composições de Brahms, ainda não editadas, que escreveu um artigo entusiástico em uma revista da época sobre o jovem compositor. Em 1857, foi diretor do Teatro da Corte em Delmont, onde permaneceu até 1859. Viajou por algum tempo pela Alemanha e Suíça. Seu primeiro grande trabalho apresentado ao público foi o Concerto No. 1, para Piano e Orquestra em Dó menor, que foi executado por ele em Leipzig (1859). Em 1863, mudou-se para Viena, onde obteve o cargo de diretor do Singakademie, deixando-o um ano depois. Em 1868, alcançou a fama em toda a Europa para a estreia de seu Réquiem Alemão. Em 1871, em Viena, foi nomeado diretor do der Gesellschaft Musikfreunde (Sociedade de Amigos da Música), embora em 1874 tenha deixado esse cargo para, assim, dedicar todo seu tempo à composição. Foi respeitado em sua época como um dos maiores compositores e considerado à mesma altura que Bach e Beethoven, com os quais forma os três “B” na história da música. Sua inspiração romântica está nas inúmeras coleções de lieder. Sua produção tem grande austeridade e nobreza de expressão, evitando sempre qualquer confissão pessoal. Em 1897, Brahms morre em Viena. Seus restos mortais descansam no Cemitério Central de Viena.

John Dowland *(Inglaterra, 1563 - Itália, 1626)*

John Dowland é o mais famoso alaudista e compositor renascentista de canções do período elisabetano. Fazendo trocadilho com seu nome, ele próprio se chamava Semper dolens, sempre dolente (dolens-Dowland), inclinado a expressar em música a dor, a tristeza do amor e o espírito de geral melancolia, muito em moda na poesia do seu tempo. Contemporâneo do escritor

William Shakespeare, ainda hoje é lembrado pela grande melancolia em suas músicas vocais. Sua música instrumental passou por uma grande revitalização, tendo sido incluída no repertório de violonistas eruditos durante o século XX. Muitas das músicas de Dowland são para um único instrumento, o alaúde. Sua obra inclui diversos livros com trabalhos para alaúde, e canções com acompanhamento de alaúde (voz e alaúde), e várias peças para viola e alaúde. O poeta Richard Barnfield escreveu que Dowland “toca o alaúde divinamente fazendo desaparecer o acaso ao senso humano”. Uma de suas mais famosas canções, “Flow, my tears”, é um exemplo precioso, na qual o sentimento sofrido e doloroso é levado ao extremo.

Johann Walter *(Alemanha, 1496-1570)*

Compositor e cantor na capela de Frederico, o músico, com a idade de 21, era o diretor da capela e tinha se tornado um porta-voz musical para os luteranos. Editou o primeiro hinário protestante para coro, Eyn geystlich Gesangk Buchleyn, em Wittenberg, em 1524, com prefácio de Martin Luther; e para o Deutsche Messe. Após a conclusão da sua nomeação para a capela de Frederick, Walter tornou-se cantor para o Torgau, coro da cidade, em 1525, cargo que manteria até 1548, quando foi nomeado compositor da corte para Moritz, duque de Saxony em Dresden. Em Dresden, compôs uma responsorial Passion em Alemão. Em versões musicais anteriores da história da Paixão toda a narrativa foi uma sucessão de motetos polifônicos, mas ele usou um tom monofônico de recitação para o Evangelista e o dramatis personae, reservando para as pessoas e discípulos simples falsobordone (acordes) da polifonia. Walter

não permaneceu muito tempo em Dresden e em 1554 aceitou uma pensão do duque e regressou a Torgau, onde permaneceu pelo resto da vida. Ele morreu em 1570. O asteróide 120.481 Johannwalter é nomeado em sua honra. Ele também é comemorado no calendário dos Santos da Igreja Luterana - Sínodo de Missouri - como músico na data de 24 de abril.

Jorge Drexler (Uruguai, 1964)

É um cantor e compositor uruguaio, mais conhecido pela sua canção “Al otro lado del río”, a primeira canção em espanhol a vencer o Oscar de melhor canção original. Além de cantor e compositor, é médico especialista em otorrinolaringologia. Em 2003, Drexler adotou cinco filhos afro-descendentes.

José Almeida Prado (São Paulo, 1943-2010)

Compositor e pianista brasileiro, membro da Academia Brasileira de Música, considerado um dos maiores expoentes da música erudita no Brasil. Estudou no Brasil com Dinorá de Carvalho (piano), Osvaldo Lacerda (harmonia) e Camargo Guarnieri (composição). Prosseguiu com seus estudos na Europa, após conquistar o primeiro prêmio no I Festival de Música da Guanabara, em 1969, com a cantata “Pequenos Funerais Cantantes”, sobre um texto de sua prima, a poeta Hilda Hilst. Estudou com Nadia Boulanger e Olivier Messiaen em Paris, entre 1970 e 1973, além de uma breve permanência em Darmstadt para estudar com György Ligeti e Lukas Foss. Voltou para o Brasil em 1974, assumindo o cargo de professor no Conservatório Municipal de Cubatão. Pouco tempo depois foi contratado pelo então reitor da Unicamp, Zeferino Vaz, para ser professor do curso de música do

Instituto de Artes da universidade, na qual lecionou por 25 anos, até sua aposentadoria, em 2000. Também em 2000, por encomenda do Ministério da Cultura, compôs a obra Cartas Celestes nº8 para violino e orquestra, em comemoração aos 500 anos da Descoberta do Brasil.

Josquin des Prez (França, 1450-1521)

Foi o primeiro compositor renascentista considerado genial, superando as formas tradicionais e dando novo tratamento às relações entre texto e música. Mestre da polifonia e do contraponto, estendeu e aplicou sistematicamente o recurso da imitação (repetição de um trecho musical por vozes diferentes). Compositor e cantor de talento muito apreciado pelos mais ricos mecenas da Europa, incluindo a família Este, de Ferrara, Josquin foi o primeiro compositor que teve inteiramente impresso os volumes dedicados à sua obra musical. Vários aspectos de sua biografia são pouco documentados, sobretudo, detalhes de sua infância e educação. Um problema tem sido a atribuição a Josquin de peças que não são suas. Seu estilo musical exibe grande invenção melódica e domínio de técnicas como o cânone, bem como uma inclinação pelas canções populares.

Leonard Bernstein (Estados Unidos, 1918-1990)

Em 1943, Bernstein teve de substituir temporariamente o maestro da Orquestra Filarmônica de Nova York. Seu expressivo modo de reger entusiasmou o público. De 1958 a 1968, dirigiu essa orquestra, tornando-se o primeiro maestro norte-americano formado no seu próprio país. A sua obra mais conhecida é o musical Amor, Sublime Amor (West Side Story),

lançado em 1957, em que Bernstein funde o jazz, a música clássica e as canções da moda numa composição rítmica. Além de outros musicais, compôs música para balé e para a ópera A Quiet Place (1983). Entre as composições para orquestra, merece especial realce a Segunda Sinfonia para Piano e Orquestra (1949), que recebeu também o nome de The Age of Anxiety, segundo a obra de Aldous Huxley. Nessa sinfonia, em que o próprio Bernstein se sentou ao piano, revela-se de forma evidente sua predileção por Gustav Mahler. Bernstein foi o primeiro maestro a gravar as obras completas de Mahler. Destaca-se ainda o importante papel de divulgador da música clássica que Bernstein desempenhou por meio de livros e programas de televisão.

Marco Aurélio Koentopp (Paraná, 1968)

Nascido em 25 de abril de 1968, em Curitiba (Paraná). É professor da Escola de Música e Belas Artes do Paraná nas disciplinas de Harmonia, Arranjos, Orquestração e Instrumentação. Está fazendo doutorado na UFRGS em Composição Musical. É mestre em Música pela Universidade Federal do Paraná na linha de pesquisa de Teoria e Criação – Harmonia. Formado no curso de Especialização em Educação Musical (Lato-Sensu) (2008) pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, onde também se formou nos cursos de Licenciatura em Música (93) e Bacharelado em Flauta Transversal (97) na classe do Professor Dalton Abreu. Foi aluno de harmonia e orquestração do Maestro Osvaldo Colarusso. Foi professor do curso de Teoria Musical no Festival de Música de Cascavel – PR (96 até 2005) e no Festival de Música de Câmara de Maringá – PR (1999). Concluiu o curso de flauta transversal aplicado à música brasileira,

ministrado pela professora Zélia Brandão no Conservatório de MPB de Curitiba. Na Oficina de Música da cidade de Curitiba, edições 2002 a 2005, e em Jaraguá do Sul (2006 e 2007) trabalhou como assistente e tradutor dos professores Michel Debost e Kathleen Chastain. Foi professor dos cursos de música da UFPR (Teoria Musical, Finale, Arranjos, Orquestração) nos anos de 2003 a 2005.

Marlui Miranda (São Paulo, 1949)

Nascida em Fortaleza e criada em Brasília, mudou para o Rio de Janeiro na década de 1970 e estudou violão clássico com professores renomados como Turíbio Santos, Paulo Bellinati e outros. É cantora, compositora, e pesquisadora reconhecida por interpretar, difundir e valorizar a cultura e a música indígenas do Brasil. Tocou com Egberto Gismonti, Milton Nascimento, Jards Macalé, e em 1979 lançou o disco “Olho d’ Água”. Suas músicas já foram gravadas por Ney Matogrosso, Sá & Guarabyra e outros. A partir da década de 1970 passou a pesquisar e estudar a música dos índios brasileiros, atividade a que se dedicou por diversos anos. Ganhou bolsa de uma instituição nova-iorquina e realizou um projeto de preservação e recriação da música indígena da Amazônia brasileira. Com esse trabalho, atuou como consultora de música indígena em filmes e eventos, gravou discos para o Brasil e para o exterior, produziu espetáculos como a missa indígena criada a partir de músicas de tribos, apresentada na Catedral da Sé, em São Paulo, em 1997, com a participação de orquestra Jazz Sinfônica e Coral. Recebeu prêmios da Academia Alemã de Crítica (Schall platten Kritik, 1996), por sua peça musical e CD intitulados IHU, Todos os Sons. Desde 1996 é integrante do grupo

Pau Brasil. Em 1998 participou do disco “O Sol de Oslo” com Gilberto Gil, Bugge Wesseltoft, Trikot Gurtu, Rodolfo Stroeter e Toninho Ferragutti. Recebeu a Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura, em 2002, e o Prêmio Chico Mendes de Meio Ambiente na categoria projeto cultural, em 2005. Compôs trilhas para teatro, cinema e documentários, recebendo o prêmio de melhor trilha sonora do longa-metragem Hans Staden, de Luis Alberto Pereira em 2002. Gravou e se apresentou com Egberto Gismonti, Nana Vasconcelos, Bugge Wesseltoft, Caito Marcondes, Lucian Rogulski, Aylton Escobar, Rodolfo Stroeter e Tiago Pinheiro. Foi professora visitante nas Universidades de Chicago; Dartmouth, Indiana, e bolsista da Fundação Guggenheim e Vitae. Sua composição “Sete Quartetos para Zé” teve a première no IEA, Instituto de Estudos Avançados da USP em outubro de 2010, durante memorial em homenagem ao poeta José Paulo Paes.

Martin Luther *(Alemanha, 1483-1546)*

Foi um monge agostiniano e professor de teologia germânico que se tornou uma das figuras centrais da Reforma Protestante. Levantou-se veementemente contra diversos dogmas do catolicismo romano, contestando, sobretudo, a doutrina de que o perdão de Deus poderia ser adquirido pelo comércio das indulgências. Essa discordância inicial resultou na publicação de suas famosas 95 Teses, em 1517, em um contexto de conflito aberto contra o vendedor de indulgências Johann Tetzel. Sua recusa em retratar-se de seus escritos, a pedido do Papa Leão X em 1520 e do imperador Carlos V na Dieta de Worms em 1521, resultou em sua excomunhão da Igreja Romana e em sua condenação

como um fora da lei pelo imperador do Sacro Império Romano Germânico. Lutero propôs, com base em sua interpretação das Sagradas Escrituras, especialmente da Epístola de Paulo aos Romanos, que a salvação não poderia ser alcançada pelas boas obras ou por quaisquer méritos humanos, mas tão somente pela fé em Cristo Jesus, único salvador dos homens, sendo gratuitamente oferecida por Deus aos homens. Sua teologia desafiou a infalibilidade papal em termos doutrinários, pois defendia que apenas as Escrituras seriam fonte confiável de conhecimento da verdade revelada por Deus. Os princípios fundamentais da Reforma Protestante são conhecidos como os Cinco Solas. Lutero foi apoiado por vários religiosos e governantes europeus, provocando uma revolução religiosa, iniciada na Alemanha, estendendo-se pela Suíça, França, Países Baixos, Reino Unido, Escandinávia e algumas partes do Leste europeu, principalmente os Países Bálticos e a Hungria. A resposta da Igreja Católica Romana foi o movimento conhecido como Contrarreforma ou Reforma Católica, iniciada no Concílio de Trento. O resultado da Reforma Protestante foi a divisão da chamada Igreja do Ocidente entre os católicos romanos e os reformados ou protestantes, originando o protestantismo.

Melchior Fanck *(Alemanha, 1579-1639)*

É um dos mais notáveis compositores da Alemanha no início do século XVII, da primeira fase do Barroco. O estilo de suas músicas é semelhante às obras de Michael Praetorius (1571-1621), Melchior Vulpius (1560-1615) e Leonhard Lechner (1553-1606). Outros músicos da mesma época eram Claudio Monteverdi

(1567-1643) e Heinrich Schütz (1585-1672). Além de composições para uso profano, produziu grande quantidade de música sacra vocal. Em 1623, compôs uma coleção de Motetes (composições polifônicas sobre textos bíblicos) com inesgotável riqueza de acordes impressionantes. Suas obras foram redescobertas somente no final do século XIX e início de século XX.

Michael Praetorius *(Alemanha, 1571-1621)*

Praetorius foi um compositor tremendamente prolífero, um dos mais versáteis de sua época, sendo particularmente importante no desenvolvimento de formas musicais baseadas nos hinos protestantes. Suas obras mostram influência dos contemporâneos Samuel Scheidt, Heinrich Schütz, e de compositores italianos. Elas incluem a *Musae sioniae* (1605-10), de nove volumes, uma coleção de cerca de mil corais e arranjos de canções. Muitas outras obras para a igreja luterana; e *Terpsichore* (1612), um compêndio de cerca de 300 danças instrumentais, que é sua obra mais conhecida, bem como a única obra secular sobrevivente. Seu tratado de três volumes, *Syntagma Musicum I* e o *Syntagma Musicum de Organographia II* (1614-20), são textos detalhados de práticas musicais contemporâneas e instrumentos musicais, documentos importantes para a musicologia, organologia e o estudo de performances de época.

Milton Nascimento *(Minas Gerais, 1942)*

Apelidado “Bituca”, é cantor e compositor, reconhecido mundialmente como um dos mais influentes e talentosos cantores e compositores da Música Popular Brasileira. Mineiro de coração, tornou-se conhecido nacionalmente, quando a

canção “Travessia”, composta por ele e Fernando Brant, ocupou a segunda posição no Festival Internacional da Canção, de 1967. Tem como parceiros e músicos que regravam suas canções, nomes como: Wayne Shorter, Pat Metheny, Björk, Peter Gabriel, Sarah Vaughan, Chico Buarque, Gal Costa, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Fafá de Belém e Elis Regina. Já recebeu cinco prêmios Grammy. Em 1998, ganhou o Grammy de Best World Music Album in 1997. Milton já se apresentou na América do Sul, América do Norte, Europa, Ásia e África. Cantou e gravou com inúmeros outros artistas, incluindo Angra, Maria Bethânia, Elis Regina, Gal Costa, Jorge Ben Jor, Caetano Veloso, Simone, Chico Buarque, Clementina de Jesus, Gilberto Gil, Beto Guedes, Paul Simon, Criolo, Peter Gabriel (com quem coescreveu a faixa “Breath after Breath” do Duran Duran), Herbie Hancock, Quincy Jones, Jon Anderson e Andreas Vollenweider.

Mozart Camargo Guarnieri *(São Paulo, 1907-1993)*

Considerado um dos mais importantes compositores brasileiros, foi premiado nos Estados Unidos e América Latina. Estudou piano com o pai e empregou-se como pianista de cinemas, para ajudar no sustento da família. Aluno de Ernani Braga, Mário de Andrade, Sá Pereira e Lamberto Baldi, ele passou mais tarde a ensinar no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Foi regente do Coral Paulistano e da Orquestra do Theatro Municipal. Bolsista do Governo de São Paulo, foi para Paris estudar com Koechlin e Ruhlmann. A guerra interrompeu-lhe o curso de aperfeiçoamento e pouco depois de regressar ao Brasil, em 1942, viu seu Concerto para violino e orquestra obter o primeiro prêmio em

concurso internacional. Sua enorme obra encanta pelo bom gosto, segurança técnica e acabamento. Foi notável em quase todos os setores da criação musical.

Ola Gjeilo *(Noruega, 1978)*

Começou a tocar piano e compor quando tinha cinco anos de idade crescendo na cidade de Skui, Noruega. Confiando em sua capacidade instintiva para ouvir música, Ola sempre soube que queria ser um compositor desde muito jovem. Enquanto estava na escola, foi muito bom pianista e teve aulas de composição com Wolfgang Plagge. Em sua carreira de graduação, estudou na Academia Norueguesa de Música (1999 - 2001), transferido para a Juilliard School (2001), e estudou no Royal College of Music, em Londres (2002 - 2004) para receber um diploma de bacharel em composição. Continuou seus estudos na Juilliard (2004 - 2006), onde recebeu seu mestrado em 2006, também em composição. Atualmente reside em Nova York. Suas composições foram o foco de um CD gravado com o Phoenix Chorale em 2009, intitulado "Northern Lights: Choral Works por Ola Gjeilo". Além de compor cada faixa do álbum, Ola foi o pianista para cada uma das suas obras com piano na orquestração. Este álbum foi nomeado Melhor Álbum Clássico do Ano pela iTunes, em 2012, e foi o álbum mais vendido para as prestigiadas Chandos Registros, nos EUA, em 2012. Ola foi o primeiro compositor residente e vencedor do Grammy Phoenix Chorale.

Oswaldo Costa de Lacerda *(São Paulo, 1927-2011)*

Pianista e compositor brasileiro, estudou com Ana Veloso de Resende, aperfeiçoando-

se com Maria dos Anjos Oliveira Rocha. Em 1947, passa a ter aulas de piano com José Kliass e, três anos depois, com Camargo Guarnieri, que o desaconselha a tentar ser pianista para se dedicar à composição. Recebeu uma bolsa da Fundação Guggenheim para ter aulas com Aaron Copland e Vittorio Giannini, nos Estados Unidos. Pouco antes, contudo, Osvaldo Lacerda formou-se em Direito para satisfazer seu pai. Nessa época também criou a Sociedade Pró-Música Brasileira. Foi um dos compositores brasileiros que a American Composers Orchestra convidou para participar em Nova York, do Festival "Sonido de las Américas: Brazil". Atuou como consultor na Comissão Nacional de Música Sacra, e uma de suas proposições foi o uso da música sacra brasileira na liturgia da Igreja Católica. Casou com sua antiga aluna, a pianista Eudóxia de Barros. Lacerda ocupava a cadeira de número nove da Academia Brasileira de Música, que já foi de Brasília Itiberê da Cunha.

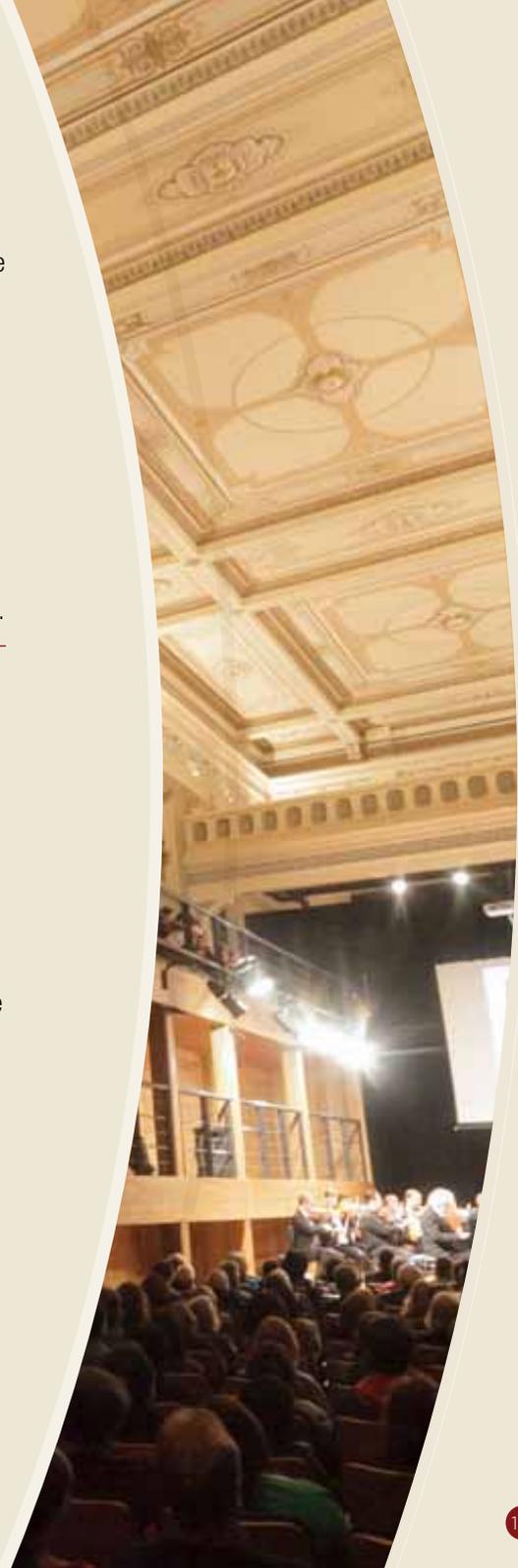
Paul Hindemith *(Alemanha, 1895-1963)*

Um dos principais compositores da primeira metade do século XX e que deu importante contribuição ao desenvolvimento da teoria musical. Iniciou-se profissionalmente como violinista de cafés e aos vinte anos já se tornara regente da Ópera de Frankfurt e, a seguir, integrou o Quarteto Amar. Inicialmente um iconoclasta, evoluiu para um neoclassicismo e tentou criar uma música utilitária que chamou de Gebrauchsmusik, para atender a situações rotineiras. Opôs-se ao atonalismo de Arnold Schoenberg (1874-1951) e formulou sua teoria na publicação *Unterweisung im Tonsatz* (1937-1939) e outros livros, em que propôs uma nova concepção da harmonia. Acusado

de bolchevista cultural pelos nazistas, emigrou (1939) para a Turquia e depois para os Estados Unidos, onde ensinou na Universidade de Yale. Levou mais de uma década para voltar para a Europa (1953) e lecionou em Zurique e Frankfurt, cidade onde morreu dez anos depois. Deixou obra vasta, abrangendo vários gêneros, onde sobressai o ciclo *Das Marienleben* (1924-1948), com versos de Rainer Maria Rilke (1875-1926), a ópera *Cardillac* (1926), baseada em um conto de Amadeus Hoffmann (1776-1822), o concerto *Schwanendreher* (1935), com temas de canções alemãs antigas, e a ópera *Mathis der Maler* (1928), considerada sua obra-prima, em torno da vida do pintor sacro germânico Mathias Grünewald (1475-1528).

Radamés Gnattali *(Porto Alegre, 1906 - Rio de Janeiro, 1988)*

Músico que transitou com desenvoltura entre a música erudita e a popular. Sua produção em ambos os campos é bastante vasta e calcula-se que tenha escrito cerca de seis mil arranjos. Escreveu música para mais de cinquenta filmes. A música de Radamés também embalou a infância de muita gente, já que ele era responsável pela orquestração da série "Disquinho", que durante muitos anos apresentou gravações de histórias clássicas, como *Branca de Neve e Os sete anões*, *Chapeuzinho Vermelho*, *A formiguinha e a neve*, *História da Baratinha*, *Festa no céu* ou *A cigarra e a formiga*. Durante treze anos trabalhou no programa da Rádio Nacional, trabalhou também como maestro e arranjador na TV Excelsior de 1963 a 1967 e a partir daí até 1986, na TV Globo. Na música erudita deixou uma grande quantidade de obras memoráveis como a série *Brasilianas*, sinfonias, concertos e peças instrumentais para as formações mais diversas, para



instrumentos solistas e canções. Gostava de compor para formações diferentes, aliando instrumentos mais afetos à música popular às orquestras tradicionais; sempre escrevia música para os amigos. Dessa conjunção de fatores surgiram obras memoráveis como Concerto para Harmônica de Boca e Orquestra, dedicado a Edu da Gaita, para Acordeom e Orquestra, dedicado a Chiquinho do Acordeom, para Violão e Orquestra, dedicado a Aníbal Sardinha (Garoto) e a suíte Retratos para Bandolim e Orquestra, dedicada a Jacob do Bandolim, entre outras.

Ralph Vaughan Williams *(Reino Unido, 1872-1958)*

Criador de inúmeras obras como as sinfonias, música de câmara, ópera, música coral e trilhas para filmes foi também um importante colecionador de música folk e canção, principal representante do nacionalismo musical da primeira metade do século XX. Filho do Rev. Arthur Vaughan Williams, foi educado na Charterhouse School, e formou-se no Trinity College, Cambridge. Teve como mestres os compositores Charles Villiers Stanford, Maurice Ravel e Max Bruch. Interessado pelo folclore e pela música renascentista britânica, suas primeiras obras de cunho nacionalista foram as três Norfolk Rhapsodies. Foi professor de composição no Royal College de Londres após servir como artilheiro na Primeira Guerra Mundial, compôs uma obra extensa, que inclui nove sinfonias, concertos para piano, inúmeras composições orquestrais e corais e várias coleções de canções, assim como óperas e peças cênicas, como Hugh the Drover (1924) e The Pilgrim's Progress (1951), essa última de fundo místico, mas todas notáveis por sua intensidade dramática.

Vaughan Williams contribuiu para libertar a música britânica de sua tradicional dependência dos modelos alemães.

Richard Georg Strauss *(Alemanha, 1864-1949)*

É considerado um dos mais destacados representantes da música entre o final da Era Romântica e a primeira metade do século XX. É conhecido por suas óperas, sobretudo Der Rosenkavalier e Salomé; por suas lieder, especialmente Quatro Últimas Canções (Vier letzte Lieder), por seus poemas sinfônicos, como Till Eulenspiegels lustige Streiche, Also sprach Zarathustra, Morte e Transfiguração (Tod und Verklärung), Uma Sinfonia Alpina (Eine Alpensinfonie) e grandes obras orquestrais como Metamorphosen, geralmente interpretada como uma meditação sobre a bestialidade da guerra - diante da Alemanha devastada pela guerra, da destruição de Munique e de lugares muito caros ao compositor, como a Ópera da sua cidade, onde atuara como principal regente, entre 1894 e 1896. Strauss se notabilizou como regente orquestral na Alemanha e na Áustria. Com Gustav Mahler, é um dos principais representantes do Romantismo alemão tardio, depois de Richard Wagner.

Robert Schumann *(Alemanha, 1810-1856)*

Nasceu na Saxônia, o quinto e último filho de um livreiro e romancista. Schumann começou a compor antes dos sete anos. Como o seu pai era bibliotecário, Schumann, pode descobrir com facilidade a obra de Shakespeare, lendo também a obra mais atual de Lord Byron e também outros autores como Walter Scott e Jean Paul. Em 1826, o seu pai morreu, pouco depois viajou até Leipzig, a cidade de Johann Sebastian Bach, a fim de matricular-se na faculdade de

Direito. O fato de ter conhecido a pianista Ignaz Moscheles e o fascínio por Niccoló Paganini acabaram por lhe determinar o destino. Em 1830, em Leipzig, passou a dedicar-se exclusivamente à música, com auxílio de seu professor Friedrich Wieck e Heinrich Dorn. Na casa de Wieck Schumann descobriu outro importante foco de afeto: Clara, consumidora entusiasta de poesia e pianista. Robert apaixonou-se perdidamente por Clara, sendo algumas das suas obras dedicadas a ela. Tendo o sonho de se tornar um solista, viu-se incapacitado devido a seu interesse pela composição, atividade que apreciava bastante. Beethoven, dentre outros compositores, foi sua principal influência composicional. Foi diretor musical na cidade de Düsseldorf em 1850. Foi forçado a renunciar ao cargo em 1854, devido ao seu estado avançado de transtorno mental.

Ronaldo Miranda *(Rio de Janeiro, 1948)*

Começou sua carreira como crítico de música e intensificou o trabalho como compositor a partir de 1977, quando obteve o 1º prêmio no Concurso de Composição para o II Bial de Música Brasileira. Nos anos seguintes, recebeu diversos prêmios e o troféu Golfinho de Ouro (1981) do Estado do Rio de Janeiro. Foi agraciado com o Prêmio Carlos Gomes de melhor compositor, em 2001. Ronaldo Miranda é autor de várias obras, e é considerado um dos maiores compositores brasileiros da atualidade.

Samuel Scheidt *(Alemanha, 1587-1654)*

Organista, professor de música e compositor do período da Renascença, Samuel Scheidt faz parte dos mais importantes compositores evangélicos de

músicas sacras do século XVII na Alemanha. Era pioneiro de um novo estilo de música, influenciado pelos músicos italianos. Editou três volumes de sua Tabulatura nova, com partituras para órgão e para piano, contendo variações sobre corais e hinos, além de tocatas e fantasias. Publicou ainda outra obra importante, o Görlitzer Tabulaturbuch, primeiro livro de corais para órgão, contendo composições para 100 hinos. Nesta obra, encontra-se o arranjo para o hino HPD nº 81 Espírito Deus, ó santo Senhor, cujo texto é de autoria de Johannes Niedling.

Thomas Selle *(Alemanha, 1599 -1663)*

As contribuições de Thomas Selle à tradição da paixão alemã incluem o uso de intermedia, que são motetos policorais intercalados dentro da história da Paixão, com resumos e comentários sobre a narrativa. Esses foram os primeiros textos não evangélicos incluídos como parte da tradição da Paixão. Selle, ele próprio, permitiu a remoção desses intermedia para acomodar mais igrejas conservadoras. Selle recebeu sua primeira instrução em Leipzig, onde foi aluno de Johann Schein. Foi nessa época que encontrou as obras de Thomaskantor Sethus Calvisius. Foi cantor em Heide (Holstein) e Diretor Musical das quatro principais igrejas de Hamburgo, cargo que exerceu por 22 anos até a sua morte. Em Hamburgo, estreou sua Paixão nach dem Evangelisten Johannes, recebendo críticas favoráveis.

Tom Jobim *(Brasil, 1927 - EUA, 1994)*

Tom Jobim, como era conhecido, foi compositor, maestro, pianista, cantor, arranjador e violonista brasileiro. É considerado o maior expoente de todos os

tempos da música popular brasileira pela revista Rolling Stone e um dos criadores e principais forças do movimento da bossa nova. Nascido no Rio de Janeiro, a ausência do pai, Jorge de Oliveira Jobim, durante a infância e adolescência lhe impôs um contido ressentimento, desenvolvendo no maestro uma profunda relação com a tristeza e o romantismo melódico, transferido peculiarmente para as construções harmônicas e melódicas. Aprendeu a tocar violão e piano e teve como um de seus professores o alemão Hans-Joachim Koellreutter, introdutor da técnica dodecafônica no Brasil. Tom Jobim tem um histórico familiar importante. O trisavô paterno do compositor, José Martins da Cruz Jobim, era natural de Jovim, Gondomar, Portugal. O sobrenome de Jobim alude a essa localidade. A bisavó, Maria Joaquina, era meia-irmã do barão de Cambaí, Antônio Martins da Cruz Jobim. Era descendente, também, do bandeirante Fernão Dias Pais.

Wolfgang Amadeus Mozart *(Áustria, 1756-1791)*

Foi um prolífico e influente compositor austríaco do período clássico. Mostrou uma habilidade musical prodigiosa desde sua infância. Já competente nos instrumentos de teclado e no violino, começou a compor aos cinco anos de idade, e passou a se apresentar para a realeza europeia, maravilhando a todos com seu talento precoce. Chegando à adolescência, foi contratado como músico da corte em Salzburgo, porém as limitações da vida musical na cidade o impeliram a buscar um novo cargo em outras cortes, mas sem sucesso. Ao visitar Viena em 1781 com seu patrão, desentendeu-se com ele e solicitou demissão, optando por ficar na capital,

onde, ao longo de sua vida, conquistou fama, porém pouca estabilidade financeira. Seus últimos anos viram surgir algumas de suas sinfonias, concertos e óperas mais conhecidos, além de seu Requiem. As circunstâncias de sua morte prematura deram origem a diversas lendas. Deixou uma esposa, Constanze, e dois filhos. Foi autor de mais de seiscentas obras, muitas delas referenciais na música sinfônica, concertante, operística, coral, pianística e camerística. Sua produção foi louvada por todos os críticos de sua época, embora muitos a considerassem excessivamente complexa e difícil, e estendeu sua influência sobre vários outros compositores ao longo de todo o século XIX e início do século XX. Hoje Mozart é visto pela crítica especializada como um dos maiores compositores do ocidente. Conseguiu conquistar grande prestígio mesmo entre os leigos, e sua imagem se tornou um ícone popular.

Randall Stroope *(Estados Unidos, 1953)*

Compositor, maestro e professor universitário americano. Estudou direção com Douglas McEwen e Margaret Hillis. Ele é o diretor artístico de festivais internacionais de música de verão em Roma e Barcelona, bem como o Kennedy Center for the Performing Arts (Washington, DC), Chicago Orchestra Hall e outros locais nos EUA e internacionais. Ele atuou como regente no Carnegie Hall todos os anos desde 2001. Randall dirigiu música para a missa no Vaticano em seis ocasiões diferentes. Um músico muito ativo, trabalhou frente a muitos coros. Randall tem 145 obras musicais publicadas e recebeu numerosos prêmios de composição. Conversão de Saulo, o

Salmo 23, Lamentaciones de Jeremias, Go Rose Lovely, Dies Irae e americanos Rhapsody estão entre seus trabalhos mais conhecidos. Como professor de Música e Diretor de Estudos / Vocal Coral da Universidade Estadual de Oklahoma, Randall tem conduzido Ein Deutsches Requiem (Brahms), Elias (Mendelsohn), Messias (Handel), Messa da Requiem (Verdi), Te Deum (Bruckner), Missa da Coroação (Mozart) e muitas outras obras, bem como várias turnês internacionais.

BIOGRAFIAS DOS ARTISTAS



Abel Rocha (São Paulo)
Regente

Abel Rocha é um especialista em ópera, mas sua posição de destaque no cenário brasileiro se deve a uma atuação versátil e diversificada, no repertório sinfônico e também na direção musical de espetáculos cênicos, como balés, peças de teatro, e de diversos shows e musicais. Foi o responsável pela regência e direção musical de óperas do barroco de Monteverdi à modernidade de Schönberg e Debussy, passando por Handel, Mozart, Rossini, Donizetti, Verdi, Bizet e Puccini, entre outros, tendo realizado ainda a estreia mundial de títulos brasileiros como Anjo Negro, de João Guilherme Ripper, e A tempestade de Ronaldo Miranda. Entre 2004 e 2009, teve atuação marcante como diretor artístico e regente titular da Banda Sinfônica do Estado de São Paulo, onde empreendeu um profundo trabalho de reestruturação artística e administrativa. Nas temporadas de 2011 e 2012, foi Diretor artístico do Teatro Municipal de São Paulo e regente titular da Orquestra Sinfônica Municipal, tendo recebido diversos prêmios da crítica especializada pela programação lírica da casa. Em sua atividade como regente orquestral, vem conduzindo programas sinfônicos com orquestras como a Sinfônica Brasileira (OSB), Sinfônica de Porto Alegre, Filarmônica de Minas Gerais, Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), entre outras. Paralelamente, de 1983 a 2010 dirigiu o coral Collegium Musicum de São Paulo. Além da carreira artística, Abel Rocha tem atuado como professor e regente em diversos festivais de música e atualmente é professor de regência da Unesp e regente titular da Orquestra Sinfônica de Santo André.



Alexandre Razera
(São Paulo/Paraná)
Viola

Iniciou seus estudos musicais aos oito anos de idade, na Escola de Música de Piracicaba (SP). Graduou-se pela Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação de Marcelo Jaffé. Foi bolsista da Fundação Vitae para a Academia da Orquestra Filarmônica de Berlim (Alemanha), onde foi orientado por Wilfried Strehle, posteriormente estudando na Universidade de Artes de Berlim. No Brasil atuou como violista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OESP), Orquestra Experimental de Repertório, e viola solo da Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo (OSUSP). Também foi solista das orquestras sinfônicas Paulista, Santo André, Minas Gerais e Camerata Fukuda, entre outras. Ministrou aulas nos festivais de Campos do Jordão (SP), Juiz de Fora (MG) e Oficina de Música de Curitiba. É primeiro violista da Orquestra da Rádio e Televisão Eslovênia de Ljubljana e músico convidado da Mahler Chamber Orchestra, desde 2008. Participou de gravações com a Filarmônica de Berlim, sob a regência de Cláudio Abbado, Simon Rattle, Daniel Barenboim, Lorin Maazel, Kurt Masur, Nikolaus Harnoncourt, Trevor Pinnock, Gunter Wand. Realizou concertos, gravações e turnês junto a várias orquestras europeias, como Filarmônica de Berlim, Orquestra da Rádio de Berlim, Orquestra de Câmara de Berlim, Orquestra da Ópera de Berlim, Mahler Chamber Orchestra e Orquestra da Rádio de Ljubljana.



Bruno Spadoni (Paraná)
Baixo

Iniciou seus estudos musicais pelo piano nas classes de Leilah Paiva e Henriqueta Duarte. É mestre em Clínica Médica pela Universidade Federal do Paraná e docente da Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR. A sua atuação na área de regência iniciou-se em 1987 no Madrigal Vocale com José Penalva, compositor e musicólogo. É regente e diretor artístico do Madrigal Vocale desde 2002. Estudou também canto lírico com Neyde Thomas e Rio Novello. Apresentou-se como solista em diversas montagens do Teatro Guaíra, do projeto Ópera Ilustrada da Fundação Cultural de Curitiba e atuou como solista junto à Camerata Antiqua de Curitiba. Em todas as apresentações da Paixão Segundo São Mateus de Johann Sebastian Bach, apresentada pela Camerata Antiqua de Curitiba, interpretou o personagem central da obra, Jesus. Cantou a primeira apresentação da peça Versão Mutilada de Penalva e da ária avulsa Constatação Fatal de Henrique de Curitiba. Regeu a estreia e gravou a missa breve Agape II de José Penalva para coro, orquestra, órgão e tenor solista. Dirigiu as gravações dos CDs Vocale canta Penalva e Vocale canta Iruarrizaga.



Cristiane Alexandre
(Paraná)
Regente do Papo Coral

Cristiane Alexandre é formada em Educação Artística - Música pela Faculdade de Artes do Paraná, mestranda em música pela Universidade Federal do Paraná e frequentou os cursos de Especialização em História da

Música e Educação Musical na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Estudou piano com Vera Di Domenico, canto com Neyde Thomaz e estuda harmonia e análise com Osvaldo Colarusso. Desde 1994 é membro do Madrigal Vocale. A convite do SESC Nacional, participou do projeto Sonora Brasil em 2002, com o Madrigal Vocale e em 2008 realizou com o Madrigal Paidéia, 74 concertos com o repertório coral de Villa-Lobos. Dedicou-se à educação musical como professora e diretora da Paidéia Escola de Música. Também atua como professora em cursos de pós-graduação e workshops na área de coro infantil juvenil.



Daniel Migliavacca
(São Paulo/Paraná)
Bandolim

O bandolinista e compositor Daniel Migliavacca nasceu na cidade de São Paulo – SP e iniciou seus estudos musicais tocando cavaquinho aos 12 anos, interessando-se inicialmente pelo samba. Em 2003 passou a se dedicar ao bandolim e à música instrumental, sobretudo o choro. Apesar da forte influência, o jovem músico procura tratar o choro em seu trabalho como universo estético e não apenas como gênero, buscando trazer para o bandolim informações atuais aliadas à tradição. De 2006 a 2009 foi integrante da Orquestra À Base de Corda de Curitiba, tendo participado de diversos shows com os convidados: Ná Ozzetti, Dominginhos, Renato Borghetti, André Abujamra, Caíto Marcondes, Joel Nascimento, Zé Renato, entre outros. Também já esteve em shows ao lado de nomes como Renato Borghetti, Hamilton de Holanda, Gilson Peranzetta, Altamiro Carrilho, entre outros. Em 2006 conquistou o primeiro lugar como melhor instrumentista

no “Prêmio Nabor Pires Camargo” realizado em Indaiatuba – SP. Em 2009 executou a “Suíte Retratos” de Radamés Gnattali, em sua versão original, como solista convidado da Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba. Também em 2009 lançou seu primeiro CD solo intitulado “Bandolim”, contando com diversas participações especiais. Em 2010 participou do II Festival Curitiba no Choro, conquistando o segundo lugar com a composição “Dedos de Caranguejo”, além dos prêmios de voto popular e de melhor instrumentista do festival. Em 2011 lançou o CD “Divertimento” em parceria com a pianista e cravista Elizabeth Fadel e as participações especiais do acordeonista Toninho Ferragutti e do violonista Yamandu Costa. Ainda em 2011 formou-se Bacharel em Música Popular na Faculdade de Artes do Paraná – FAP, tendo apresentado como conclusão do curso uma série de 10 composições em forma de estudo para bandolim. Em 2012 atuou como professor de bandolim na Oficina de Música de Curitiba. Em 2013, comemorando 10 anos de bandolim, lançou o segundo CD solo intitulado “Tocando à vontade” ao lado do seu quarteto. Em 2015 gravou o CD “Daniel Migliavacca interpreta Walter Scheibel” com choros e valsas inéditas do compositor catarinense radicado em Curitiba-PR. Integra o duo “Bandolaxo”, ao lado do baixista Glauco Sölter; o quarteto instrumental “Os Balangandãs”; o duo com o violonista Marcel Powell e o duo de bandolim e percussão com Caíto Marcondes. Atualmente tem atuado como arranjador, diretor musical e instrumentista em diversos projetos.



Daniele Oliveira
(Mato Grosso do Sul/Paraná)
Contralto

Iniciou seus estudos em Campo Grande (MS) com Clarice Maciel. Atuou em festivais

e masterclasses com Neyde Thomas, Enza Ferrari, Carlo Colombara, Eiko Senda e Maria Cristina Kiehr. Estudou Licenciatura em Música na UFMS e Bacharelado em Canto na EMBAP com Denise Sartori. Atuou nas montagens cênicas The Mikado de Gilbert & Sullivan, The Old Maid and The Thief de Menotti e Suor Angelica e Gianni Schicchi de Puccini, King Arthur de Purcell, Orfeo Dolente de D. Belli e Die Schöne und Getreue Ariadne de J. Conradi. A frente da Camerata foi solista no Requiem de Bruckner, Stabat Mater e Nelson Mass de Haydn e cantatas de Bach sob a regência de Luís Otávio Santos, Dixit Dominus de Handel com Juan Manuel Quintana, Salmi Concertati de Bassani com Martin Gester e Requiem de Jomelli com Peter Van Heyghen.



Emílio Pitta (Paraná)
Ator

Emílio Pitta é um ator antigo, que atua tanto em cinema, como em teatro e televisão. Natural de Londrina, Paraná, nasceu em 19 de julho de 1943, já tendo mais de 40 anos de carreira. Emílio fez parte do Teatro de Comédia do Paraná - TCP, em diversas montagens, sendo que o começo de sua carreira foi em teatro. Em 1969, atuou na peça: “O Livro de Cristóvão Colombo”. Em 1984, fez “Zumbi” e “Colônia Cecília”. Em 89, atuou em “A Vida de Galileu”. No cinema, Emílio começou em 1997, quando fez o filme “Sangue Sobre o Pano Verde”. Em 2001, fez dois filmes, “A Poltrona” e “Onde Os Poetas Morrem Primeiro”. Em 2003, fez “Os Normais”. Em 2008, mais uma vez fez dois filmes, “O Menino Quadrado” e “Um Corpo Caiu”. Emílio Pitta ganhou o prêmio de “Melhor Ator”, no festival da Bahia, pelo seu papel em “A Poltrona”, em 2002. Em 2001, Emílio Pitta começou em televisão. Fez na Rede

Globo, a novela “Porto dos Milagres”. Em 2005, fez o seriado: “A Grande Família” e a novela: “Belíssima”. Em 2006, fez “O Profeta”. Em 2007, “Pé na Jaca”. Em 2008, “Beleza Pura” e “Capitu”. No ano de 2009, “Acampamento de Férias” e “Tudo Novo de Novo”. E em 2010, foi escalado para a novela “Passione”. Emílio Pitta recebeu vários outros troféus, como o “Gralha Azul, por cinco vezes. Realizou 54 filmes, fez 15 participações no Causos e Casos da RPC, 36 participações em novelas da Rede Globo e 71 peças de teatro.



Fernando Cordella
(Rio Grande do Sul)
Cravo e Direção Musical

Cravista, docente e pesquisador em música dos séculos XVII e XVIII, diretor artístico da Confraria Música Antiga Studio Clio, da Sociedade Bach Porto Alegre e da Orquestra de Câmara de Carazinho, onde atua como maestro titular. É membro fundador dos grupos Capela Strumentale e Concerto Barroco, em Porto Alegre. Atua como solista de cravo e baixo continuísta em orquestras do Rio Grande do Sul, como: Orquestra de Câmara do Teatro São Pedro, Orquestra de Câmara da ULBRA, Orquestra SESI/Fundarte, Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, Orquestra Sinfônica da UCS e Orquestra da UNISINOS, sob regência de Roberto Duarte, Lavard Skou-Larsen, Alessandro Sangiorgi, Fredi Gerling, Antônio Carlos Borges-Cunha, Manfredo Schmiedt e Tiago Flores, entre outros. Em festivais de música, atuou sob direção de Michaela Comberti (2002), Manfred Kraemer (2003 e 2004) e Luiz Otávio Santos (2005). Em 2008 e 2009 foi solista da integral dos Concertos de Brandenburgo de J.S. Bach.

Desde 2007 participa como cravista oficial do Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga em Juiz de Fora - MG. Estudou com as professoras Fabiane Tombini, em sua cidade natal, Carazinho, RS, e Dirce Knijnik, em Porto Alegre. Bacharelou-se em Música (2005) no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Participou de master classes de cravo com Marcelo Fagerlande, Marcos Höller, Edmundo Hora e Nicolau de Figueiredo e Robert Hill.



Giovana de Liz
(Paraná)
Atriz

Graduação de 1988 a 2001. Pós-Graduação em Arte-Educação na Faculdade de Artes do Paraná. Estudou teoria e prática vocal, com Tayana Barbosa, Curso de Formação de Plateia, O Drama Europeu no Século XX com Anna Camati. Curso de Arte na Educação Ministrado por Hélio Barbosa. Fez curso de teatro ministrado pelos seguintes artistas: Amir Haddad, Marco Naninni, Pedro Paulo Rangel e Maria Padilha. Curso de dança contemporânea ministrado por Lou Monteiro (BH) e dança clássica ministrado por Jair Morais. Já atuou nas peças: “Entre lágrimas e cutículas” - Direção George Sada, “Peter Pan e a Terra do Nunca”, “A bicicleta do Condenado”, “As Fabulosas Histórias do Menino Leonardo”, “O Grande Rei Leão”, “Sonho de Uma Noite de Verão” - Direção Mauricio Vogue. “O Trenzinho do Caipira. Projeto Villa Lobos pra Crianças de Todas as Idades” - Direção: Giovana de Liz e Letícia Guimarães. “O Marido Confundido” - Direção: Ney Mendes. Tenesse - Direção: Marcos Drewniak.



Jairo Wilkens
(Pará/Paraná)
Clarinete

Jairo Wilkens é natural de Vigia

(Pará), iniciou seus estudos de clarinete em 1990, na Escola de Música da Banda União Vigiense (PA). Bacharel em Clarinete pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Recebeu mais de 15 primeiros prêmios nacionais e internacionais em concursos de música de câmara e solista, dentre eles estão: “Melhor Instrumentista Erudito de 2001 - categoria Sopros” um prêmio para os melhores da música no estado do Paraná; único clarinetista finalista do Prêmio Icatu-Hartford de Artes 2001; “II Concurso Jovens Solistas - Orquestra Sinfônica do Paraná (2001 - Curitiba); “I Concurso Jovens Solistas Maestro Eleazar de Carvalho - categoria Sopros” (2002 - São Paulo); IV Concurso Nacional de Música de Câmara “Henrique Niremborg” da Academia Nacional de Música (2004 - Rio de Janeiro); Artist Presentation Society (2008 - EUA). Atuou como solista com a Orquestra Rádio Cultura (SP), as Sinfônicas de São Bernardo, Paraná, Londrina, MU Jazz Band e Camerata Antiqua de Curitiba. Foi artista convidado “Guest Artist” a se apresentar no ClarinetFest 2008, ClarinetFest 2010 e ClarinetFest 2014 promovido pela International Clarinet Association nos EUA. De 2009 a 2012 atuou como principal clarinete na Orquestra da Universidade Estadual de Londrina e atualmente ocupa a posição de solista-especial – assistente de principal e requinta na Orquestra Sinfônica de Campinas (SP). Também exerce intensa atividade pedagógica ministrando aulas na Fundação Amazônica de Música em Belém (PA) desde 2008 até a presente data. Em 2012, 2013 e 2014 foi professor convidado de clarinete

do Festival de Música de Londrina. Em 2013, 2014, 2015 e 2016 foi professor assistente de clarinete na Oficina de Música de Curitiba. Atualmente é professor de clarinete do curso de bacharelado na UNESPAR/Embap. Mantém intenso trabalho de música de câmara com a pianista Clenice Ortigara com quem gravou o seu primeiro CD "Obras Brasileiras para clarinete e piano", realizando concertos no Brasil, Estados Unidos e Alemanha onde tem se apresentado em importantes salas de concerto no país como: Teatro Amazonas (Manaus), Sala Cecília Meireles (RJ), Museu da República (RJ), Igreja da Candelária (RJ), Espaço FINEP (RJ), University of Missouri-Columbia, Boone Historical Society, Ethical Society of St. Louis, entre outras. A união do duo já proporcionou o 1º prêmio em alguns concursos, citando: Bianca Bianchi; Art Livre; Cidade de Araçatuba; Academia Nacional de Música; Bianca Bianchi; Maria Tereza Madeira; Música de Câmara de Maringá; Jovens Intérpretes de Música Contemporânea da UFMG, Bianca Bianchi; Academia Nacional de Música; Artist Presentation Society Audition 2008 (USA); III Concurso de Música de Câmara – 51º Festival Villa-Lobos (2013). Em setembro de 2016 lançou seu primeiro CD solo intitulado "Clarinete Solo Brasileiro" com um panorama da música moderna e contemporânea erudita brasileira para clarinete solo.



Kalinka Damiani
(Santa Catarina)
Soprano

Graduada em Música pela UDESC, aperfeiçoou-se com a professora Neyde Thomas. Conquistou 1º Lugar e Troféu ABAL de Melhor Intérprete de Carlos Gomes no

Concurso Carlos Gomes; Melhor Soprano Leggero no IV Concurso Maria Callas; 1º Prêmio no Concurso Aldo Baldin; 1º Lugar – Concurso Bianca Bianchi; Melhor Intérprete de Mozart e Grande Prêmio do Público no V Concurso Maria Callas. Debutou em 1999, na ópera Elisir d'Amore no papel de Adina, no Teatro Guaíra em Curitiba e em seguida vieram grandes títulos de óperas no Brasil e no exterior. Entre elas destacam-se "La Traviata", "Die Zauberflöte", "I Capuleti" e "I Montecchi", "La Serva Padrona", "Il Guarany, Rigoletto", "O Empresário", "O Rapto do Serralho", "Giulio Cesare", "L'Enfant et le Sortilèges", "Viúva Alegre", "O Barbeiro de Sevilha", "Lucia di Lammermoor" e recentemente "La Voix Humaine". Integra o corpo de professores do Encontro de Cantores de Curitiba, Festival de Música de Londrina e Oficina de Música de Curitiba. Em 2008 ingressou como professora dos cursos de Artes Cênicas e Música da UDESC. Sobre uma de suas performances em La Traviata a revista espanhola Opera Actual assim colocou: (...) "sobresalió Kalinka Damiani con una excelente preparación a nivel vocal e interpretativo, con una voz de timbre elegant."



Leandro Carvalho
(São Paulo)
Regente

Conhecido por sua vitalidade e abordagem singular de uma ampla variedade de repertórios, Leandro Carvalho é considerado um dos mais proeminentes maestros brasileiros da nova geração. Apontado como um dos dez artistas de maior importância na última década na música de orquestra no Brasil pela "Viva Música!", uma das principais publicações do setor, Leandro é um dos fundadores da 'Orquestra do

Estado de Mato Grosso' e seu atual diretor artístico e regente principal. Em 2013 e 2014 fez residência artística (conducting fellowship) na prestigiada Philadelphia Orchestra, nos Estados Unidos, e foi regente assistente na Orquestra Sinfônica Brasileira, no Rio de Janeiro, de 2011 a 2013, quando teve a oportunidade de dirigir concertos com grandes solistas como: Daniil Trifonov, Simone Dinnerstein, Lenine e Gilberto Gil. Com a Orquestra de Mato Grosso, de 2005 a 2014, sob sua direção, foram apresentados mais de seiscentos concertos, distribuídos em diferentes séries, em diversos municípios de Mato Grosso e do Brasil, com destaque para duas grandes turnês realizadas em 2008 quando a OEMT apresentou 162 concertos em 92 cidades de 22 estados brasileiros. Com a OEMT, Leandro Carvalho gravou nove CDs e quatro DVDs, com obras inéditas e de compositores consagrados, também com grandes instrumentistas como Yamandu Costa, Turíbio Santos, Antonio Del Claro, Emmanuele Baldini, Roberto Correa, Pablo Agri e Carlos Corrales. Esta discografia foi lançada pela gravadora Kuarup e está disponível on-line. Leandro Carvalho graduou-se em Música Erudita em São Paulo, fez pós-graduação em Regência Orquestral na Holanda e na Järvi Academy na Estônia. Participou de festivais na classe de regência na Inglaterra e no Brasil, e de master classes com os maestros Valery Gergiev e Kurt Masur. Nos Estados Unidos, desenvolveu-se como regente sob a orientação do maestro Leonid Grin. Como instrumentista, gravou nove CDs, lançados no Brasil e exterior, com destaque para os duos com Turíbio Santos e Baden Powell, e realizou concertos no Brasil e exterior em salas de grande prestígio como Royal Festival Hall, em Londres. Seu trabalho como pesquisador apresenta

uma visão singular da cultura brasileira, sintetizada na dissertação de mestrado "... e o estrepitoso zabumba põe tudo em alvoroço", elaborada sob orientação do escritor Ariano Suassuna e apresentada do departamento de pós-graduação em História Social da Universidade Federal de Pernambuco. Leandro Carvalho foi o único latino-americano selecionado para participar da "Svetlanov International Conducting Competition" em Paris, com a Orchestre Philharmonique de Radio France, em junho de 2014. A partir de quinhentos e dez inscritos de mais de trinta países foram selecionados 18 participantes por um júri composto por alguns dos maiores nomes da atualidade como Riccardo Muti, Zubin Mehta, Evgeny Kissin, Vladimir Ashkenazy e Jesús López-Cobos.



Lúcia Passos
(Rio Grande do Sul)
Oficina de Técnica Vocal

Mineira, radicada no Rio Grande do Sul, trabalha como professora de Técnica Vocal Para Coro, paralelamente às atividades de cantora e professora de Canto. Foi professora de Técnica Vocal do Coral Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (RS) por 26 anos e coordenadora cultural da mesma universidade, durante cinco anos. Ministrou cursos por todo o Brasil, por meio da Funarte, incentivando o desenvolvimento do canto coral, bem como a formação de novos orientadores vocais. Foi solista da Orquestra Sinfônica Brasileira, Orquestra de Câmara da OSPA e Orquestra de Câmara Teatro São Pedro, entre outras.



Luís Otávio Santos
(*Minas Gerais/São Paulo*)
Regente

Formado em violino barroco pelo Koninklijk Conservatorium Den Haag, Holanda, onde recebeu o Diploma de Solista (master's degree) em 1996. Desde 1992 é spalla e solista da renomada orquestra barroca La Petite Bande (dir. Sigiswald Kuijken), com a qual já realizou turnês por toda Europa, China, Japão, México, Argentina, Colômbia e Chile, e gravou dezenas de CDs e programas de televisão para as TVs belga, francesa e japonesa. Também lidera outros grupos na Europa, tais como Ricercar Consort (direção de Philippe Pierlot), Le Concert Français (direção de Pierre Hantai), Nederlandse Bachvereniging (direção de Gustav Leonhardt) e Den Haag Baroque Orchestra. Foi professor de violino barroco na Scuola di Musica di Fiesole em Florença, de 1997 a 2001, e no Conservatoire Royal de Musique de Bruxelles, de 1998 a 2005. Em 2004, foi professor convidado na Musik Hochschule de Leipzig, na Alemanha, e por várias vezes foi membro do júri nos exames finais do Conservatoire de Musique de Genève, na Suíça, e do Conservatoire National Supérieur de Musique de Lyon, na França. Na sua discografia solo destacam-se a integral das Sonatas de Johann Sebastian Bach (ao lado do cravista Peter - Jan Belder) para o selo holandês Brilliant, "As Quatro Estações" de Vivaldi com "La Petite Bande", pelo selo belga Accent, e das Sonatas para violino de J. M. Leclair para o selo alemão Ramée. Este último recebeu o prêmio Diapason d'Or na França, a maior distinção francesa concedida a um registro fonográfico. No Brasil é o diretor artístico do Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora, evento que há 19 anos promove e

divulga a interpretação histórica da música antiga. Nesse evento é também regente da Orquestra Barroca do Festival, que já gravou nove CDs e um DVD com obras brasileiras e europeias, em registros inéditos no Brasil. Em 2005, a Orquestra Barroca recebeu o prêmio Diapasão de Ouro, concedido pela revista Diapason Brasil. É também coordenador e professor fundador do Núcleo de Música Antiga do Centro de Estudos Tom Jobim – Universidade Livre de Música, em São Paulo. Em 2007, Luís Otávio Santos foi agraciado com o título de Comendador da "Ordem do Mérito Cultural", concedida pelo Governo Federal e o Ministério da Cultura, por suas realizações em prol da cultura nacional e pelo reconhecimento de sua carreira internacional. Em 2011, Luis Otávio foi colocado na lista da revista Época entre as 100 personalidades mais importantes do ano, figurando entre nomes como Luis Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff, entre outros.



Márcio Steuernagel
(*Rio Grande do Sul/Paraná*)
Regente

Nascido em 1982, é mestre em Música pela UFPR, graduado em Composição e Regência pela EMBAP e Bacharel em Música pela UFPR. Estudou regência com Osvaldo Ferreira, aperfeiçoando-se em cursos com Daisuke Soga e masterclass com Kurt Masur. Recebeu o primeiro prêmio no Concurso Nacional de Composição Michel Debost (2005); o Prêmio Funarte, na XVII Bienal de Música Brasileira Contemporânea (2007), e o Prêmio Funarte de Composição Clássica (2010). Foi bolsista no 40º Festival de Inverno de Campos do Jordão (2009), tendo aulas de composição com Stefano Gervasoni (Conservatório de Paris), e selecionado para o Workshop de Composição com o

duo Friedrich-Schulkowski promovido pelo Goethe Institut em Córdoba, Argentina (2009). Em 2011 foi Diretor Executivo da I Bienal Música Hoje, evento internacional de música contemporânea em Curitiba, e em 2013, foi Compositor Residente no Visby International Center for Composers, Suécia. Atualmente, dirige o Madrigal Ars Lubilorum, é membro fundador do ensemble entre Compositores, Professor na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Maestro Assistente da Orquestra Sinfônica do Paraná e Regente da Orquestra Filarmônica da UFPR.



Marília Vargas
(*Paraná/São Paulo*)
Soprano

Paranaense, debutou no Teatro Guaíra, aos 12 anos como o Pastor na ópera Tosca, sob direção do maestro Alceo Bocchino. Estudou com Neyde Thomas, Montserrat Figueras, Christoph Prégardien, Silvana Bartoli e Barbara Bonney. Uma das mais ativas e respeitadas sopranos de sua geração, Marília Vargas divide seu tempo entre concertos, master classes e festivais de música, que a levam regularmente a realizar concertos em importantes teatros, destacando o Theater Basel, Stadt Casino Bern, Tonhalle Zürich, Wiener Konzerthaus, Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Sala São Paulo, Arsenal Metz, Theatre Royal Versailles, Berliner Konzerthaus, Auditorium e Liceo de Barcelona, Helsinki Music Centre e National Center of Performing Arts Beijing, em diversos países europeus, América Latina e Ásia. Possui extensa discografia e inúmeras gravações para rádio e TV brasileiras e europeias (TV Brasil, TV Cultura, TVE, Arte, Mezzo). Seus dois álbuns solo, *Todo amor desta terra* e *Tempo breve* que

passaste: *Modinhas Brasileiras* estão ambos esgotados. Em agosto de 2014 lançou seu mais novo CD: *Engenho Novo*, ao lado do pianista e compositor André Mehmar. Marília Vargas é também professora de Canto Barroco na Escola de Música do Estado de São Paulo, preparadora vocal do Coral Jovem do Estado e professora da Oficina de Música Barroca da Escola Municipal de Música de São Paulo.



Maurício Vogue
(*Paraná*)
Diretor Cênico

Ator, diretor, cenógrafo, dramaturgo e cantor. Iniciou sua formação artística no circo e no teatro de pavilhão, ainda criança, mas foi em Curitiba que se deu o desenvolvimento de seu talento como ator, cantor, bailarino e diretor de teatro. Iniciou seus estudos de dança no Curso de Dança Clássica da Fundação Teatro Guaíra e no Grupo de Dança da UFPR. Como cantor teve orientação de Pepes do Valle. Como ator trabalhou com os principais diretores de teatro nacional como Edson Bueno, em "New York By Will Eisner", Marcelo Marchioro na Ópera "Barbeiro de Sevilha", e os Espetáculos "A Flauta Mágica", "Lulu uma Dupla Tragédia"; com Sérgio Brito na Ópera "Carmem" e com Gabriel Vilela em "Aurora da Minha Vida". Participou do show "Tambores de Minas" com Milton Nascimento percorrendo o Brasil numa turnê durante dois anos. Recebeu os prêmios Governador do Estado - Troféu Gralha Azul, como melhor ator coadjuvante com a peça "Alice no País das Maravilhas" direção Paulinho Maia e o prêmio de melhor ator em "O Menino Maluquinho" de Ziraldo, com direção de Fátima Ortiz. Como Diretor destacam-se os prêmios: Troféu Gralha Azul de melhor diretor (1996 - "Peter Pan

Na Terra do Nunca”); Troféu Gralha Azul de melhor diretor e melhor texto original (2000 - “O Menino Rei”). Atualmente é cantor da Banda Denorex 80.



Miguel Geraldí

(São Paulo)
Tenor

Iniciou seus estudos com o contralto Gledys

Pierrri e se aperfeiçoou com o soprano Neyde Thomas e correpetidores como Joaquim Paulo do Espírito Santo, Lázaro Wenger e Ruy Homem de Mello. Já integrou importantes grupos especializados em música antiga como Armônico Tributo, Coro Bach e Camerata Antiqua de Curitiba. Atualmente integra o Coro Lírico do Theatro Municipal de São Paulo. Tem se apresentado com importantes Orquestras Brasileiras como a Sinfônica Municipal de São Paulo, Orquestra Sinfônica do Paraná, Orquestra Sinfônica de Campinas, Orquestra Experimental de Repertório, Orquestra Sinfônica de Londrina, dentre outras de reconhecida importância, sob a regência de maestros como Mário Zaccaro, Ira Levin, Benito Juarez, Alessandro Sangiorgio, Reynaldo Censabela, Jamil Maluf e José Maria Flôrencio. Debutou no Theatro Municipal de São Paulo, no papel de Alfredo Germont em La Traviata de G. Verdi, e desde então, vem participando das temporadas líricas da mesma casa. Acumulam-se em seu currículo inúmeras premiações como: Vencedor do V Concurso Carlos Gomes de Campinas, II Concurso Aldo Baldin de Florianópolis, e III Concurso Internacional de Canto Bidu Sayão. Em 2007, interpretou Nemorino no Elísir D’amore de Donizetti, com direção cênica de Enzo Dara. Em outubro de 2007 atuou como Rodolfo, em La Bohème, de Puccini, em Adria (Itália), sob regência do maestro Alessandro Sangiorgio. Em

novembro do mesmo ano, participou como Duca na montagem do Rigoletto de Verdi do festival Aldo Baldin em Florianópolis. Atuou no Elias de Mendelsson junto à Orquestra Sinfônica de São Paulo sob a regência do maestro Mario Zaccaro. Miguel Geraldí vem também se destacando pela versatilidade de seu repertório no qual constam cantatas, oratórios e óperas dos mais diversos estilos musicais.



Norbert Steidl

(Áustria/Brasil)
Barítono

Nascido em Lienz, na Áustria, é mestre

em canto pela Universidade Mozarteum em Salzburg na classe de Barbara Bonney. Em 2006 participou do Festival de Salzburgo na ópera de Mozart “Apollo et Hyacinthus” sob a regência de Josef Wallnig e da ópera “Il Matrimonio Inaspettato” de G. Paisiello também no Festival de Salzburgo sob a regência de Riccardo Muti. Apresentou-se em inúmeros concertos e recitais na Europa e Ásia. Seu repertório varia entre os papéis de óperas de Mozart, Donizetti, Puccini e Wagner. Seu repertório camerístico é vasto e inclui todos os grandes oratórios de Handel, Bach, Haydn, Mendelssohn, Fauré, e canções de Haydn, Mozart, Schubert, Beethoven, Schumann, Brahms, Mahler, Wolf, Korngold, Berg, Sulzer, Bialas e muitos outros também, com obras de Lassus, Palestrina, Monteverdi e Schütz.



Norton Morozowicz

(Paraná)
Regente

O flautista e regente Norton Morozowicz,

reconhecidamente um dos mais importantes músicos do Brasil, é hoje membro da Academia Brasileira de Música. Detentor

de brilhante carreira como instrumentista, solista e camerista, apresenta-se constantemente com renomados artistas nacionais e internacionais inclusive com o maior flautista de todos os tempos - Jean Pierre Rampal com quem fez inesquecível parceria em memoráveis recitais e concertos. Nas décadas de 1980 e 1990 realizou inúmeras excursões pelo Brasil, Europa, Estados Unidos e Canadá como Flautista-Solista da Orquestra Sinfônica Brasileira durante 17 anos. Como Regente tem dirigido as principais Orquestras do país, como: Sinfônica Brasileira, Sinfônica Nacional, Sinfônica de São Paulo, da USP, de Campinas, Curitiba, Brasília, Porto Alegre e Salvador, Jazz Sinfônica e Banda Sinfônica de São Paulo, entre outras. Fundou a Orquestra de Câmara de Blumenau, que, sob sua direção, tornou-se uma referência brasileira de música de qualidade, com abrangência nacional e internacional. Foi o criador do Festival de Música de Londrina. Idealizou e dirigiu os Festivais de Música de Câmara de Blumenau. Foi ainda Professor Titular e Notório Saber da Escola de Música



Osvaldo Colarusso

(São Paulo/Paraná)
Regente

Nasceu em 1958 na cidade de São Paulo.

Estudou trompa com Enzo Pedini na escola municipal de música e posteriormente regência com Eleazar de Carvalho. De 1976 a 1980 estudou composição com Michel Philippot, no Brasil e na França. Posteriormente aperfeiçoou-se em regência de orquestra com o Maestro russo Genady Roshdestvensky na Accademia Chigiana de Siena. De 1980 a 1985 foi maestro do Coral Lírico do Teatro Municipal de São Paulo, com o qual realizou memoráveis execuções do Réquiem de Brahms, “Les

Noces” de Igor Stravinsky, Missa em Dó menor de Mozart, etc. Foi premiado duas vezes pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA). De 1985 a 1998 foi Maestro da Orquestra Sinfônica do Paraná, com a qual realizou mais de 250 récitas entre concertos, óperas e balés, além de ter gravado com a mesma um CD com obras de Heitor Villa-Lobos. Desde 1980, tem atuado frente às principais orquestras do país como maestro convidado. Nos últimos anos tem atuado de forma regular com as três principais orquestras do Rio de Janeiro, tendo estreitado laços com a Petrobras Sinfônica, com quem atua como convidado desde 1999 e com a Orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Nesses seus mais de 500 concertos regidos, Colarusso já atuou com solistas do nível de Mikhail Rudi, Nelson Freire, Vadim Rudenko, Arnaldo Cohen, Arthur Moreira Lima, Gilberto Tinetti, Marco Antonio de Almeida, Dang Thai Son, David Garret e Miha Pogagnick. Osvaldo Colarusso já atuou nos principais Festivais de Música do País: Campos do Jordão, Curso de Verão de Brasília e Festival de Música de Londrina, do qual foi diretor artístico. O repertório de Osvaldo Colarusso é extremamente vasto, com destaque para os grandes clássicos do século XX. Regeu primeiras audições mundiais de obras de José Penalva, Livio Tragtemberg, Ricardo Tacuchian e Ernest Widmer, entre muitos outros. Realizou primeiras audições brasileiras de obras de Hindemith, Arnold Schoenberg, Anton Webern, Michel Tippert e B. A. Zimmerman. Na temporada de 2005, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, regeu a primeira montagem brasileira de Erwartung, de Arnold Schoenberg, e do mesmo autor regeu Pierrot Lunaire, no Festival de Lenzburg, na Suíça. Além de atuar como regente, desenvolve atividades como produtor e apresentador de programas de Música Clássica na Emissora Estadual do Paraná e mantém uma classe de Harmonia e Análise.



Papo Coral

O Papo Coral, coro de Curitiba que estreou

em 2002, desenvolve diferentes repertórios: clássicos, populares e étnicos. Está sob a regência de Cristiane Alexandre e regência auxiliar de Julia Saggin e Paula Harada, integrantes e fundadoras. O grupo organiza-se em 03 grupos: O Papo de Anjo, grupo de iniciação musical, o Papo Coral Infantil e o Papo Coral infante juvenil. Entre os principais trabalhos do Papo Coral estão participações em obras de destaque da música universal como: A Ceremony of Carols de Britten, L'Enfant et l'Ês Sortilèges de Ravel, Rig Veda de Gustav Holst, os espetáculos O Beco, um arranjo operístico em um ato e Mestre!?! Oops! com cenas de diversas óperas de Rossini, Telemann, Pergolesi, Mozart, Ravel, Britten, Verdi, Humperdinck, Bizet e Puccini. Destacam-se também os intercâmbios internacionais: Em 2015, com o Coro da Catedral de Notre Dame e Maitrise da Radio France em Paris em 2008, em Portugal com uma turnê por Coimbra, Arazede, Tentugal e Lisboa.



Paulo Mestre (Paraná) Contratenor

Natural de Curitiba (Brasil), Paulo Mestre vem desenvolvendo

importante carreira como solista. Destacando-se em apresentações internacionais em Washington com a Camerata Antiqua de Curitiba, da qual participou durante vários anos. Na França: em Pau, como convidado pela UNICEF, em Paris e Metz sob a regência de Ricardo Kanji, no ano do Brasil na França, e em turnê com o grupo Calíope no mesmo país. Com o mesmo grupo na Fundação

Gulbenkian em Lisboa e Espanha e também no festival de Chiquitos na Bolívia. No Canadá, Alemanha, Israel, Costa Rica. Uruguai. Argentina: em Buenos Aires, Córdoba, Rosario e Mendoza. No Brasil vem atuando em Festivais de Música Antiga do Rio de Janeiro, Curitiba e Juiz de Fora, em recitais com Marília Vargas, Nicolau Figueiredo, Marcelo Fagerlande, Bruno Procópio ao cravo e José Luiz de Aquino organista, e como solista de importantes orquestras dentre as quais: a Orquestra Jovem das Américas, OSESP, Sociedade Bach, Orquestra da USP, Orquestra de Câmara da UNESP, Orquestra de Câmara da ULBRA (Rio Grande do Sul), Orquestra do Teatro São Pedro (SP), Sinfônica do Rio de Janeiro, Orquestra da Petrobras, Sinfônica de São Paulo, Paraíba, Pernambuco, Paraná e de Ribeirão Preto. Com grupos especializados em Música antiga, como: Arte barroca (SP), Armônico Tributo (Campinas-SP), Roberto de Regina (Curitiba), Benedictus (Rio de Janeiro), Tábula (Brasília), Calíope (Rio de Janeiro), Orquestra de Ouro Preto (Minas Gerais). Em ópera cantou como protagonista o Orfeu de Gluck em Mendoza, como Sperança no Orfeu de Monteverdi, no Rio de Janeiro, em Curitiba como Ptolomeu na ópera Júlio César de Haendel. E em ópera composta por Marcos Lucas no Rio de Janeiro e Brasília – O Pescador e sua Alma, no papel de Alma.



Renet Lyon (Itália/Brasil) Ator

Ator, cantor, compositor, músico, dublador e locutor. Participou da temporada de diversos espetáculos e foi dirigido por muitos diretores importantes como: Mauricio Vogue, Del Rangel, Roberto Talma, Sergio Ortêncio, Anderson Jader, Fernanda Morini, Guto Pasko, Elaine Martochio, Agy Campos, Hugo

Mengarelli, Leticia Guimarães, entre outros. Realizou workshops de TV e Cinema com a diretora global Cininha de Paula, com o ator autor e diretor francês Thomas Quillardet, com o diretor francês Pierre Pradinas. Curso de Interpretação para Cinema e TV com Fátima Toledo. Dança Contemporânea - Carmen Jorge e Carla Domingues; Reciclagem de Vídeo e TV, com o diretor Guto Pasko; curso O Ator Criador - ACT, com o ator Luís Mello 2007. Curso de dublagem com Maira Góes e Marcelo Garcia. Curso de bateria - Walmir Pegas. Tango - Salet Ucachinski e André Meirelles. Acrobacia - Solo e Aéreo - Luis Borges. Locução - com o jornalista e radialista Marcelo Cabral. Curso de Interpretação no Cinema com o ator e cineasta norte-americano Joshua Leonard, conhecido por seu papel em “As Bruxas de Blair”. O Ator Cômico - Escola do Ator Cômico - Mauro Zanata. Curso Livre de Teatro - Cia do Abração - Gerson Andrade. Curso com Carlos e Joyce Todeschine do Coral Curumim, curso de Esgrima com o ex-técnico da Seleção Brasileira Giocondo Cabral. Estudou saxofone com Paulo Branco e Marcio Schuster, Piano com René Rabello. Trabalha com cinema, televisão, vídeo, teatro, publicidade e internet.



Reynaldo Puebla (São Paulo) Voz em Movimento

Ator e Diretor de Teatro formado no

Conservatório Municipal de Teatro da Cidade de Mendoza, Argentina. Notório Saber de Ator e Diretor - SATED SP, Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão de São Paulo. Diretor do Grupo de Teatro Persona da Cooperativa Paulista de Teatro. Diretor cênico do Coral UNIFESP desde 1997. Diretor Cênico do Instituto Baccarelli com jovens da Comunidade de Heliópolis – SP, de 2003

a 2007. Criador do Projeto Coral Cênico “Fazendo Arte na Escola” – Prefeitura de Taboão da Serra. Dirige o Projeto Canto em Movimento em Escolas do SESI Educação, São Paulo. Diretor Cênico do Laboratório Coral de Itajubá - MG desde 1987. Diretor Cênico do Laboratório Coral de Nova Petrópolis – RS, desde 2011 – (1a Edição).



Rhenan Queiroz

(São Paulo/Paraná)

Dramaturgo, figurinista e cenógrafo

Realizou diversos Ensinos Técnicos, a saber: Arte Dramática no Colégio Estadual do Paraná, Ensino Técnico no Curso Técnico em Edificações na Escola Técnica Estadual ETE Júlio de Mesquita – Santo André – SP, Ensino Técnico em Artes Visuais – Fundação das Artes – São Caetano do Sul – SP, Superior Incompleto – Graduação em Zootecnia – Universidade Federal do Paraná – Curitiba – PR. Realizou os seguintes trabalhos na área do teatro como Dramaturgo. Em 2011: Do Barroco ao Contemporâneo – uma comédia musical. Em 2012: Os Saltimbancos - Texto: Chico Buarque / Adaptação: Rhenan Queiroz / Direção: Mauricio Vogue. O Santo Cristo – Roteiro de um anti-herói. Em 2013: Algum pontinho no Caminho entre o céu e a terra, Os fantásticos Equilibristas, A megera domada e Shakespeare se revirando no túmulo, O diário musical da bailarina, com a Camerata Antiqua de Curitiba. Já em 2014: Rapunzel e mais alguma história cabeluda, Joaquim e a escola imaginária da música, com a Camerata Antiqua de Curitiba, Música do portão pra dentro - MPB para crianças, Sarah, uma rosa para Joaquim, A diva e o maestro sem concerto, Kiki fabrica Asas – Espetáculo realizado em parceria com a Fundação Solidariedade e Centro Volvo Ambiental,

todos os espetáculos foram elaborados com texto de Rhenan Queiroz e Direção cênica de Mauricio Vogue. Foi indicado ao Troféu Gralha Azul nas seguintes edições: Em 2013 - Indicado nas categorias de melhor texto original e melhor cenário por: Algum pontinho no Caminho entre o céu e a terra e pelo Os fantásticos Equilibristas (espetáculo ganhador nas categorias: Melhor direção para Mauricio Vogue e melhor espetáculo infantil). No ano de 2014 foi indicado na categoria de melhor texto original por: Música do portão pra dentro - MPB para crianças” (Espetáculo ganhador nas categorias: Melhor direção para Mauricio Vogue e melhor espetáculo infantil)



Roberto de Regina

(Rio de Janeiro)

Regente e Homenageado

Estudou música antiga com membros da Pró-Música de Nova York, regência coral com Robert Shaw e construção de cravo com Frank Hubbard. Fundou os grupos de música antiga: o Coral Bach do Teatro do Estudante, Coral Bach de O Tablado, Coro de Câmara Dante Martinez, Conjunto Roberto de Regina e a Camerata Antiqua de Curitiba (coro e orquestra). Roberto de Regina é o responsável pela construção do primeiro cravo brasileiro e pela gravação dos dois primeiros discos de cravo e música antiga no país. Embora seja amplamente reconhecido como um dos maiores cravistas do Brasil, com 26 álbuns e 5 DVDs gravados, Roberto de Regina possui também outras facetas menos divulgadas: é médico anestesista, profissão que exerceu durante anos, paralelamente à música e também um exímio artesão. Sua coleção de miniaturas, reunidas desde a infância, estão expostas em um museu aberto ao público, para visitas agendadas. Chamado de Museu Ronaldo J. Ribeiro, situa-se em

sua própria residência, um sítio em Guaratiba, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Boa parte das miniaturas é confeccionada pelo próprio músico. Destaques da coleção: uma maquete de uma cidade europeia fictícia, com teatros, cinemas, igrejas e bondes; automóveis antigos e aviões (inclusive o 14 Bis, de Santos Dumont e a Kitty Hawk, dos Irmãos Wright); embarcações como a Barca do Sol (usada no funeral do faraó Quéops, em 4500 A.C.) e a esquadra de Pedro Álvares Cabral; catedrais e castelos, como o Krak des Chevaliers, localizado na Síria.



Rosana Lamosa

(Rio de Janeiro)

Soprano

A carioca Rosana Lamosa é uma das mais importantes sopranos brasileiras, sendo reconhecida pela crítica e meio cultural, que lhe agraciaram com os Prêmios APCA (1996), Carlos Gomes (998 e 2002) e a Ordem do Ipiranga (2010), no grau de Comendadora. Presença frequente nos principais palcos de ópera, esteve em memoráveis montagens de La Traviata, L'elisir d'amore, Carmen, La Bohème, Romeo et Juliette, Don Giovanni e Le Nozze di Figaro. Foi Manon na célebre produção do Festival Amazonas de Ópera, onde também participou da primeira produção brasileira do Anel do Nibelungo de Wagner. Cantou O Guarany em Lisboa, Armide no Festival de Buxton na Inglaterra, Rigoletto nos EUA. Tem atuado também como concertista, com apresentações no Carnegie Hall e no Concert Hall de Seoul. Protagonizou as estreias brasileiras de Magdalena de Villa-Lobos, Alma de Claudio Santoro e, ainda, A Tempestade de Ronaldo Miranda. Apresentou-se para o Papa João Paulo II, durante sua visita ao Brasil, e na 9ª Sinfonia de Beethoven, sob regência de Kurt

Masur. Recentemente esteve nos papéis de Melisande, Mimi, Violetta, Juliette e Marie em La Fille du Regiment, Lucia de Lammermoor, Norina em Don Pasquale, Rosalinde em Die Fledermaus, Anne Truelove em The Rake's Progress, Nannetta em Falstaff e Viúva Alegre. Sua discografia inclui: Jupyra com a OSESP (BIS), Bachianas Brasileiras (Naxos), Canções do Amor (Quartz), Missa de Nossa Senhora da Conceição com a OSB (Biscoito Fino).



Simone Leitão

(Minas Gerais)

Piano solo e direção musical

A dinâmica pianista brasileira é fundadora da agência Brasil Clássica, idealizadora do projeto Academia Jovem Concertante e da Semana Internacional de Música de Câmara do Rio de Janeiro, uma Semana de Música do Rio. Paralelamente tem uma carreira como recitalista, camerista e solista de orquestras nas Américas, Europa e Ásia. A artista, mineira de Caratinga, é uma das pianistas brasileiras mais atuantes do atual cenário nacional. Reconhecida por seu intenso temperamento, capacidade técnica e direção rítmica, vem ganhando notoriedade por divulgar a música de concerto brasileira. Além disso, tornou-se um referencial no panorama musical por idealizar empreendimentos culturais de música erudita no Brasil. Simone se dedica especialmente ao repertório de Bach, Prokofiev, Rachmaninoff, compositores das Américas e obras contemporâneas brasileiras escritas especialmente para ela. Mantém uma agenda internacional e se apresenta nas principais salas anualmente, entre elas o Carnegie Hall, Sala Cecília Meireles e Sala São Paulo. Já trabalhou como solista ao lado das orquestras Sinfônica de Miami, Amazonas Filarmônica, Neojibá, Sinfônica Heliópolis, Filarmônica do Espírito Santo e Sinfônica de Barra Mansa, em



que esteve sob a batuta dos maestros Eduardo Marturet, Ricardo Castro, Apo Hsu, Daniel Guedes, Guilherme Bernstein, Helder Trefzger e Luiz Fernando Malheiro. Em 2010, fez uma bem-sucedida turnê pela China em seis cidades, tendo ministrado master classes para os alunos do Conservatório de Pequim e da Universidade de Qindao. Lançou seu primeiro CD, com obras de Ginastera, Beethoven e Andre Mehmari, distribuído pelo selo americano MSR Classics, marcado por extensa turnê pelo Brasil e Estados Unidos. Em 2013 realizou turnê nacional com a Orquestra Sinfônica de Barra Mansa, regida pela taiwanesa Apo Hsu e pelo brasileiro Guilherme Bernstein, que se tornou a base do documentário Pare, Olhe e Escute, dirigido por Katia Lund, com supervisão de Laís Bodanski. Em 2016 preparou seu novo álbum dedicado a obras de Bach, que está gravando na Noruega. Simone Leitão obteve seu Doutorado em Piano Performance e História da Música pela Universidade de Miami, Mestrado pela Academia de Música da Noruega e o Bacharelado em Música pela Uni-Rio. Especializou-se nas obras para piano e orquestra de Villa-Lobos. Em Miami foi aluna de Ivan Davis, famoso discípulo de Horowitz, na Noruega estudou com Geir Beaten, e no Brasil trabalhou com Linda Bustani e Homero Magalhães.



Tobias Volkmann

(Rio de Janeiro)

Regente

Maestro Titular da Orquestra Sinfônica

do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e Principal Regente Convidado da Orquestra Sinfônica Nacional UFF a partir de 2016, Tobias Volkmann é um dos destaques da nova geração de regentes orquestrais do Brasil. Desde a conquista dos principais prêmios concedidos no Concurso Internacional de Regência Jorma Panula 2012 na Finlândia e do

Prêmio de Público no Festival Musical Olympos de São Petersburgo em 2013, Volkmann vem atraindo atenção para uma carreira internacional em ascensão. Em dezembro de 2015 estreou na célebre sala do Gewandhaus de Leipzig como convidado da temporada oficial do Coro e Orquestra Sinfônica da Rádio MDR, concerto que foi o ponto alto de uma temporada com sucessos de público e crítica. No Theatro Municipal do Rio de Janeiro esteve à frente da montagem de As Bodas de Figaro, escolhida pela imprensa carioca como um dos dez melhores espetáculos do ano. Ainda no TMRJ, a direção musical do balé Apoteose da Dança – coreografia de Ulwe Scholz para a Sétima Sinfonia de Beethoven – e um programa francês com música de Dukas, Ravel e Debussy tiveram ótima acolhida. A temporada marcou ainda a estreia alemã à frente da Orquestra Sinfônica de Brandemburgo em concerto de música brasileira com a harpista Cristina Braga e quinteto, cujo registro foi lançado internacionalmente em 2016. Como regente convidado, esteve à frente de importantes orquestras europeias e sul-americanas, entre as quais se destacam a Orquestra Sinfônica do Porto Casa da Música, Orquestra Sinfônica Estatal do Museu Hermitage e Orquestra Sinfônica Estatal de São Petersburgo, Orquestra Sinfônica do Chile e Orquestra Petrobras Sinfônica. Compromissos de 2016 incluíram as estreias como convidado da Orquestra Sinfônica do Paraná e da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais. Apresentou-se ainda em concertos com as orquestras sinfônicas de Vaasa e Jyväskylä (Finlândia), Orquestra Lyatoshinsky de Kiev, Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, Sinfônica Municipal de Campinas e Orquestra Sinfônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É convidado frequente nas temporadas da Orquestra Sinfônica da Universidade de Cuyo em Mendoza (Argentina). Em temporadas anteriores do Theatro Municipal do Rio de

Janeiro, esteve à frente dos balés La Bayadère e Coppelia e do acompanhamento para os filmes mudos Nosferatu (Murnau) e O Garoto (Chaplin) – espetáculos da série Música & Imagem. Tendo a versatilidade como principal qualidade artística, Tobias Volkmann se mostra igualmente à vontade no repertório sinfônico, coral, no teatro de ópera e balé e na música para cinema. Com especial atenção à música contemporânea, dirigiu estreias nos EUA, Rússia e Brasil. Realizou sua formação com grandes nomes da regência em master classes internacionais ministrados por Kurt Masur, Jorma Panula, Ronald Zollman, Isaac Karabtchevsky, Guillermo Scarabino e Fabio Mechetti. Estudou regência na Universidade Federal do Rio de Janeiro com André Cardoso e concluiu mestrado em regência orquestral na Universidade Carnegie Mellon de Pittsburgh (EUA), sob orientação de Ronald Zollman.

DIRETORES ARTÍSTICOS DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA



Winston Ramalho

(Paraná)

Spalla e Diretor Musical da Orquestra

Começou a estudar violino aos oito anos. Foi orientado no Brasil e no exterior pelos professores Hildegard Soboll, Marco Damm, Elisa Fukuda, Wolfgang Redik, Naoko Tanaka e da famosa pedagoga Dorothy DeLay na Juilliard School de Nova York. Posteriormente foi aluno e assistente do consagrado professor e solista Tibor Varga na Universität für Musik und Darstellende Kunst Graz na Áustria. Foi primeiro lugar de vários concursos nacionais e internacionais, entre eles o Jovens Instrumentistas do Brasil, I e II Concurso Paulo Bosio, Concurso Jovens Solistas da Osesp, Prêmio Jovem Talento do

Soroptimist International of the Americas, Prêmio do Público no Shell Competition for Young Musicians em Londres. Foi membro e violinista convidado das Orquestras Sinfônica do Paraná, Orquestra Sinfônica de São Paulo, Grazer Synphonishes Orchester, Recreation Orchester Graz, Orquestra Filarmônica de Viena, Orquestra de Câmara de Viena. No ano de 2008 foi Diretor Artístico da série de Concertos Internacionais no Mosteiro de São Bento, e no ano de 2009 foi também curador da série de concertos internacionais "Clássicos dos Clássicos" realizada no Teatro da União Cultural Brasil-EUA. Na temporada 2011 apresentou-se como camerista na série de concertos da Fundação Oscar Americano em São Paulo, Centro Cultural São Paulo, Teatro Positivo e Capela Santa Maria, em Curitiba, e no 31º Festival de Música de Londrina. É professor de violino da Oficina de Música de Curitiba. Desde 2014, é spalla e Diretor Artístico da Camerata Antiqua de Curitiba e da Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba.



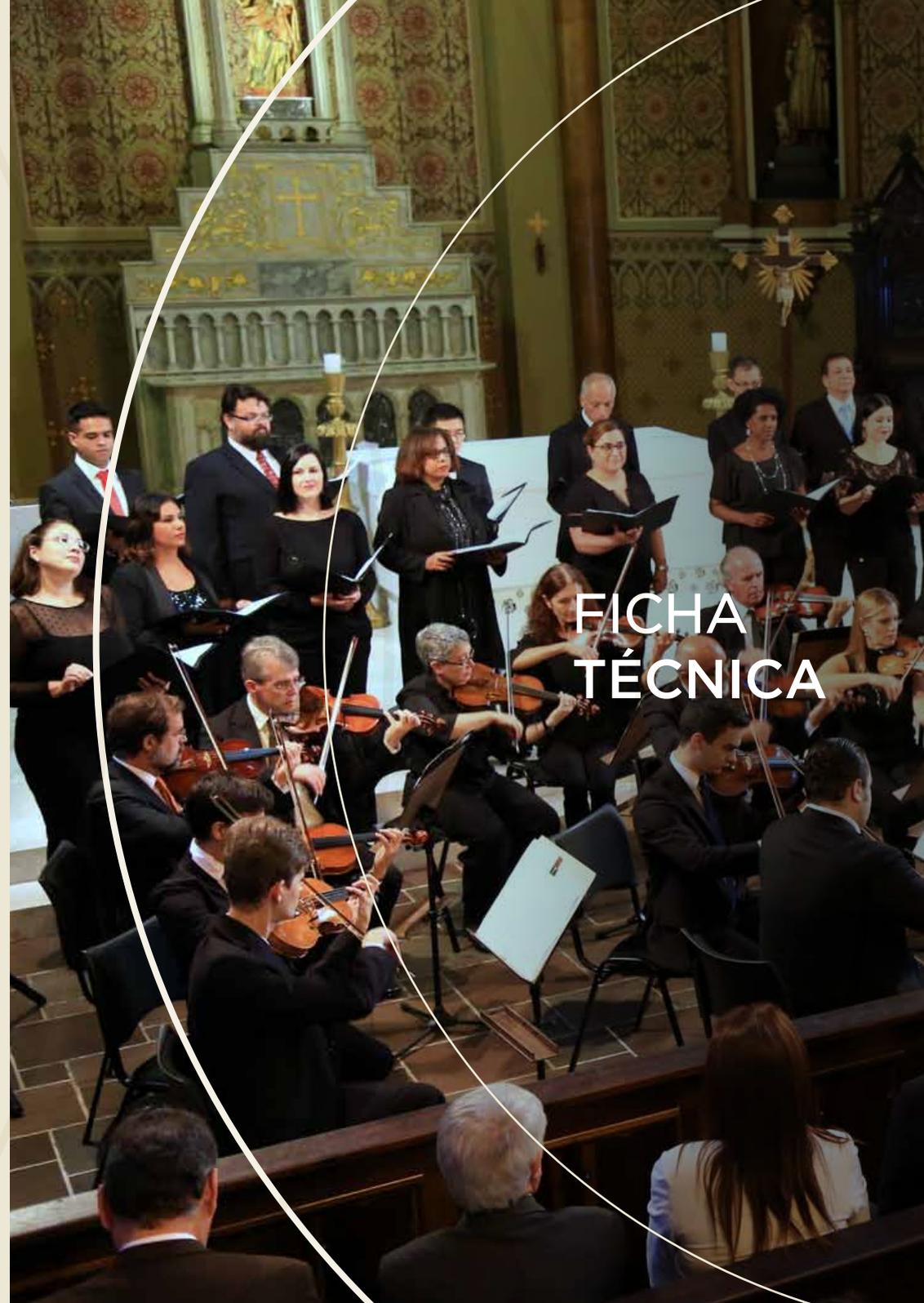
Mara Campos

(São Paulo)

**Diretora Musical e
Regente do Coro**

Regente coral desde 1978, formando e dirigindo inúmeros conjuntos, como: CORALUSP, Coral da Aliança Francesa, Coral da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Coral do Portal, Grupo Som-A-Pino, Coral Paulistano do Theatro Municipal de São Paulo e os Corais Infantil e Juvenil da Escola Municipal de Música. Mara Campos recebeu orientação de Adriana Ribeiro e Maria Luiza Carvalho, Benito Juarez, Hugg Ross, Henrique Gregori, J. E. Gardiner, Beth Pinheiro, Osvaldo Lacerda e Damiano Cozzella, além dos cantores Lucia Passos

e Fernando Carvalhaes. Integrou o Projeto Villa-Lobos de Canto Coral - INM/FUNARTE e foi professora de Regência e Canto Coral em 20 edições da Oficina de Música de Curitiba. Regente convidada dos coros ingleses BBC Singers, New College e The Sixteen, do conjunto Vox Brasiliensis, da instalação coral Concerto Concreto da Bienal "A Trama do Gosto" e da gravação do CD Villa-Lobos, em Paris (França), respondeu pela criação e direção musical dos espetáculos ZAP - O Resumo da Ópera e Coro dos Contrários - 22. Mara Campos criou e coordenou os Festivais de Coros da Aliança Francesa, Igreja São Francisco, Grupo Pão de Açúcar e o Encontro de Coros Camargo Guarnieri do Festival do Theatro Municipal de São Paulo. Integra o Projeto Canto em Movimento junto a escolas de ensino fundamental do SESI em São Paulo, e é professora de regência e canto coral da Faculdade de Música Cantareira e da FITO - Conservatório Villa-Lobos. Mara Campos é Diretora Musical e Regente do Coro da Camerata Antiqua de Curitiba.



FICHA TÉCNICA

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Maestro Emérito

Roberto de Regina

ORQUESTRA

Violinos I

Winston Ramalho (spalla)
Ricardo Molter (concertino)
Atli Ellenderson
Marco Damm
Paulo Hübner
Vitor Andrade

Violinos II

Francisco de Freitas Jr. (chefe de naipe)
Moema Cit Meyer
Silvanira Bermudes
Vanessa Savytzky Schiavon
Walter Hoerner

Violas

Alexandre Razera (chefe de naipe)
Aldo Villani
Denis Gonçalves Castilho
Helena Alice Carollo Damm
Roberto Hübner

Violoncelos

Faisal Hussein (chefe de naipe)
Estela de Castro
Klaiton Laube
Thomas Jucksch

Contrabaixo

Martinho Lutero Klemann

Spalla e Diretor Musical

Winston Ramalho

Ensaaiador

Alexandre Razera

CORO

Sopranos

Darci Almeida
Luísa Favero
Luciana Melamed
Naura Sant'Ana
Sílvia Suss Marques

Contraltos

Ariadne Oliveira
Cissa Duboc
Daniele Oliveira
Fátima Castilho
Mirta Schmitt

Tenores

Alexandre Mousquer
Lucio Hossaka
Maico Sant'Anna
Marcos Brito
Sidney Gomes

Baixos

Ademir Maurício
Cláudio de Biaggi
Fernando Klemann
José Brazil
Marcelo Dias

Regente e Diretora Musical

Mara Campos

Orientadora Vocal

Denise Sartori

Pianista Correpetidora

Clenice Ortigara

Ensaiaadores

Clenice Ortigara
Maico Sant'Anna

FICHA TÉCNICA DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Conselho Artístico

Alexandre Mousquer
Darci Almeida
Francisco de Freitas Jr.
Janete Andrade
Mara Campos
Marcelo Dias
Martinho Lutero Klemann
Marino Galvão Jr.
Winston Ramalho

Coordenadora Executiva

Darci Almeida

Coordenador da Orquestra

Martinho Lutero Klemann

Coordenador do Coro

Marcelo Dias

Representante da Orquestra

Francisco de Freitas Jr.

Representante do Coro

Alexandre Mousquer

Arquivista/copista

Cornelis Kool

Coordenador Administrativo e de Produção

Agnaldo Oliveira

Assistentes de Produção

Alício Cardoso
Altair de Oliveira
Luciano Antunes
Valdecir Pereira

FICHA TÉCNICA INSTITUCIONAL PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA

Prefeito

Rafael Greca de Macedo

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA

Presidente

Marcelo Cattani

Superintendente

Ana Cristina de Castro

Diretor de Ação Cultural

José Roberto Lança

Diretor Administrativo e Financeiro

Cristiano Augusto Solis de Figueiredo Morrissy

Diretora de Incentivo à Cultura

Loismary Ângela Pache

Diretor de Patrimônio Histórico Artístico e Cultural

Marcelo Sutil

INSTITUTO CURITIBA DE ARTE E CULTURA

Diretor Executivo

Marino Galvão Jr.

Coordenadora de Música FCC/ICAC

Janete Andrade

Assessoria

Andréia Evangelista

Gerente Administrativo/Financeiro

Maria Eduarda Rigos Maia Prata Bahls

Assessoria Jurídica

Simone Konitz

Assessoria de Música

Márcia Squiba

Analista Contábil

Willian de Lima Paula

Comunicação

Viridiana de Macedo

Projeto Gráfico

Clarice Midori Umezaki Iwashita

Revisão de Textos

Carla Anete Berwig (FCC)

Fotos

Alice Rodrigues e Cido Marques (FCC)
Gilson Camargo
Jaqueline de Bem Hirano

Diagramação de programas e filipetas (FCC)

Aparecido Oliveira

ENDEREÇOS DOS CONCERTOS

**Capela Santa Maria Espaço Cultural
Instituto Curitiba de Arte e Cultura**
Rua Conselheiro Laurindo, 273 - Centro
Curitiba PR - CEP 80060-100
Informações: (41) 3321-2840
www.icac.org.br

**Catedral Basílica Menor Nossa
Senhora da Luz dos Pinhais**
Praça Tiradentes, s/nº - Centro
Informações: (41) 3324-5136

Comunidade do Redentor
Rua Trajano Reis, 199
- São Francisco
Informações: (41) 3223-4745

Igreja Batista do Bacacheri
Rua Amazonas de Souza Azevedo, nº 134
- Bacacheri
Informações: (41) 3363-0327

Paróquia Bom Pastor
Rua Victorio Viezzer, 810 - Vista Alegre
informações: (41) 3335-5552

Paróquia Nossa Senhora Aparecida
Av. Nossa Senhora Aparecida, 1637 - Seminário
Informações: (41) 3274-3477

Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora
Rua Araçongas, 1399 - Sítio Cercado
Informações: (41) 3349-4925

Santuário Nossa Senhora do Carmo
Av. Marechal Floriano Peixoto, 8520 - Boqueirão
Informações: (41) 3276-1936

Paróquia São José de Santa Felicidade
Av. Manoel Ribas, 6252 - Santa Felicidade
Informações: (41) 3372-1417

Paróquia São José de Vila Oficinas
Rua Raul de Oliveira, 185 - Vila Oficinas/Cajuru
Informações: (41) 3266-1573

Paróquia São Francisco de Paula
Rua Desembargador Motta, 2.500 - Centro
Informações: (41) 3223-7924

Santuário Nossa Senhora de Guadalupe
Praça Senador Correia, 128 - Centro
Informações: (41) 3233-4884

Santuário Santa Rita de Cássia
Rua Padre Dehon, 728 - Vila Hauer
Informações: (41) 3276-2075

Paróquia São Marcos
Rua Roberto Gava, 310 - Pilarzinho
Informações: (41) 3338-4450

Ingressos

www.aloingressos.com.br

Gratuito

- *Concertos nas Igrejas*
- *Música pela Vida*
- *Ensemble de Cordas da Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba*
- *Semana de Música de Câmara Coral do Coro da Camerata Antiqua de Curitiba*
- de 22 a 25 de novembro

R\$30 e R\$15*

- *Programação na Capela Santa Maria – Espaço Cultural*
(* exceto II Semana de Canto Coral Henrique de Curitiba
- 20 a 25 de junho, R\$10 e R\$5)
-

www.camerataantiqua.org.br
www.icac.org.br

Fundação Cultural de Curitiba
Rua Engenheiro Rebouças,
1732 - Rebouças
Curitiba PR - CEP 80230-040
Informações: (41) 3213-7500
www.fundacaoculturaldec Curitiba .com.br

Atenção - Programação sujeita a alteração sem aviso prévio.